

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PIBID/UFAC

Geórgia Pereira Lima
Bianca Martins Santos
Franciana Carneiro de Castro
(orgs.)



Edufac

Formação de Professores no Pibid/Ufac

Organizadoras:

Geórgia Pereira Lima
Bianca Martins Santos
Franciana Carneiro de Castro

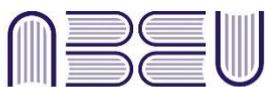
Formação de Professores no Pibid/Ufac

Organizadoras:

Geórgia Pereira Lima
Bianca Martins Santos
Franciana Carneiro de Castro



Direitos exclusivos para esta edição:
Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),
Campus Rio Branco, BR 364, Km 4,
Distrito Industrial – Rio Branco-AC, CEP 69920-900
E-mail: edufac.ufac@gmail.com / edufac@ufac.br
Feito Depósito Legal
Editora Afiliada:



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Organizadoras:
Geórgia Pereira Lima
Bianca Martins Santos
Franciana Carneiro de Castro

Formação de Professores no Pibid/Ufac



Formação de Professores no Pibid/Ufac

ISBN: 978-65-990441-1-3

Copyright © Edufac 2020

Geórgia Pereira Lima, Bianca Martins Santos e Franciana Carneiro de Castro
(organizadoras.)

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac

Rod. BR364, Km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre

Coordenador Geral da Edufac

Rafael Marques Gonçalves

CONSELHO EDITORIAL

Rafael Marques Gonçalves (Pres.), Carromberth Carioca Fernandes, Délcio Dias Marques, Esperidião Fecury Pinheiro de Lima, Humberto Sanches Chocair, José Porfiro da Silva (Vice-Pres.), José Sávio da Costa Maia, Leandra Bordignon, Lucas Araújo Carvalho, Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Rodrigo Medeiros de Souza, Rozilaine Redi Lago, Selmo Azevedo Apontes, Sérgio Roberto Gomes de Souza, Silvane da Cruz Chaves, Simone de Souza Lima

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Editora de Publicações

Jocília Oliveira da Silva

Diagramação

Rafael Marques Gonçalves

Arte da Capa

Ascom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

F723f Formação de professores no Pibid/Ufac / organizadoras Georgia Pereira Lima, Bianca Martins Santos, Franciana Carneiro de Castro. – Rio Branco: Edufac, 2020.
187 p.: il. color

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-990441-0-6

1. Formação de professores. 2. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – Universidade Federal do Acre. 3. Iniciação à docência. I. Lima, Georgia Pereira (org.) II Santos, Bianca Martins (org.) III. Castro, Franciana Carneiro de (org.) VI. Título.

CDD 370.7109112

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo - CRB 11º/1003



Coordenadora Institucional Pibid/Ufac

Geórgia Pereira Lima

Coordenadores dos Subprojetos Pibid/Ufac (área)

Anderson Azevedo Mesquita (Geografia)
Armstrong da Silva Santos (História)
Bianca Martins Santos (Física)
Edcarlos Miranda de Souza (Matemática)
Franciana Carneiro de Castro (Pedagogia)
Gisela Maria de Lima Braga Penha (Língua Portuguesa)
Jeane Maria Moura Costa (Educação Física)
João Silva Lima (Filosofia)
José Dourado de Souza (História)
Maysa Cristina da Silva Dourado (Língua Inglesa)
Rogerio Antônio Sartori (Química)
Rusleyd Maria Magalhães de Abreu (Biologia)
Salette Maria Chalub Bandeira (Matemática EAD)

Secretária Pibid/Ufac

Évlin Guimarães

Email: ufac.pibid@gmail.com

Apoio

PROGRAD/Ufac

Diretoria de Ensino da SEE/AC

Shirley de Souza Fernandes

Elásio de Souza Oliveira

Apresentação

O Pibid é um programa nacional, concebido e implementado no âmbito do MEC/Capes, mediante o envolvimento direto das Universidades, dos sistemas de educação que têm objetivos e metas centrados no processo de ensino/formação docente (Licenciaturas), numa estreita relação com a educação básica (escolas) na medida em que potencializa a inserção qualificada (sob orientação docente) dos estudantes das licenciaturas nas escolas públicas, de modo a possibilitar, desde o início da formação superior, vivências pedagógicas imprescindíveis à valorização do magistério.

Neste sentido, as reflexões advindas principalmente da imersão de bolsistas de Iniciação à Docência (IDs) vinculada aos subprojetos das diversas áreas de formação da Universidade Federal do Acre (Ufac), a partir do Projeto Institucional, compõem esta obra como forma de atender os objetivos de articular internamente entre si o processo de aperfeiçoamento de ações formativas de iniciação à docência em nível superior para educação básica, oportunizando uma formação do professor reflexivo por meio do ensino-pesquisa-extensão, ao expor sob diferentes prismas os diálogos de entrecruzamentos dos saberes e fazeres das/nas dimensões teórico-metodológicas de processos de aprendizagens da docência realizadas no período de 2018/2019 mediante as perspectivas do Pibid/Ufac.

Desta forma, os estudos e reflexões aqui apresentados mostram sob diferentes “olhares” a dinâmica de escolas parceiras do Pibid/Ufac revelando as complexidades próprias de constituição de aprendizagens significativas na/da formação de educadores/professores realizada pelos subprojetos Pibid/Ufac.

Assim, as vivências didático-pedagógicas representaram aos envolvidos diversos sentidos, emoções de significados e ressignificados de práticas pedagógicas efetivadas nas unidades de ensino articuladas as diretrizes nacionais curriculares que estabelecem a necessidade da formação docente mediante a relação (dialética) teoria e prática, tendo a escola como lócus apropriado ao processo de ensino/aprendizagem em vista da iniciação à docência. Nessa perspectiva, as

orientações dos subprojetos Pibid/Ufac demonstram a importância da sintonia da formação acadêmica com as diretrizes nacionais da política de formação/iniciação docente, em razão das experiências com ações desenvolvidas nas escolas parceiras Pibid/Ufac, num processo permanente de troca de saberes e práticas, envolvendo alunos, professores e comunidade escolar.

Isso implica pensar que as reflexões, particularmente, de propostas pedagógicas e a sala de aula são parte intrinsecamente ligadas a diretrizes, procedimentos e a gestão do Projeto Institucional (PI) no desenvolvimento das atividades tanto de/na formação aos discentes (bolsistas) quanto nas/das vivências didático-pedagógicas em escolas parceiras, especificamente quando no processo de escrita manifestam a importância do VI Seminário Pibid/Ufac que integrou Ufac/SEE/Escolas durante a realização do evento na exposição dos resultados atingidos que foram discutidos em diferentes espaços educacionais.

Porquanto, este livro é formado por textos acadêmicos em forma de “artigo” e “experiência pedagógica” dos subprojetos, dividido e estruturado em quatro partes para mostrar as articulações estratégicas do programa institucional de iniciação à docência em ações acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, mediante a interação necessária entre a instância de formação superior (Universidade Federal do Acre - Ufac) e os espaços do ensino/aprendizagem (Escolas), sem perder de vista a importância da Secretária de Estado de Educação (SEE) enquanto articuladora do dimensão do sistema educacional acreano.

Portanto, este livro do Pibid/Ufac sob o tema **Formação de Professores no Pibid/Ufac** nos aponta diversos estudos teóricos-metodológicos que os subprojetos das Áreas de Educação Física, Física, Filosofia, História, Letras Espanhol, Pedagogia e Química desenvolveram e, apresentam, sob sua responsabilidade, na forma de “artigos” organizados pela Equipe editorial da Coordenação Institucional nesta obra, em quatro partes a seguir.

A primeira parte, **Pibid e aprendizagem da docência na/da formação de professores** tem por objetivo mostrar a interação das áreas de formação inicial/continuada os subprojetos Pibid/Ufac: Química, História, Pedagogia, Língua

Espanhola e Filosofia; expõem a autonomia pedagógica desenvolvida nessas áreas que potencializaram a articulação entre teoria e prática nas dimensões de habilidades e competências para o domínio da leitura, da escrita e da expressão dos bolsistas nas diferentes áreas do conhecimento acadêmico.

A segunda parte, **Saberes e fazeres na formação de professores** tem por finalidade expor os diversos diálogos promovidos entre a universidade e a escola pública potencializados nas trocas de saberes e experiências sócio pedagógicas da cultura escolar destacando certo aprimoramento teórico-metodológico dos bolsistas em diferentes espaços de atuação profissional articuladas as ações acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, com maior enfoque aos subprojetos de Pedagogia, História e Educação Física.

A terceira parte, **Linguagens e metodologias de ensino na aprendizagem da docência na formação do Pibid/Ufac** oportuniza ao leitor uma reflexão no campo da metodologia ativa que se efetivaram na prática escolar dos subprojetos de Letra Espanhol, Química, Educação Física e História. Mostrando como os (IDs) Pibidianos lidaram com o processo ensino-aprendizagem ao aplicar metodologias, usos de novas linguagens e TCIs para práticas de aprendizagem docentes inovadoras e interdisciplinares com estratégias de intervenções que possibilitem articular o “fazer” e o “ensinar”.

E por fim, a quarta parte, sob o tema **Pibid/Ufac: entre contar e aprender o fazer pedagógico** compõe discursos do fazer pedagógico da formação que provocam um “olhar” crítico acerca das vivências de iniciação à docência realizadas por bolsistas no contexto do Ensino Médio através dos subprogramas Pibid/Ufac em Relatos de Experiências nas escolas públicas urbanas e rurais parceiras do projeto no município de Rio Branco-Ac.

Rio Branco-Acre, 15 de Janeiro 2019.

Profa. Dra. Geórgia Pereira Lima - Coord. Institucional Pibid/Ufac

Prof. Dr. João Silva Lima - Coord. de Área Pibid/Ufac

Évlin Guimarães - Técnica Pibid/Ufac

Notas iniciais

Pensar a aprendizagem da docência a partir do Pibid/Ufac este estudo aponta para questões nucleares da Formação de Professores acerca do processo pedagógico como objeto de estudo, investigação e intervenção que se caracteriza numa dimensão científica supervisionado do ensino-pesquisa.

Assim, a formação inicial e continuada do Pibid/Ufac apresentada nesta obras, particularmente, através dos subprojetos das Áreas de Educação Física, Física, Filosofia, História, Língua Letras Espanhol, Pedagogia e Química demonstraram como os IDs (Pibidianos) constituíram suas bases de superação das simplificações, reducionistas e das bases teórico-metodológicas que implicam o fazer acadêmico. Além de favorecer a formação do professor reflexivo em equipes com o desenvolvimento do trabalho colaborativo com base no aprofundamento e na análise do processo de construção dos conhecimentos científicos e pedagógicos.

Reconhecendo a escola como lócus do exercício e aprendizagem da profissão de professor, demonstrando no protagonismo acadêmico inovações metodológicas e tecnológicas no trato com profissionais em exercício da docência nas unidades escolares.

Assim, as reflexões das práticas implementadas expõem a importância do Pibid/Ufac como parte constitutiva do processo de formação dos cursos de licenciatura. Isso fica evidente nos textos o fio condutor da articulação entre as dimensões teóricas e práticas da formação inicial em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais e as orientações da SEE/AC 2010.

Nessa perspectiva, a formação inicial e continuada dos subprojetos Pibid/Ufac que compõem esse estudo mostrou a preparação e ao desenvolvimento de profissionais para a função no magistério na educação básica, tendo como finalidade a melhoria da qualidade do ensino intrinsecamente ligado ao cotidiano escolar (estrutura, funcionamento e organização da gestão escolar; currículo e proposta

pedagógica) e a sua inter-relação com a prática pedagógica, assumindo como ambiente de formação humanizadora, ética, profissional e colaborativa.

A sala de aula se constituiu como espaço de constituição de práticas e saberes, ampliando o sentido de lugar na estrutura da escola e passa a compreender o lócus onde se desenvolvem experiências docentes e situações didáticas envolvendo os diversos conteúdos e metodologias de ensino, a elaboração de materiais didático-pedagógicos e avaliação do contexto social escolar numa perspectiva do ensino-pesquisa em razão da complexidade do espaço escolar e sua cultura institucional para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras na relação com o conhecimento e com a comunidade escolar.

Portanto, os subprojetos Pibid/Ufac, nesta obra, apresentaram a articulação entre ensino, pesquisa e extensão e as contribuições na melhoria da formação acadêmica a partir da potencialização dos processos de Iniciação à Docência nas diversas áreas da educação superior/básica como implicações de posicionamentos políticos para efetiva da formação docente baseada numa ação reflexiva da realidade dos espaços educacionais.

Profa. Dra. Geórgia Pereira Lima
(Coordenadora Institucional do Pibid / Ufac)

Sumário

Parte 1 - Pibid e aprendizagem da docência na/da formação de professores	17
Pibid como instrumento para formação de professores de Química	19
Histórias e universos: nações indígenas Kaxinawásss, usos de imagens e jogos na/da formação Pibid/História	27
Um rito de passagem: a experiência na iniciação à docência	37
Contribuição do Pibid/Letras Espanhol para a formação docente	45
Ensino de Filosofia: perspectivas para o futuro no Brasil e no Acre	55
Parte 2 - Saberes e fazeres na formação de professores	67
Linguagem e alfabetização: uma reflexão sobre a prática pedagógica.....	69
Cotidiano e resistência dos seringueiros no contexto dos “empates”: uma proposta de ensino/aprendizagem na Escola Alcimar Nunes Leitão	77
Pibid Educação Física, do conceitual à prática: relato de experiência	81
O processo da propaganda na Segunda Guerra Mundial e os soldados da borracha no Acre (1939-1945).....	95
Parte 3 - Linguagens e metodologias de ensino na aprendizagem da docência na formação do Pibid/Ufac	105
Docência Pibid/Espanhol e o dia de los muertos: um rito de cores e alegria	107
Ações do Pibid como metodologia alternativa para o ensino de Química	113
Uma vivência da prática profissional de alunos do curso de Educação Física Pibid/Ufac.....	121
Moda e História: uma abordagem sobre a representação pública dos sujeitos na Escola Alcimar Nunes Leitão.....	129
Parte 4 - Pibid/Ufac: entre o contar e aprender do fazer pedagógico	141
Religiosidade e intolerância religiosa na cidade de Rio Branco	143
Licenciatura da Ufac: relato de experiência sobre o Pibid de Física na escola Dr. Santiago Dantas	149
Pibid de Física na Escola Estadual Profª. Clícia Gadelha: atuação dos bolsistas no contexto do novo ensino médio	161
Relato de experiência: núcleo do subprojeto de Física do Pibid/Ufac no Instituto Federal do Acre, campus Rio Branco	177



**Parte 1 -
Pibid e aprendizagem da
docência na/da formação de
professores**

Pibid como instrumento para formação de professores de Química

Antonio Marcos Barreto¹
Leonardo Nunes de Souza¹
Ludimila Klippel Aguiar²
Rogerio Antônio Sartori³

Introdução

Desde os primórdios, o homem já apresentava uma necessidade de desenvolvimento e aprendizagem, a vivência em sociedade direcionava e orientava aqueles que deveriam ser preparados para o convívio social. Essa busca inicia-se nos primeiros anos de vida do ser humano, com foco na compreensão de si mesmo e dos fenômenos que acontecem ao seu redor, desse modo o processo de ensino aprendizagem precisa ser desenvolvido de uma maneira que valorize o desenvolvimento do ser humano (HENGEMUHLE, 2014, p. 67).

Damasceno e Santos acreditam que “o ato de educar é uma tarefa difícil que precisa ser desenvolvida com competências, habilidades e preparação para saber lidar com as dificuldades em ensinar” (2010, p. 1). Para Gadotti, “educar significa capacitar, potencializar para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta, significa formar a autonomia” (GADOTTI, 1992, p. 9), dessa forma, a formação docente deve ser desempenhada com qualificação e preparação para que seja efetivamente realizada no exercício da prática pedagógica.

Segundo Dassoler e Lima,

O professor é um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar. Neste aspecto, entende-se que a formação do professor é indispensável para a prática educativa, a qual se constitui o lócus de sua profissionalização cotidiana no cenário escolar. Desse modo, compreender a formação docente incide na reflexão fundamental de que ser professor é ser um profissional da educação que trabalha com pessoas. (DASSOLER e LIMA, 2012, p. 1).

¹ Discentes do Curso de Química da Universidade Federal do Acre (Ufac) e, bolsista Pibid/Química.

² Professora da Rede Estadual de Ensino – docente da Escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha. Supervisora Pibid/Química.

³ Professor da Universidade Federal do Acre (Ufac) da Área de Química. Coordenador de Área Pibid/Química.

Na área da Química, o ato de ensinar torna-se uma tarefa difícil, pois é possível notar que a relevância das ciências não é compreendida pela maioria dos alunos, como comentam Silva Júnior e Bizerra, “o que se observa na rotina de grande parte das aulas de Química é a falta de interesse por parte de muitos alunos. Pode-se atribuir a esse fato, as dificuldades encontradas pelos estudantes na assimilação dos conteúdos dessa disciplina” (SILVA JÚNIOR; BIZERRA, 2015, p. 147).

Segundo Nunes e Adorni (2010), isso acontece, pois, os conteúdos são trabalhados de maneira descontextualizada, a forma como o professor ensina os conteúdos e seus conceitos pouco motivam os alunos a se interessarem pela aula, na maioria das vezes eles a classificam como difícil, desinteressante e pouco dinâmica.

A formação inicial de professores tem um papel importante e torna-se uma peça fundamental para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, pois a partir desta, o indivíduo em formação consegue adquirir os subsídios necessários para que possa ser um bom profissional e consiga construir o conhecimento de maneira fácil e significativa.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é uma iniciativa de formação de professores do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foi institucionalizado com o objetivo proporcionar aos graduandos de cursos de licenciatura uma vivência prática que se aproxime do cotidiano das escolas públicas de educação básica, bem como com o contexto em que elas estão inseridas (BRASIL, 2020).

O Programa oferece aos graduandos a oportunidade de participar de projetos de iniciação à docência desenvolvidos em Instituições de Ensino Superior (IES) em parceria com escolas da rede pública de ensino. Ações promovem a observação e a reflexão sobre a prática profissional e sobre as relações que se estabelecem no contexto da escola. O Pibid torna-se então uma ação relevante por conseguir aproximar graduandos, professores do ensino superior e básico e alunos, em um mesmo contexto, onde eles podem vivenciar as condições e rotinas de um professor, interagindo com a escola, alunos e comunidade, de forma que a participação de tais

grupos seja efetiva na realização de diferentes projetos, como por exemplo, uma Feira de Ciências.

Recorrente nas escolas brasileiras as Feiras de Ciências são sempre as que mais chamam a atenção, sejam de crianças ou adultos, as feiras constituem-se como espaço de construção do conhecimento científico, de livre acesso a comunidade civil, os visitantes das feiras esperam sempre pela experimentação, reações que mudam de cor e explosões.

Associar as Feiras de Ciências à formação inicial de professores de Química pode ser um momento crucial do exercício da docência, já que o estudante em formação fica responsável não apenas pela proposta de experimentos demonstrativos, mas também pela explicação teórica que envolve tais experimentos (MOURA, 2012).

É importante frisar a importância da realização das Feiras de Ciências nas escolas, visto que se trata de uma divulgação inteligente dos conhecimentos construídos pelos alunos durante o ano letivo, pois como afirmam Fernandes e Rocha,

Tem como finalidade a aprendizagem do aluno, a construção de conhecimento, onde ajuda em todas as áreas do ensino, focando mais ainda as Ciências, Física, Química e Biologia, que geralmente os alunos sentem mais dificuldades na aprendizagem, deixando assim essa área, tão debatida entre os docentes, de como aumentar o rendimento escolar, mais dinâmica e de mais fácil compreensão (FERNANDES e ROCHA, 2017, p. 5).

Diante desse contexto, esta pesquisa busca relatar as experiências vivenciadas durante a realização de uma Feira de Ciências no âmbito do Pibid da Universidade Federal do Acre (Ufac), Subprojeto Química, uma vez que a Feira se constitui como espaço de formação inicial de professores.

Metodologia

O Pibid/Ufac Subprojeto Química, desenvolve suas atividades na escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha desde agosto de 2018, quando o Programa iniciou. Em sua primeira ação o subprojeto, participou da organização da Feira de

Ciências, com o objetivo de divulgar cientificamente experimentos químicos, dentre estudantes e comunidade local.

Nos preparativos da Feira, os estudantes Pibidianos tiveram como atividade a ser realizada, a ornamentação do local onde a mesma seria realizada. Alguns materiais foram confeccionados para que pudessem enfeitar o ambiente. Foram confeccionados Béqueres, Erlenmeyers, e algumas moléculas com papel cartão, que seriam posteriormente colocados em um painel.

Depois da ornamentação da escola para a realização da feira, a professora supervisora do projeto dividiu os bolsistas em grupos com os alunos do 2º ano do ensino médio de tal maneira que cada bolsista ficasse responsável por um grupo, ao todo foram formados 8 grupos, cada um contava com um bolsista como supervisor. Cada grupo seria responsável por apresentar à comunidade na Feira pelo menos um experimento.

Foram realizados 2 experimentos que abordassem conteúdos diferentes, como reações de combustão magnetismo. Os experimentos realizados foram “o fogo que não queima” e “geleca magnética”. O primeiro experimento trata-se da reação de combustão, onde os materiais utilizados foram água e álcool isopropílico. Ele consiste na absorção da energia liberada na reação de combustão do álcool isopropílico por meio de uma solução do mesmo. Durante a combustão, a água absorve parte da energia liberada pelo álcool. O segundo experimento aborda o conteúdo de magnetismo, os materiais utilizados são cola branca, palha de aço e borato de sódio. Esse experimento consiste em uma massa viscosa feita com a cola branca e o borato de sódio, o efeito de magnetismo ocorre no momento em que é adicionada a palha de aço, que quando queimada se transforma em pó de ferro.

Alguns relatos

As experiências no Pibid puderam me proporcionar uma melhor compreensão do ambiente escolar onde serei inserido quando terminar minha graduação, e também me possibilitou entender melhor de que maneira a relação professor-aluno ocorre. O Pibid mostrou-se um programa de grande valia na minha formação

docente, pois ao me inserir na escola ainda como graduando, pôde abrir mais horizontes, ampliar minha visão de como é o ato de exercer o papel de professor.

No entanto, a formação docente não é construída momentaneamente, é um processo contínuo, composto por descobertas e aprendizagens no âmbito escolar, desenvolvendo com os alunos diversas experiências inovadoras. O professor possui todo um saber que precisa ser construído, moldado durante a sua graduação. Desse modo, o Pibid se faz importante, pois ao inserir o indivíduo em escola pública, faz com que ele tenha contato direto com o ambiente em que ele exercerá sua profissão futuramente.

As atividades realizadas pelos Pibidianos ocorreram entre os meses de agosto e setembro de 2018, na Escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha. Após reunirmos o grupo de alunos que realizariam o experimento, foi construído um mural (Fig. 01) que serviria de fundo para a realização dos experimentos, o mural foi confeccionado com a ajuda dos educandos, permitindo momentos de interação, e fornecendo motivação para participar das atividades da feira. Como eu estava responsável por um grupo, foi necessário que eu me reunisse com os alunos para que pudéssemos discutir ideias de experimentos que poderíamos realizar. Inicialmente, pedi para que os alunos do meu grupo dessem sugestões, e junto com as minhas sugestões poderíamos fazer uma seleção dos experimentos que realizaríamos posteriormente.

Figura 01: Painel construído pelos alunos e supervisora do Pibid para a feira de ciências (2018).



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Química, 2018/2019.

Foi decidido a realização de somente 2 (dois) experimentos: “o fogo que não queima” e “geleca magnética”, experimentos que podem ser interativos e que

chamam a atenção. Foi interessante notar a importância que os alunos deram para essa atividade. Em nosso segundo encontro, expliquei a eles o que acontecia em cada experimento e quais conteúdos eram abordados em cada experimento. Foi possível perceber a interação entre os alunos e a maneira com que eles reagiam a cada experimento, discutindo sobre os conceitos relacionados aos mesmos.

A realização da feira se deu no dia 13 de setembro de 2018 durante todo o período da manhã, e foi aberta para toda a comunidade escolar e local. Os experimentos foram realizados de maneira segura e foram muito bem aceitos pela comunidade presente no evento, pois se tratava de experimentos interativos, tornando-se atrativos. Estive presente para auxiliá-los durante a realização da atividade. Foi muito gratificante perceber que eles gostaram e aproveitaram todo o conteúdo abordado, pois se mostraram muito contentes durante a realização do evento.

A integração da Universidade com Escola se mostrou muito importante para o conhecimento da realidade escolar, contribuindo nas experiências vivenciadas pelos Pibidianos e fazendo com que estas sejam melhoradas constantemente. Além disso, as atividades realizadas proporcionaram uma melhor interação com os alunos da escola a partir do momento em que eles tiveram que participar de todos os processos envolvidos na realização da feira e possibilitaram a construção de conhecimento, contribuindo para um ensino expressivo.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Capes, 2020. Disponível em <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

DAMASCENO, A. M. P.; SANTOS, M. R. C. **A importância da formação inicial e continuada dos professores na educação infantil**. In: III Fórum Internacional de Pedagogia. Anais. Paraná, 2010.

DASSOLER, O. B.; LIMA, D. M. S. **A formação e profissionalização docente: características, ousadia e saberes**. In: IX ANPED Sul. Anais. Caxias do Sul, 2012.

HENGEMUHLE, A. **Formação de Professores: Da função de ensinar ao resgate da educação**. 3. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NUNES, A. S; ADORNI, D. S. **O ensino de Química nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio do município de Itapetinga-BA: O olhar dos alunos.** In: Encontro Dialógico Transdisciplinar – Enditrans. Anais. Vitória da Conquista, 2010.

MOURA, M. A. **Educação científica e cidadania: abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis.** Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012.

SILVA JÚNIOR, C. A. B.; BIZERRA, A. M. C. **Estruturas e nomenclaturas dos hidrocarbonetos: é possível aprender jogando?** HOLOS, v. 6, 2015.

Histórias e universos: nações indígenas Kaxinawáss, usos de imagens e jogos na/da formação Pibid/História

Thays Lima Cavalcante¹
Geórgia Pereira Lima²

Introdução

No ano de 2016, o planejamento do Pibid/História Ufac visou a “implementação de um processo articulado entre “Ensino” e a “Pesquisa” como dimensões essencialmente ligadas à formação e as práxis pedagógica do professor de História (LIMA, 2017). Foi oportunizado aos bolsistas, até então ID, a reflexão quanto a relação da teoria e prática no seu processo de formação.

Desta forma, a pesquisa intitulada “Huni Kuin: Yube Baitana (Os caminhos da Jiboia) na dimensão pedagógica do Ensino de História”, se constituiu integrando a orientação pedagógica Pibid/História da prof.^a Dr.^a Geórgia Pereira Lima, passando a articular dois universos diferentes e complementares, universidade e escola, uma vez em que o desenvolvimento da pesquisa/estudos envolveu alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Henrique Lima, a partir da linha de pesquisa “Populações amazônicas/acreas “tradicionais”: índios, seringueiros e ribeirinhos”, que teve por objetivo compreender as (des)continuidades da cultura indígena Kaxinawáss na Amazônia Sul-Occidental.

A escolha temática do uso de jogos trouxe a necessidade de compreender o mundo das linguagens para o ensino-aprendizagem. O uso de imagens e jogos tornou-se prática comum hoje no Ensino de História (BITTENCOURT, 2007). Como alerta a autora, deve-se tomar cuidado quanto ao uso e abusos de tais recursos, pois ao utilizá-los em sala de aula sem constar ou, ter sido pensado, no planejamento pode transformá-los num passatempo, uma vez que é importante atentar aos objetivos do

¹ Graduada em História, pela Universidade Federal do Acre - Ufac (2018). Bolsista egresso do Pibid/História (Pibid/2014) atualmente é Professora da Área de História do Colégio de Aplicação – CAp/Ufac. Discente do Mestrado do Prof. História (2019)

² Doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo - USP (2014). Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Acre (1997). Especialista em Educação - Metodologia do Ensino Superior (Ufac, 1999). Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Professora da Universidade Federal do Acre. Coordenadora do Institucional Pibid/Ufac, bolsista da CAPES. Constitui a equipe do LIFE/Ufac/CAPES.

ensino para ser um recurso didático motivador, que estimule o aluno a participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, levando-o inclusive a constituírem a ideia acerca dos possíveis diálogos dessas linguagens com a construção do conhecimento.

Desta forma, o estudo das Nações Indígenas Kaxinawá (NIK) partiu da proposta de pesquisa do Pibid/História, ainda quando bolsista ID, como parte do processo de formação continuada e o resultado foi o aprendizado de articular ensino-pesquisa no plano de ensino, compreendendo que a inovação não está relacionada apenas ao recurso didático, mas, a metodologia que pode ser considerada inovadora (BITTENCOURT, 2007).

Ao pensarmos em metodologias inovadoras e os usos dos diferentes recursos didáticos visando oportunizar ao aluno o desafio de novas experiências e diálogos com os diferentes saberes (DELORS, 2000): Saber Conhecer (conteúdos conceituais), Saber Fazer (conteúdo procedimentais), Saber Conviver (conteúdos de sociabilidades) e os Saber ser (conteúdos atitudinais).

Saber Conhecer o desenvolvimento cognitivo, no qual o aluno aprende conceitos de forma significativa. Saber fazer, dominar o procedimento na aprendizagem de novos conhecimentos próprios de cada estudante. Saber Conviver ao criar um ambiente de respeito ao outro no processo de aprendizagem coletiva, seja na produção em equipe ou na socialização dos resultados e por fim, o Saber Ser, considerando as novas atitudes diante da aprendizagem de um conteúdo.

O NIK construído no âmbito acadêmico durante a formação docente, é utilizado agora no universo da vida de professora da educação básica no Colégio de Aplicação – CAp/Ufac. Assim, o problema dessa comunicação sobressai de uma inquietação: Que expõem o NIK da formação do Pibid/História para/na vida profissional como professora?

Portanto, a finalidade de compreender no processo de formação acadêmica o NIK como uma ferramenta de constituição metodológica e dos cuidados com usos e abusos das imagens e jogos na atuação como docente da educação básica.

Pibid/História: contribuições para formação docente

No campo teórico-metodológico do programa Pibid/História o método “ensino-pesquisa” (PERRENOUD, 2000, FREIRE, 2003) e a compreensão da História ensinada (BITTENCOURT, 2007). Nesse sentido, a metodologia se configura como um diálogo do fazer-se professor/a sob a dialógica dos entrecruzos do ensino de História e a historiografia.

O jogo Huni Kuĩ: Yube Baitana (os caminhos da jiboia) foi lançado em abril de 2016 e encontra-se inserido na plataforma eletrônica (<http://gamehunikuin.com.br>), tem como objetivo “propiciar aos jogadores uma imersão no universo, cosmologia e conhecimento do povo Kaxinawás (ou Huni Kuĩ, como eles próprios se autodenominam), como cantos, grafismo, histórias, mitos” (MARIN; MENESES; 2016. p.1) assim como, tornar mais ampla a circulação destes conhecimentos por meio da linguagem dos videogames.

É um jogo marcado pela interdisciplinaridade, contando, entre outros, com conhecimentos nas áreas de “Antropologia (Etnologia Indígena e Antropologia Visual), Ciência da Computação, História, Narrativas, Mitologia, Cinegrafia, Artes Plásticas, Artes Digitais, Música, Ludologia (Game Design), Animação” (MARIN; MENESES; 2016. p.1). Este foi construído através de “incursões etnográficas às aldeias Kaxinawás, no Acre consagrada na obra Terras Indígenas Kaxinawás do Alto Rio Jordão, Baixo Rio Jordão e Seringal Independência (MARIN; MENESES; 2016. p.1).

O jogo é narrado no idioma hatxa kuĩ, nele estão retratadas cinco histórias do povo Kaxinawá, sendo elas, Yube Nawa Aĩbu (Mulher-Jibóia Encantada), Siriani, Shumani, Kuĩ Dume Teneni (Fumaça do Tabaco) e Huã Karu Yuxibu, obtendo assim um enfoque cosmológico, ao enfatizar as histórias dos antigos, contidas nas diversas fases, correspondentes às cenas de cada história. Trata-se de um jogo que visa apresentar o processo de aquisição de saberes huni kuĩ.

Durante a atuação como bolsista no programa Pibid/História (2014/2017) e sob orientação da prof.^a Dr.^a Geórgia Pereira Lima, fora possível perceber a importância do desenvolvimento da autonomia do professor/a-pesquisador/a. Assim, se constituiu entre “riscos e rabiscos” a aprendizagem da docência. Durante esse

processo de formação do Pibid/História, fundamentalmente nos acompanhamentos pedagógicos das experiências na constituição de diferentes universos a partir do método “ensino-pesquisa”, entre outros se pode mencionar: sensibilidade do “olhar”, a dinâmica acadêmica, a imersão no universo escolar e no fazer pedagógico da sala de aula e, a contribuição dessa formação na docência do CAP/Ufac (2019), ainda dialogando com a minha ex-orientadora do Pibid/História.

Na perspectiva da sensibilização do “olhar” do historiador (PESAVENTO, 2006) às orientações recebidas durante a formação no Pibid/História possibilitaram uma compreensão do fazer histórico acadêmico e, do/no ensino de História. Particularmente, os estudos articulados a Linha de Pesquisa (4): “Populações amazônicas/acreas “tradicionais”: índios, seringueiros e ribeirinhos”, especificamente, os estudos e discussões durante a orientação sobre a História e Cultura Indígena.

Nessa perspectiva, diversas foram as dimensões de aprendizagens da docência, a orientação conduziu as reflexões teóricas de textos acadêmicos para sensibilizar o “olhar” e reconhecer a cultura indígena Huni Kuin, como portadora de conhecimentos pela riqueza de histórias, vivências e fazeres encontrados durante a pesquisa. Importante destacar que essa prática comprometida com o saber-fazer requer tempo de planejamento para articular o plano de ensino da escola-campo Pibid, com os diferentes diálogos de pesquisas, leituras e (des)construções de alguns preconceitos que são adquiridos durante a vida escolar.

Sob o ângulo do universo da vida acadêmica: as produções científicas, desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivas do “ensino-pesquisa”, participações de eventos locais e nacionais o Pibid/História potencializou a experiência de um fazer pedagógico comprometido no processo ação-reflexão-ação.

Nesse sentido, a formação acadêmica das discussões com professores durante as aulas eram favorecidas no aprofundamento de pesquisas com ganhos significativos para o aprimoramento dos estudos que somados a vivência didático-pedagógica no espaço escolar conduziram aos questionamentos próprio da pesquisa para uma visão crítica da formação de professores/as. Uma vez em que, o estímulo para refletir acerca do conhecimento histórico e da História ensinada estimulavam a

(re)elaboração de novos conhecimentos através da produção de materiais, textos e artigos visando a socialização do conhecimento.

Assim, a universidade e a escola se tornaram os pilares da articulação entre dois níveis do saber, no aprender do ensino Superior e aplicabilidade do conhecimento na dimensão da Educação Básica, mostra o Pibid como locus de conhecimentos visando uma formação docente capaz de absorver as dimensões éticas, técnica e política de professores/as comprometidos/as com seu papel social e institucional.

Diante dessa vivência de aprendizados da docência a atuação no programa contribuiu significativamente para entender a importância do “aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica e [...] a promoção e inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica” (Capes, 2008).

E, assim, o universo profissional da docência e vida de professora aqui é apresentado como a culminância da formação de professores realizada pelo Pibid/História. Uma vez que os trabalhos desenvolvidos durante a formação no programa, atualmente, são reflexos na atuação profissional como docente na Educação Básica. Perfil este construído com base nas abordagens de diferentes temáticas pensadas durante a formação docente por meio do programa.

Egresso Pibid/História: universo profissional da docência e vida de professor CAP/Ufac.

Nesse ponto, se torna importante reapresentar o NIK (Nações Indígenas Kaxinawá) construído durante a formação docente planejado para atender a proposta de ensino-pesquisa do programa, tem reflexos durante a formação na vida profissional como professora. Pois, a ferramenta é utilizada como recurso didático nas salas de aula da educação básica.

As experiências acumuladas durante a processo de formação docente do Pibid/História, permitiu forjar no campo profissional a retomada de cuidados com as

perspectivas das aulas da disciplina de História com turmas do 6^a anos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio do Colégio de Aplicação CAP/Ufac (2019).

Os conteúdos diversificados que como professora de História se apreende um exercício hercúleo de conhecer e ensinar os mais diversos temas. Assim, aplicando as orientações do planejamento pedagógico aprendido no Pibid/História (2016/2017), desde as identificações temáticas conceituais e organização técnica metodológica do campo pedagógico formaram as bases para organização, seleção de materiais e domínio teórico na constituição da estrutura didático-pedagógico que colocada em prática visando desenvolver nos “meus” alunos a compreensão e sensibilidades do conteúdo para além das letras dos livros e textos.

Assim, no fazer pedagógico com o uso de jogos na abordagem das culturas indígenas no que tange o universo cosmológico, gênero, modo de vida, de trabalho, cotidiano dos Kaxinawás, aprender a identificar a produção do saber indígena, a importância da oralidade na preservação dos costumes de um povo. Todos esses elementos propôs um ensino de história significativo que conduziu os alunos há diversas descobertas, bem como, uma melhor interação professor-aluno.

A sala de aula se tomou a dimensão onde os saberes e fazeres se constituíam num conflito sociocultural dos alunos mediados por um estudo de questionamentos e indagações visando potencializar a pesquisa visando uma maior reflexão das questões colocadas.

Entre “riscos e rabiscos” com uso das outras linguagens para o ensino de história, já conhecidas práticas serviram aos “meus” alunos que foram aprendendo e (re)descobrimo os conhecimentos estruturados no currículo escolar, no CAP/Ufac baseado na BNCC, como saberes que se legitimam no fazer-se do movimento cotidiano articulando questões de temporalidades simultâneas carregadas de fazeres humanos de homens e mulheres que refletem e influenciaram e continuam influenciando a vida em sociedade.

Assim, conteúdos clássicos da historiografia foram sendo alvo de pesquisa a partir de objeto de estudos com: jogos, cinema, histórias em quadrinho e outras linguagens que aplicando a metodologia do ensino-pesquisa meus alunos foram envolvidos na perspectiva da pedagogia da autonomia (FREIRE, 2011) e, ante esse

protagonismo, novo encontro de planejamento fora articulado entre a acadêmica e a escola entre os saberes e fazeres do ensino juntamente e, através da prof.^a Geórgia Pereira Lima que acompanhando a minha trajetória da formação docente à professora de história, propomos a realização de um GT para XIX Semana de História.

Desta forma, buscamos entrever os resultados das aprendizagens na formação do Pibid/História na dimensão do ensino da Educação Básica e, o intuito da realização do GT 01 - HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES: A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DE JOGOS, CINEMAS E MÍDIAS SOCIAIS, embora havendo a inscrição de outros colaboradores com o GT, fora a participação de 25 alunos do CAP/Ufac, a atenção das autoras deste artigo para perceber no desafio do ensino a dimensão da formação do professor de história.

O 2º Bloco de apresentação do referido GT, sob o tema: A perspectiva dos heróis no Ensino de História voltados para apresentação dos resultados de estudos dos “meus” alunos realizados durante as aulas de história, fora no mínimo, um desafio tanto da relação professora-aluno como da metodologia do ensino-pesquisa. Nesse bloco, seis temas apresentados, a saber: 1) A mulher-maravilha e a representação feminina durante a Segunda Guerra mundial; 2) Análise histórica-social da revista em quadrinhos x-man; 3) Batman: o homem-morcego – contexto histórico/social; 4) Homem de ferro - a fênix metálica; 5) Capitão América: uma jornada pela história; e, 6) Superman: salvando o mundo das hq's à vida real. Constituíam os temas alvo de estudos e socialização dos saberes, agora entre escola e academia.

Considerada as devidas proporções, dos quatro pilares para Educação do século XXI: aprender a conhecer, fazer, conviver e ser (DELORS, 2000) os alunos do CAP/Ufac demonstraram domínio de conteúdo, valorizaram um trabalho pedagógico realizado sob a orientação e acompanhamento, tal qual aprendo com a responsabilidade pedagógica da formação do Pibid/História. Aqueles alunos ao participarem da XIX Semana de História tornou possível se constatar que as habilidades e competências apreendidas, de ex-bolsista, durante o processo de formação do Pibid/História se constituíram num dos elementos fundamentais para o

desenvolvimento do protagonismo acadêmicos dos alunos do Ensino Médio do CAp/Ufac.

Considerações Finais

O Pibid/História apresenta-se como parte significativa do processo de formação docente dessa autora. Através da atuação neste, foi construído um perfil docente dinâmico e reflexivo, voltado há diferentes temáticas, tais como, gênero, populações indígenas, uso de tecnologias no processo de aprendizagem, produções acadêmicas voltadas a essas abordagens, aspectos fundamentais na/da práxis pedagógica da atuação docente no CAp/Ufac.

Importante frisar que a formação voltada à articulação das diferentes linguagens e temáticas com o plano de ensino, expõe a importância das ações no Pibid como parte da formação docente nas salas de aula, pois não se trata de ações/produções distantes do universo do professor. Isso é possível apenas em virtude do planejamento do programa preservar o diálogo entre formação docente (Universidade e Pibid) e o ser Docente (Educação Básica). A Figura 1 apresenta o Organograma do título do trabalho que criou as possibilidade de um fazer pedagógico responsável com o ensino-pesquisa, como uma estrutura teórico-metodológica, a seguir.

Figura 1: Organograma do título do trabalho.



Fonte: arquivos de estudos metodológico da orientação da prof.^a. Dr^a. Geórgia Pereira Lima (2016/18)

Portanto, seguindo a estrutura teórico-metodológica (Figura 1) aplicação do jogo da jiboia nos estudos da História e do Ensino de História, concluímos que:

- 1) **Histórias** de homens e mulheres apresentam-se no entre-diálogos da disciplina História, a história das populações indígenas, nesse caso NIK, e a história dos próprios alunos e bolsista, esse envolvimento faz parte da construção da minha própria identidade docente. Uma vez em que a proposta é os alunos perceberem o NIK como parte do processo de descobertas da sua própria história cultural, a partir da compreensão da história do outro.
- 2) **Universos**, por se tratar da circularidade entre Cultura Indígena, Produções acadêmicas, Formação e profissão docente utilizando metodologicamente “imagens e jogos”.
- 3) **Kaxinawá**, por ser o objeto de estudo da pesquisa desenvolvida no Pibid/História (2016) e a continuidade do fazer pedagógico na docência.
- 4) E, sem perder de “vista” a reflexão dos **Usos e Abusos** da utilização desses recursos em sala de aula, para evitar uma práxis pedagógica vazia de objetivos de ensino geradora de desmotivação de alunos/as a uma próxima ação, mas, sim a valorização desse tipo de recurso para contribuir significativamente com a aprendizagem dos alunos.

Referências

BITTENCOURT, C. **Identidade e ensino de história no Brasil**. In. CARRETIRO, M; ROSA, A; GONZÁLEZ, M. F. (org.) Ensino de história e memória coletiva. Tradução: Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIMA, G. P. **Pibid História: As dimensões do ensino-pesquisa na formação docente**. In.: SOUSA, A M; GARCIA, R; SANTOS, T C. (org) Reflexões sobre a formação de professores: o Pibid como espaço de interlocução. Rio Branco: Nepan Editora, 2017. Disponível em: https://issuu.com/geped.Pibid/docs/livro_geped. Acesso em 06 de nov. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARIN, N.; MENESES, G. **Videogame Huni Kuĩ: uma aventura antropológica**. Disponível em: <<http://www.gamehunikuin.com.br/wp-content/uploads/2016/09/MENESES-MARIN.-Videogame-Huni-Kuin.pdf>>. Acesso em: 20 dez.2019.

LUCIANO – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** / Gersem dos Santos LACED/Museu Nacional, 2006. 224 p. – (Coleção Educação para Todos; 12)

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PESAVENTO, S. J. **História e literatura: uma velha-nova história**. In. COSTA, C. B. e MACHADO, M. C. T. (orgs.) *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia-MG: EDUF, 2006.

Um rito de passagem: a experiência na iniciação à docência

Franciana Carneiro de Castro¹

Lucimar da Silva Carvalho²

Raika Souza de Lima²

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo formativo desenvolvido no Subprojeto da na área de Pedagogia da Universidade Federal do Acre (Ufac) por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid/CAPES), buscando compreender de que forma esse processo contribuiu com a constituição da identidade profissional por meio da inserção e imersão dos estudantes no ambiente escolar, experienciando atividades/tarefas do trabalho docente. Assim, optamos pelo conceito de identidade, que foi mobilizado e ressignificado durante as atividades desenvolvidas durante o programa, as quais instigaram reflexões que contribuiriam para a construção da identidade profissional.

O intuito é refletir sobre o processo formativo dos bolsistas, apontando alguns elementos que constituíram essa experiência na futura profissão, elementos esses pautados no conhecimento da ambiência escolar, na relação com o professor experiente e os estudantes da escola, bem como na mobilização de saberes necessários à docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Os estudos deste trabalho foram realizados na Escola de Ensino Fundamental Edmundo Pinto de Almeida Neto, na cidade de Bujari – Acre, que oferta os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. As atividades do programa aconteceram no período da manhã, nas terças e quintas-feiras, além de alguns sábados, por solicitação de atividades extras (comemorações, campeonatos e atividades de campo) na escola. Destacamos, também, que, apesar de o funcionamento da escola ser na cidade (urbana), esta tem atendido um percentual considerável (uma média de 60%) de estudantes que são oriundos do campo.

¹ Docente de Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre (Ufac), Coordenadora de área do Subprojeto de Pedagogia Pibid/Ufac.

² Discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Acre (Ufac), bolsistas do Subprojeto de Pedagogia Pibid/Ufac.

Em nosso estudo, utilizamos a abordagem qualitativa como forma de compreender a construção da identidade docente e os significados dados no processo. De acordo com Minayo (2003), a pesquisa qualitativa é aquela que

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalidade de variáveis. (MINAYO, 2003, p.21)

Assim, recorreremos à pesquisa colaborativa, que dá ênfase à pesquisa-ação, ou seja, uma prática conjunta entre o pesquisador e o professor, que busca o desenvolvimento profissional por meio da reflexão e problematização na prática, visando atender às suas reais necessidades de formação. Quanto aos sujeitos da pesquisa colaborativa, neste trabalho, participaram dois estudantes bolsistas e a professora coordenadora do Subprojeto do Pibid/Pedagogia/Ufac.

Para desenvolver esta investigação, quanto à coleta de dados, utilizamos as seguintes estratégias: Diário de Bordo: anotações das observações das atividades realizadas em sala de aula; reflexões sobre a participação nos projetos e oficinas; planejamentos e estudos/reflexões realizados na universidade e na escola. Destacamos que, bimestralmente, realizamos a organização do material, a fim de auxiliar no planejamento das atividades, desenvolvidas no período de agosto/2018 a dezembro/2019. Dessa forma, foi possível acompanhar e realizar modificações ainda na execução das ações previstas. A análise foi a partir de recortes de falas contidas no Diário de Bordo.

A constituição da identidade docente: a experiência no Pibid

A identidade é tratada, no artigo, como um processo de construção de sujeitos enquanto desenvolvimento profissional e, por meio do Pibid, todos os envolvidos nesse processo participaram de forma efetiva de ações da prática pedagógica. O que significa entender que *“esse processo formativo objeto do presente estudo mobilizou uma aprendizagem que lidasse com a relação dos campos do saber e desenvolvesse a reflexão sobre a complexidade do trabalho docente”* (CASTRO, 2010, p. 55).

O processo formativo explicita a concepção de que a identidade foi construída por meio do reconhecimento, formado por dois pontos: o primeiro, que o bolsista passa a se reconhecer como profissional da área por meio do desenvolvimento das atividades conjuntas com o professor no trabalho na sala de aula; o segundo, quando passa a ser reconhecido pelos estudantes da escola como professor. É uma troca de reconhecimento contínua, a partir de cada encontro em que os bolsistas experienciam à docência no âmbito escolar.

Com isso, a busca por uma identidade profissional nos acompanha constantemente, pois nascemos em uma sociedade que impõe aos homens e mulheres uma função, parece que temos a necessidade determinada de uma função dentro da organização social na qual estamos inseridos. Segundo Silva (2002, p.53), “*buscar uma identidade, a própria identidade é tarefa pessoal de cada ser humano*”.

A constituição da identidade parte de várias práticas e valores sociais que se complementam ou não, tornando, assim, essa construção uma ramificação de cada lugar, cada grupo, religião e etc., cada um, como sujeito social e histórico compõe sua identidade. Dessa forma, a nossa identidade profissional constitui-se a partir de cada experiência e de encontros ao longo da vida, quando estamos em contato com algo que envolve, no caso, a profissão que escolhemos.

Corroborando com nossa reflexão, Larrosa diz que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar mais para sentir, sentir mais devagar, dedicar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2014, p. 25).

A fala de Larrosa (2014) leva-nos aos momentos experienciados no decorrer das ações desenvolvidas no Pibid, “*estar em sala de aula, sentir a empolgação dos estudantes ao fazer algo de interessante com atividades diferentes, ser chamado de professor pelos estudantes e profissionais da escola, tornou cada momento*

gratificante” (Anotações do Diário de Bordo, 2019³). Tarefas do trabalho docente, como escrever no quadro, tirar dúvidas das crianças, sentir-se participativo e envolvido no ambiente escolar transformaram-nos e fizeram-nos diferentes; compomos uma nova identidade. Corroborando com a reflexão, Ponte e Oliveira (2002) dizem-nos que:

Por um lado, envolve o crescimento do conhecimento e competência profissionais, habilitando-o tanto a desenvolver as atividades de rotina como a resolver problemas complexos que lhe surgem numa variedade de domínios. Por outro lado, refere-se à formação e afirmação da identidade profissional que constitui uma parte especialmente importante da identidade social do professor (PONTE; OLIVEIRA, 2002, p. 145).

A afirmação dessa identidade do professor é constituída num processo formativo e que acontece de forma diferente para cada um, devido às singularidades, mesmo estando no mesmo momento histórico, social e cultural.

Nesse contexto, na experiência na graduação na Licenciatura de Pedagogia e como bolsistas do Pibid, percebemos que a tarefa de educar exige algo além de conhecer/estudar uma teoria pedagógica. Segundo Castro (2010), a identidade acontece em *contextos coletivos e individuais*, porque:

(...) propiciam maior interação com outros professores, nas situações de troca de experiências emergidas da ação pedagógica, revelada por meio da explicitação de concepções e conhecimento, de outro, esse processo de aprendizagem coletiva não descarta a aprendizagem individual, pois o professor tem a responsabilidade de recuperar sua profissionalização investindo na carreira. Não desconsideramos a respeito disso as condições organizacionais da escola às quais o professor está submetido (CASTRO, 2010. p. 87).

Dessa forma, a ação formativa e a ambiência em que se desenvolve a prática envolvem elementos coletivos e individuais na constituição da profissão e não acontecem de forma linear, mas, sim, em fases que também não possuem uma marcação temporal. Habermas *apud* Marcelo García explica os ciclos dos professores. Interessa-nos, aqui, o ciclo da entrada na carreira docente – equivale de 01 a 03 anos: *“sobrevivência (choque com a realidade) e descoberta (o entusiasmo dos começos, a experimentação, o orgulho de ter uma classe, os alunos, de fazer parte de um corpo*

³ Anotações realizadas pela coordenadora do subprojeto durante as reuniões de estudo com os bolsistas.

profissional), que pode ser considerada fácil ou difícil” (MARCELO GARCÍA, 1999, p. 62-66).

Nesse sentido, a experiência no Pibid oportuniza ao futuro professor uma antecipação desse *choque com a realidade, começos, experimentação*, com um diferencial, pois a imersão no campo profissional tem um acompanhamento pedagógico mais efetivo e analítico da experiência na docência.

O rito de passagem: a experiência no Pibid

Diante das experiências formativas na universidade e na escola, analisamos como algumas dessas experiências foram ressignificadas para dois bolsistas ao longo das atividades vivenciadas nesses lugares formativos. Os bolsistas expuseram seus argumentos durante a avaliação do Pibid em reunião com o grupo.

Para a bolsista Raika, a experiência no programa Pibid foi de vivenciar a realidade da profissão docente com um olhar voltado para como o professor deve agir em seu trabalho, como também revelou a construção e desconstrução de alguns padrões e certos tabus sobre o ofício docente. A bolsista, em relação às percepções sobre esse aprendizado, destacou: *“por mais que os livros e seus teóricos me ensinem, a experiência no Pibid possibilitou uma mudança como ser humano, por me ensinar a ser alguém mais sensível em compreender a infância”* (Anotações do Diário de Bordo, 2019). Ao mesmo tempo, a discente justifica que se faz necessária uma imersão na prática pedagógica como professora para refletir sobre ser professora, pois a experiência que *nos passa e nos transforma* (LARROSA, 2014) também nos torna mais humanos.

É essa experiência que compreende o processo do trabalho do professor na escola e sua relação nesse lugar de docente. Ao mesmo tempo em que está conhecendo a profissão por meio da relação da teoria e prática, exige-se do futuro professor o reconhecimento e a visibilidade dos estudantes no contexto escolar. Ou seja, compreender que a criança é capaz, reconhecer a criança como criança, que possui necessidades específicas do seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural. Antônio e Tavares (2013) argumentam que *“cada criança é feita de matéria*

do mundo, da circulação da vida, das circunstâncias históricas e sociais, mas, ao mesmo tempo, feita de sonhos, movida por desejos e sentidos que descobre a vida” (ANTÔNIO e TAVARES 2013, p. 16).

A criança precisa ser vista com um olhar mais humano, a empatia é algo fundamental no exercício do trabalho como educador, contribuir para a formação de uma criança é fazer parte da construção do seu carácter e torná-la um sujeito para viver em sociedade é algo desafiador. Assim, faz necessário compreendermos que cada criança traz consigo uma bagagem com características próprias da infância, e o professor é aquele que escuta, acolhe e educa a criança em meio à complexidade do seu trabalho em sala de aula.

Nesse sentido, a criança não pode ser considerada como algo pronto acabado, conforme Antônio e Tavares (2013) citam em sua obra, vai muito além, disso, um ser fadado a ser educado, e que, por meio da educação, é capaz de criar, recriar, e precisa desenvolver suas habilidades como ser humano e como ser social. A criança precisa ser vista, ouvida, precisa ser deixada livre, no seu pensar, no seu agir, na sua forma de ver o mundo, por meio disso, ela vai ganhando espaço, criando sua própria história.

Lucimar, bolsista do Pibid, ao referir-se ao seu ingresso no curso de licenciatura, em especial, no Curso de Pedagogia, destaca: *“não tinha como objetivo ser professor, só pensava ter uma graduação”*. No decorrer dos estudos teóricos no curso, houve uma identificação, em particular, com as disciplinas de Fundamentos da Educação. Nesse movimento, fez a seleção para o Pibid. Assim, ao ingressar no programa e a partir da reflexão sobre a escola e o trabalho do professor, foi mudando sua percepção da profissão. Como ele diz, *“a partir do envolvimento na escola, comecei a compreender e gostar do curso. O Pibid trouxe uma grande contribuição para a minha formação”* (Anotações do Diário de Bordo, 2019).

Essa percepção foi construída, ao mesmo tempo, sendo ressignificada ao longo desse processo formativo. Segundo o bolsista: *“Hoje estou decidido em dar aula e contribuir para a formação de uma sociedade melhor e o programa vem contribuindo para isso, mesmo antes de eu concluir a graduação”*. Compreendemos, assim, que a construção da identidade profissional é um processo contínuo, e o Pibid proporciona

ao discente da licenciatura uma ambiência profissional que permite a reflexão sobre a prática de ser professor.

Com base nessas reflexões sobre a experiência no Pibid e na compreensão de que a docência é um processo complexo e dinâmico em uma realidade concreta, histórica e diversa, destacamos que esses relatos são ilustrativos do que experienciamos, mas não representam o todo dos aprendizados que foram adquiridos ao longo desse processo formativo.

Considerações Finais

Diante de todo o exposto neste artigo, consideramos que o processo de constituição da identidade profissional docente não ocorre no mesmo tempo com todas as pessoas, independentemente da sua área de escolha profissional. Isso porque o processo de construção do conhecimento, da experiência, dá-se a propósito das interações de vivência do dia a dia, a cada encontro realizado no Pibid. A experiência no Pibid marca o início da carreira, ou seja, o rito de passagem da condição de estudante a de professor. Uma condição ainda a ser concluída e marcada por incertezas e inseguranças sobre uma profissão já conhecida, mas que exige do professor postura e conhecimentos que potencializam sua atividade profissional.

Quanto a isso, Freire (2008) coloca-nos como seres mutáveis ou inacabados, que a cada instante obtém novas informações, tecnologias e avanços científicos que surgem a partir da história. Então, como humanos, estamos a todo o momento em processo de transformação, sendo impulsionados pelas exigências sociais e culturais que se apresentam frente às mudanças que ocorrem ao longo da história. Assim, o professor e a professora podem ir além, não só ensinar a ler, a escrever e a calcular o conhecimento formal, mas aprender a compartilhar, a respeitar e compreender o próximo... ler e conhecer o mundo em sua boniteza por meio do compromisso social, da ética e da estética marcadas por uma formação humanizadora e emancipadora.

Referências

ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **Uma pedagogia poética para crianças**. Americana. SP; Adonis. 2013.

BRZEZINSKI, I. **Profissão Professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CASTRO, F. C. **O Trabalho do Professor de Matemática: a confluência da experiência profissional com a formação acadêmica**. 2010. 290p. (Tese de Doutorado e m Educação Matemática) – PUCSP, São Paulo.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 2016.

LARROSA, J. Tremores. **Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, T, T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: _____. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

Contribuição do Pibid/Letras Espanhol para a formação docente

Aline Lima Andrade¹
Maria Cauana Conceição Silveira¹
Maria Daiane Oliveira Alves¹
Raquel Rogerio Andriola¹
Maria Alberlani Morais de Brito²

Introdução

Há muitos desafios encontrados pelos estudantes e pelas universidades para formar um indivíduo crítico e participativo na sociedade, no entanto muitos dos desafios encontrados são superados e outros não. Uma das razões da existência das instituições de ensino superior é a sua incumbência de formar pessoas para ocupar diversas funções na sociedade. Para isso essa formação recebida na universidade precisa ser de perfeição, oportunizando o docente uma formação precisa e necessária para exercer também com primor a função que ocupar na vida profissional.

É importante que o estudante tenha durante a formação, contato com sua prática profissional futura. Isso porque é por meio desse contato que ele irá definir se é ou não a profissão que quer exercer durante sua vida. O Pibid é um dos caminhos para melhorar a formação do docente. Assim é necessário que ele seja valorizado e que cada dia seja incrementado com novos métodos e metodologias para facilitar a atuação dos estudantes no programa Pibid.

O programa tem como objetivo:

Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como

¹ Discentes do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Acre (Ufac), Campus Floresta. Bolsistas do Subprojeto de Letras Espanhol Pibid/Ufac. Campus Floresta;

² Docente de Centro de Educação, Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac), Campus Floresta. Coordenadora de área do Subprojeto de Espanhol Pibid/Ufac.

coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (BRASIL, 2020)

Os objetivos são claros e permitem perceber que esse programa não tenta apenas colocar os acadêmicos de licenciatura em contato com a realidade da educação básica, mas busca também ajudá-lo na resolução dos problemas que cercam a educação. Assim o estudante tem a oportunidade de lidar com todos os aspectos que envolvem o ensino e tomar decisões que ajude melhorar as suas práticas pedagógicas quando estiverem atuando na sala de aula.

O presente trabalho terá como material de pesquisa a experiência dos alunos do curso de letras espanhol em sua atuação no programa Pibid. Essas experiências têm sido importantes para a vivência dos mesmos com a prática da sala de aula.

Fundamentação Teórica

Há muitos trabalhos que apresentam o Pibid como uma oportunidade para os estudantes de licenciaturas em seus processos de formação acadêmica. Prado (2017) faz uma análise a respeito da influência do Pibid na formação dos professores de espanhol. Para ela o Pibid é;

Uma parte muito importante da minha historicidade, pois as experiências que vivenciei no programa provocaram tensões que foram constitutivas da minha formação como professora pré e em-serviço de E/LE. Por terem sido tão significativas para a minha formação como docente, essas contribuições me fizeram refletir sobre a incidência do programa nesse processo, fazendo com que algumas inquietações viessem à tona e me interpelassem a investigar como essa política educacional é representada em dizeres sobre a formação pré-serviço de sujeitos que, como eu, são egressos que se constituíram professores de E/LE. (PRADO, 2017, p. 15)

Dessa forma é possível compreender o programa como sendo um causador de mudança de concepção a respeito de uma formação acadêmica em licenciatura. Sabe-se que estudar Língua Estrangeira se constitui um grande desafio para qualquer escola, e no caso do espanhol se torna mais desafio ainda, uma vez que o espanhol não é uma disciplina do ensino fundamental e se tornou optativa no ano de 2018 no

ensino médio. Para que os professores de espanhol tenham condições de receberem boa formação é necessário antes saber que o ensino de espanhol é uma das áreas mais defasadas da educação básica. Para Leffa (2001) a formação de docente passa pela fusão de conhecimentos recebidos com o conhecimento experimental, ou seja teoria e prática, aliada a uma reflexão entre esses tipos de conhecimentos. Dessa forma cria-se a concepção de que

O professor de línguas estrangeiras seja competente o suficiente para criar uma nova língua na mente do aluno, tocando o ser humano naquilo que ele possui de mais essencial, que é a capacidade da fala. Politicamente, temos também a expectativa de que o professor seja suficientemente crítico para perceber as relações de poder que se estabelecem entre falantes de diferentes países quando se comunicam através de uma língua estrangeira, e que possa definir o lugar do aluno nesses eventos comunicativos, não apenas como receptor, mas também produtor de informação. (LEFFA, 2001, p. 17)

É preciso refletir essa concepção e o Pibid vem exatamente para isso, ajudar os professores de espanhol a refletirem e a obterem uma formação que corresponda aos anseios da comunidade escolar.

Outro trabalho que também é importante considerar é o de Cornélio (2015) intitulado “O aluno enquanto professor: A influência do Pibid na formação docente”. Neste trabalho a autora apresenta questionamentos quanto ao estágio supervisionado, para ela ele por si só é insuficiente para fortalecer a formação dos licenciandos. Assim ela vê o Pibid como uma oportunidade mais ampla para que o estudante tenha esse contato com a sua futura realidade profissional.

Neste trabalho é apresentado um paralelo entre o estágio supervisionado e o Pibid sobre qual possui mais peso na formação do acadêmico. Porém, é preciso frisar que esse tipo de paralelo, em muitos casos é desnecessário uma vez que o estágio supervisionado é um requisito para se obter a formação e o programa é apenas uma suplementação no processo de formação dos professores (licenciados). Dessa forma ela define: para que a educação seja de qualidade, é necessário que a formação dos professores também seja de qualidade. Então a pergunta que fica é, essa formação está sendo de qualidade, quais os mecanismos utilizados para a mudança desse quadro? Sobre essa questão vemos que:

No Brasil, à assimilação dessa posição, porém concretamente ampliou-se o entendimento sobre a educação continuada, com esta abrangendo muitas iniciativas que, na verdade, são de suprimento a uma formação precária pré-serviço e nem sempre são propriamente de aprofundamento ou ampliação de conhecimentos. Isso responde a uma situação particular nossa, pela precariedade em que se encontram os cursos de formação de professores em nível de graduação. Assim, problemas concretos das redes inspiraram iniciativas chamadas de educação continuada, especialmente na área pública, pela constatação, por vários meios (pesquisas, concursos públicos, avaliações), de que os cursos de formação básica dos professores não vinham (e não vêm) propiciando adequada base para sua atuação profissional (GATTI, 2008, p. 58).

Há um quadro claro de defasagem na educação e essa se deve à inúmeros fatores que não pode ser restrita apenas a má formação dos profissionais da educação. Quando se fala em defasagem do ensino, sobretudo público, é preciso considerar vários fatores que vão desde a estrutura da educação, a falta de recursos, a má remuneração dos profissionais, a falta de estrutura adequada, falta de acesso às novas tecnologias e muitos outros que são cruciais para o desenvolvimento de um ensino de qualidade. Não se pode aliar os prejuízos somente a má formação dos profissionais, isso também é importante considerar, mas medidas como o Pibid vem para suplementar a formação, junto com o estágio supervisionado e outros meios.

Caracterização da Escola e Atividades desenvolvidas

A escola Militar Dom Pedro II, é uma escola estadual localizada no Bairro Santa Terezinha, em Cruzeiro do Sul – Acre. Antes, escola Anselmo Maia e em 2018 foi transformada em Colégio Militar para atender os familiares de militares e demais alunos da comunidade circunvizinha. A escola funciona em dois turno matutino e vespertino com as modalidades de ensino fundamental II e Ensino Médio.

A educação militar é um projeto do governo federal junto aos governos estaduais que visam implantação do grande número de escolas nesse regime de funcionamento que oferece ensino pautado no cumprimento de regras, a manutenção da disciplina e o respeito a autoridades. De acordo com Vianna (2001) e Mendes (2014), este ensino “tem suas práticas pedagógicas fundamentadas na

transmissão da tradição e cultura do Exército Brasileiro, razão pela qual, há necessidade de adaptação de alunos e professores aos pressupostos da instituição”.

Além disso, essa modalidade de ensino de acordo com Gonçalves e Baladeli (2018) tem a missão gerar

[...] a formação integral do aluno dos anos finais do ensino fundamental ao ensino médio. Para tanto, há um conjunto de metas com vistas a consolidar a formação supostamente de qualidade tanto para os alunos que pretendem ingressar na carreira militar quanto para aqueles que desejam seguir a profissionalização em outras áreas. (GONÇALVES E BALADELI, 2018, p.192)

A educação militar está intimamente ligada às questões militares uma vez que os gestores são militares e o público preferencial são familiares de militares. No entanto, é preciso ressaltar que esta modalidade de ensino é bastante questionável uma vez que em muitos casos os alunos não têm tanta liberdade de criação quanto na escola comum. Além disso é preciso também tocar na questão da obrigatoriedade ou na doutrina que às vezes se torna um grande empecilho ao desenvolvimento das habilidades do estudante, essa doutrina em muitos casos são compreendidas como autoritarismo e assim o aluno aprende muito mais pelo medo da repreensão do que pelo desejo de aprender. Mas além de possuir esses entraves é um modelo de ensino que tem funcionado muito bem, levando os estudantes a alcançarem bons índices de aprovação. Segundo Dias (2010), a competência é desenvolvida durante o processo educacional, caracterizada pela agilidade na tomada de decisões e capacidade para a construção de novos conhecimentos. Em outras palavras, um sujeito competente teria condições de atuar de forma mais eficiente, organizar os conhecimentos construídos e aplicá-los quando necessários.

Estivemos trabalhando nesse Colégio Militar Dom Pedro II em Cruzeiro do Sul – Acre, durante esse ano de 2019 com o Pibid. No início foi trabalhado aula de reforço para os alunos do ensino médio que não estavam tendo bom desempenho na disciplina de espanhol.

A dinâmica adotada pela escola foi reunir os alunos das diferentes turmas para receberem as aulas de reforço. Como as aulas da disciplina de espanhol são no turno

da tarde, as aulas de reforço foram ministradas durante a manhã das 7 às 11:15. Dessa forma trabalhamos com alunos das turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

Nas aulas trabalhamos, os assuntos do nível I do espanhol tais como, saudações, dias da semana e meses do ano, alfabeto, números e o verbo ser, ter e estar. Esses assuntos são fáceis se trabalhado com muita atenção. Os alunos não tiveram dificuldade de lembrar o que já haviam trabalhado em sala de aula, foi possível perceber que eles têm facilidade de aprender, porém em alguns momentos se confundem com o português, mas isso é uma característica de todo estudante de língua estrangeira.

Trabalhamos também o conteúdo de 2º e 3º anos tais como verbos em sua forma infinitiva, pretérito perfeito e imperfeito, verbos regulares e irregulares, *pluscuamperfecto* e realizamos diálogos para que eles fixassem o conteúdo trabalhado por meio de simulações de situações reais do dia a dia. É preciso frisar que o espanhol é uma disciplina importante do componente curricular uma vez que ele estabelece uma relação cultural e histórica dos países hispano falantes. Assim é importante que o espanhol seja trabalhado de maneira abrangente, que não envolve somente aspectos gramaticais da língua, mas outros que contribuam para a formação dos alunos como cidadãos críticos na sociedade.

As outras etapas que trabalhamos no Pibid foi por meio de acompanhamento das aulas, e por meio de treinamento dos alunos para que falassem bem os conteúdos e preparação para uma apresentação que aconteceu no encerramento da aula. Foi uma experiência marcante enquanto estudante de letras espanhol vivenciando a realidade da sala de aula e da escola como um todo.

Contribuições do Pibid para nossa formação

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, é um programa de distribuição de bolsas de iniciação à Docência, assim como beneficiários desse programa, tivemos a oportunidade de vivenciar a experiência de conhecer a realidade da educação básica, principalmente o ensino médio que é o nosso campo de atuação profissional ao término da formação.

Essa experiência oferecida pelo Pibid contribuiu e contribuirá de várias maneiras com a nossa formação no curso de letras espanhol. Uma dessas contribuições podemos descrevê-las da seguinte maneira, contribuiu para a nossa compreensão de como funciona a educação na prática, uma vez que passamos um bom tempo durante o ano vivenciando a realidade escolar. O contato com os alunos, o trabalho com os conteúdos programáticos ofereceu-nos uma grande oportunidade de praticarmos a construção de um plano de aula, como organizar o conteúdo a ser trabalhado, como ter domínio de sala e como trabalhar da melhor maneira os conteúdos com os alunos.

O Pibid também contribuiu em relação a descoberta da profissão que queremos para a vida, que é ser professor (a). No entanto é preciso frisar que não é uma profissão fácil e que quase sempre é tratada de forma discriminada porque não é valorizada como deveria ser, percebe-se que ser professor é ter que lidar com problemas que vão além da sala de aula, problemas que precisam ser superados de forma individual para que as aulas sejam feitas com muita qualidade e criatividade. Muitos professores possuem realmente a afinidade para trabalhar em sala de aula, têm controle de sala e metodologias que atraem os estudantes mas tudo isso se perde quando a educação não é tratada da maneira que deveria ser, com melhores remunerações para os profissionais, estruturas e recursos adequados, e valorização do profissional. Tudo isso são ações simples que podem mudar radicalmente a realidade da sala de aula e alcançar melhores índices no ensino.

Serviu ainda para que pudéssemos colocar em prática o que aprendemos na sala de aula durante os períodos que estamos estudando. Isso é muito importante, pois quando se alia a teoria com a prática os resultados são melhores, e foi exatamente isso que aconteceu conosco a partir da oportunidade de fazermos parte do Pibid. As contribuições são muitas mas, cremos que todas as oportunidades podem contribuir para que sejamos bons profissionais durante o exercício do ensino.

Considerações Finais

Assim podemos concluir que o Pibid é um programa excepcional, pois valoriza a formação de qualidade para os estudantes de licenciatura. Além do mais ele vem

somar junto com o estágio supervisionado para que os alunos tenham contato com a realidade de sua futura profissão. Para nós foram momentos de muito aprendizado e crescimento pessoal uma vez que durante o projeto, temos a oportunidade de desenvolver várias habilidades como comunicação e estabelecer relação profissional.

Creemos que o Pibid deveria ser mais amplo e envolver mais alunos para que todos tenham a oportunidade de visualizar a prática docente. É preciso frisar que muitos alunos obtêm suas formações e têm contato com a realidade de sua profissão apenas por meio do estágio sendo isso insuficiente para que sua formação seja ampliada. Nem todo estágio é insuficiente, mas é inconcebível crer que os estudantes de licenciatura que têm apenas essa experiência, consigam compreender de fato a realidade da educação básica.

Concluimos portanto, afirmando que foi para nós uma oportunidade valiosa, porque pudemos confrontar o que aprendermos na prática com a realidade que se revela na sala de aula. E compreendemos que em muitos casos a teoria anda muito longe da prática.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Capes, 2020. Disponível em <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

DIAS, I. S. **Competências em Educação: conceito e significado pedagógico**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v. 14, n. 1, 2010.

GATTI, Bernadete A. **“Análise das Políticas Públicas para Formação Continuada no Brasil, na última década”**. In: Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008, p. 57-70.

GONÇALVES, Jessica Samara & BALADELI, Ana Paula Domingos. **Reflexões sobre o sistema educacional dos colégios militares e o discurso da educação de excelência**. 2018. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/viewFile/3021/pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão, v. 2, p. 353-376, 2001.

MENDES, C. F. M. **O Sistema do Colégio Militar: educação formal eficiente como instrumento.** 40f. Monografia (Curso de altos estudos de política e estratégia). Rio de Janeiro, RJ: Escola Superior de Guerra, ESG, 2014.

PRADO, R. M. F. **Dizeres dos egressos do Pibid sobre a formação de professores de Língua Espanhola.** 2017. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21524/4/DizeresEgressosPibid.pdf>.
Acesso em 14 de dezembro de 2019.

VIANNA, G. S. **O sabre e o livro: Trajetórias históricas do CMC (1959-1988).** 87f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2001.

Ensino de Filosofia: perspectivas para o futuro no Brasil e no Acre

Klebe Miranda de Lima¹
Dartaian Freire da Silva¹
Thiago dos Santos Aragão¹
João Silva Lima²

Introdução

Com base na leitura e discussão sobre a Base Nacional Comum Curricular³, os Parâmetros Curriculares Nacionais⁴ e o plano de curso anual (referente à disciplina de Filosofia) do professor Leandro Aguiar, na escola onde estão inseridos os bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) faremos uma análise crítica no que diz respeito às perspectivas de futuro para o ensino de modo geral no Brasil, mas de modo específico no Estado do Acre, considerando a situação atual e levando em conta as possíveis mudanças educacionais a serem implementadas a partir de 2020.

A Filosofia é uma área de ensino transdisciplinar e também interdisciplinar, desta maneira, deve estar presente no currículo e de maneira alguma devemos pensar ou cogitar sua presença fora da educação, isto é, ausente do âmbito escolar. Nesse sentido, a Filosofia dialoga com todas as outras áreas da educação, considerando dessa forma um pensar e fazer filosófico sem que aja uma interação com as outras disciplinas, uma vez que não existe Filosofia sem diálogo, contexto histórico, econômico, cultural, sem as discussões éticas pertinentes e relativas aos avanços intelectuais, sociais e científicos de uma sociedade.

O desenvolvimento do fazer filosófico pode e deve articular-se com projetos interdisciplinares, acrescentando a contribuição específica da Filosofia ao contexto mais geral de reflexão e problematização da realidade dos alunos proposto nas diferentes áreas curriculares. Desta forma, a Filosofia pode não apenas contribuir

¹ Discente do curso de Licenciatura plena em Filosofia da Universidade Federal do Acre – Ufac e bolsista do subprojeto Pibid/Filosofia

² Docente do quadro efetivo do CFCH/Ufac e Coordenador de Área do Subprojeto Pibid/Filosofia/Ufac.

³ Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão. Brasília, DF, 2018.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação (2000). Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acessado em: 07 de fevereiro de 2019.

para uma compreensão diversa das demais áreas do conhecimento presentes no currículo, como também é o alicerce fundamental que rege as mudanças de paradigmas sociais e científicos que determina o pensamento de uma dada época. A partir da atividade primordial que exerce a Filosofia enquanto meio de fomentar as soluções que podem emergir das problemáticas da sociedade, é de crucial importância para o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos o contato com esse tipo específico de saber desde o ensino básico ao superior, conforme demanda legislação vigente.

Dado a relevância da Filosofia no contexto educacional, podemos dizer que é por intermédio do diálogo com o pensamento filosófico que pode-se promover a capacidade dos educandos de problematizar num contexto amplo da vida e do cotidiano. Fincando a postura filosófica e crítica no seio do pensamento desses educandos, pode-se contribuir, a partir de seu referencial, com a formação de uma sociedade mais crítica e capaz de pensar sobre os problemas sociais do cotidiano, promovendo soluções viáveis e eficazes. Desta maneira, esse conjunto de saberes filosóficos elaborados ao longo dos séculos pode e deve ser utilizado tanto no ensino de Filosofia, como no exercício filosófico. No entanto, como fazer uso desta tradição? Este tem sido um dilema e, às vezes, o calcanhar de Aquiles de algumas experiências e propostas de ensino de Filosofia.

É possível perceber, embora haja um discurso motivador que é intrínseco ao ensino de maneira específica no que refere-se à esta disciplina, que há uma profunda rejeição por parte dos educandos no que tange à Filosofia como fomentadora da principal atividade humana – o pensamento (crítico) – e desta forma ao invés de manifestarem desejo pelo próprio conhecimento como seria de se esperar em um âmbito escolar que promove esse conhecimento, acabamos por nos deparar com alunos insatisfeitos com a disciplina e com uma compreensão rasa no que respeita ao significado de se fazer Filosofia ou pensar filosoficamente. O ensino de Filosofia, por intermédio das suas qualidades inerentes – promover o pensamento crítico, a reflexão sobre a realidade, dentre outras atividades dessa natureza – é simplesmente deixada de lado.

Diferentemente das demais áreas do conhecimento humano, onde os conteúdos já estão dispostos de maneira sistemática e a necessidade de justificá-los toma-se desnecessário, com o ensino de Filosofia ocorre o contrário. Nesse aspecto, segundo Coutel (1996), quando um filósofo se pergunta sobre o que significa aprender, antes de se por uma questão pedagógica, ele apresenta uma reflexão epistemológica e ética. E, continua ainda Coutel (1996): “a escola é o lugar onde se aprende”. E esta, com o advento do Estado de direito, republicano, tem o compromisso de formar o espírito crítico de seus cidadãos.

Segundo Fabbrini (2005, p. 8), citando Lebrun: “um estudante não busca a Filosofia porque aspira a verdade, mas porque tem necessidade de uma língua de segurança, possuir uma retórica de segurança que lhe permita denunciar [...] a “ideologia” de quem não pensa como ele”. Assim sendo, se a escola deve possibilitar essa forma de conduzir seu ensino, compete à Filosofia, dada a sua especificidade, desenvolver este espírito crítico. Para tanto, faz-se necessário pensar as metodologias de ensino de Filosofia para que esta não se torne apenas um mero conjunto de conteúdos a serem apreendidos, mas um aprender como defendia Kant, isto é, que constitui-se segundo uma prerrogativa de esclarecimento dos indivíduos. Ensino este que não seja dotado de um fazer pedagógico em que o professor determina: “Pense isso!”; mas: “Pense nisso!”. Isso significa compreender tais ensinamentos como um amontoado de atividades que possibilitem ao aluno o esclarecimento necessário para o uso da sua capacidade laboral de utilizar a razão, sem o condicionamento de terceiros.

A partir dessas prerrogativas, o aluno deverá visualizar em seu professor-filósofo um modelo de apreensão dos saberes para que por si mesmo desenvolva suas atividades reflexivas de modo autônomo. É o ato de conceber na Filosofia desenvolvida no ambiente escolar, uma ferramenta de auto esclarecimento sobre a realidade vivida. Não como um fim em si mesmo, mas como mediação para o exercitar filosófico.

O ensino de Filosofia em face da “nova BNCC”

Considerando que estimular o exercício filosófico requer uma compreensão ampliada do ensino de Filosofia enquanto saber necessário para o desenvolvimento da criticidade, é fundamental entender que os professores devem prezar pelo filosofar num constante exercício a respeito do que significa ensinar, tendo um parâmetro geral sobre a conjectura de ensino bem como suas mudanças ao longo dos anos é uma ferramenta de reflexão didática muito importante para renovar as próprias convicções, levando em consideração que o mundo à nossa volta, sobretudo os avanços tecnológicos estão em constante progresso e que os educandos estão inseridos nesse contexto, cabe ao professor produzir novas metodologias, novas formas de chamar atenção dos alunos, prover meios para que a atualização do cotidiano vivenciado pelos alunos se torne um pretexto para o estreitamento entre os conteúdos de ensino e a aprendizagem que está em desenvolvimento.

De acordo com essas inovações, o processo educacional vigente tem por objetivo tornar o ensino mais atual quanto possível, levando-nos a refletir sobre a necessidade de fazer modificações nas políticas educacionais, nessa perspectiva a nova BNCC foi pensada, para que pudesse trazer mudanças que sejam de acordo com os avanços exigidos pelo mundo globalizado da atualidade, no entanto, algumas alterações curriculares que estão inseridas nessa nova BNCC não são vantajosas para o ensino de Filosofia, de forma que há tendências/evidências que apontam a possível extinção de forma velada da Filosofia no ensino médio.

Com a implementação da nova BNCC a partir de 2020, teremos uma mudança fundamental no que tange ao processo de planejamento do educador; agora, o professor tem a autonomia para construir seu plano de ensino, embora tenha a fundamentação retirada dos PCN's, o planejamento ainda expõe a forma autônoma de ensino que o professor propõe, mas com a nova BNCC os planejamentos já estarão prontos na Secretaria Estadual de Ensino dos Estados e a função do professor torna-se executar uma tarefa planejada por outras mãos. A autonomia educacional dos professores é violada, como dito anteriormente, de forma velada, dessa forma, cada vez menos haverá liberdade na execução do ensino.

No momento em que o professor torna-se um executor do Estado de um plano de ensino, a sua principal função é diluída em um trabalho que é sobreposto aos ideais necessários para uma formação que vise a criticidade, nesse sentido analisamos que o professor não poderá minimamente fugir às suas “funções” estabelecidas por um planejamento que por ele não foi pensado, conseqüentemente também traz prejuízos à própria formação dos educandos na medida em que há um planejamento pensado sem considerar a perspectiva da pesquisa de determinada turma, compreender as peculiaridades que exigem estes ou aqueles alunos.

A BNCC, ao nosso entender, acaba engessando matérias que precisam de certa desenvoltura, nem todas os educandos aprendem da mesma forma. O ensino de Filosofia, disciplina essa que visa como principal objetivo criar nos alunos a criticidade necessária para orientar o pensamento reflexivo, que exemplos irão ter com professores sendo levados a executar um planejamento que não é seu próprio plano de aula, portanto, não tendo liberdade de escolher de que forma irá atuar.

Os conteúdos curriculares já serão entregues prontos onde o professor apenas vai precisar repassá-las “automaticamente” igual lhes foi instruído a fazer, o que vai diminuir a qualidade de ensino da Filosofia, sociologia e demais disciplinas que necessitam de uma conduta reflexiva considerável. Segundo Cortella (2009)⁵ o filósofo explica a importância que tem o professor em criar o seu plano de aula. É necessário ao criá-lo o fazer de forma que não só chame a atenção dos alunos como os faça ter vontade de contribuir com a aula, tirando a independência do professor em seu planejamento, sua única opção será utilizar métodos que outros professores executaram para fazer o novo plano de aula funcionar, criando assim uma forma de loop⁶ de aulas idênticas em todo o ambiente educacional, contribuindo para a diminuição de sua qualidade e eficiência.

A partir da análise da BNCC, verifica-se que são descritas 10 competências que deverão ser atingidas com a implementação desta nova base. Entre as referidas competências, constata-se a seguinte:

⁵ Mario Sergio Cortella é um filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro, nascido em 05 de março de 1954 em Londrina/PARANÁ.

⁶ Termo designado para explicar um ciclo de repetições de determinada coisa.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (MEC, 2018).

Vê-se, portanto, que a autonomia é um dos principais objetivos da nova (e também da antiga) BNCC, desvirtuar a prática educacional do planejamento feito pelo próprio professor é ir contra a autonomia preconizada pela proposta da nova BNCC. É de conhecimento de todos que na prática nem tudo se desenvolve como na teoria, logicamente existe a possibilidade de que eles tenham êxito em atingir algumas dessas competências em alguns alunos, o que é basicamente o que o atual método de ensino já faz nas escolas.

Engessar o ensino não irá fazer com que aqueles que não tem interesse no ensino, o obtenham, pelo contrário apenas irá diminuir ainda mais o interesse desses alunos pela aprendizagem dos conteúdos curriculares. Outra novidade que a BNCC trará é a conversão permanente do ensino em tempo integral. Considerando que muitos adolescentes, sobretudo na atualidade desenvolvem traumas durante o ensino médio e em uma grande porcentagem até depressão, confinar os jovens no ambiente escolar por todo o dia, sabendo que o colégio é um dos lugares mais tóxicos para pessoas com tendências a ter depressão é realmente uma boa ideia? Muito se fala em criar um ambiente de aceitação e acolhimento para que todos possam viver em comunhão, dificilmente conseguirão atingir isso e ainda irão agravar esse problema tão recorrente na sociedade do século XXI. É notório que esse problema tenha sido deixado de lado pelas pessoas responsáveis pela elaboração desse documento, aliás, muitos dos problemas sociais que temos são ignorados no ato de elaborar e pensar o ensino por meio das políticas educacionais vigentes.

Um aspecto no qual eles batem bastante na tecla é na parte da padronização do ensino, mas há aqueles que têm mais facilidade em aprender e se destacam mais facilmente, o que eles pretendem fazer quanto a esses alunos? fazer com que eles esperem os outros entenderem o conteúdo, ou dar prioridade para eles e dar continuidade às matérias deixando para trás aqueles que demoram mais a entender? Não importa como seja feito sempre vai ter aqueles que entendem a matéria mais

rápido que os outros, logo o ensino padronizado onde todos têm os mesmos conhecimentos ao sair do colégio é algo inviável.

É possível notar que vários dos problemas que assolam nossa sociedade foram ignorados na hora de montar esse documento, tornar uma disciplina importante como a Filosofia opcional e tentar tirar a autonomia do professor em sala de aula vai diminuir a quantidade de alunos que acabam se apaixonando pela matéria, para a maioria dos alunos que acabam se apaixonando pela matéria isso acaba acontecendo por conta dos professores que conseguiram fazê-los ter interesse sobre ela, mostrando o quão magnífica ela pode ser. Criando nesses alunos a capacidade de pensar criticamente e buscar entender as coisas como elas realmente são, começando pelas coisas mais simples e aos poucos indo as coisas mais complexas. Disciplinas como Filosofia, Sociologia, História e as outras nesse âmbito deveriam ser obrigatórias assim como o português e a matemática, já que essas disciplinas objetivam incutir em sua própria natureza de ensino as problemáticas relativas ao pensamento crítico, entender o que o autor quer dizer com aquela determinada proposição e pensar sobre esses fatores chegando as suas próprias conclusões sobre aquilo que leu é uma consequência de estudos que partem do saber-pensar filosófico.

O plano de ensino de Filosofia do Professor Leandro Aguiar (Escola Lourival Sombra)

Ao refletirmos sobre o ensino, principalmente em relação ao ensino de Filosofia, é necessário que comparemos minimamente de que ou quais formas esse ensino é ministrado no país, segundo o que preconiza a própria BNCC e demais documentos que regem a educação brasileira, sobretudo no ensino de Filosofia no Acre. Para tanto, utilizamos como base nesse tópico o planejamento de ensino ao qual tivemos contato diretamente durante a inserção no cotidiano do professor Leandro Aguiar na escola Lourival Sombra Pereira de Lima ao qual fomos inseridos no Pibid.

Nos objetivos que se referem ao ensino de Filosofia no caderno de orientações curriculares do Estado do Acre, bem como nos demais documentos que são

referenciados no planejamento, temos o principal aspecto utilizado no plano de ensino anual do professor Leandro: “Conhecer, compreender e problematizar a questão da possibilidade de conhecimento e a Lógica.”⁷. Desse modo, o ensino de Filosofia tem como principal objetivo inculcar o pensamento crítico de modo a prestar os pressupostos necessários aos educandos para que possam conhecer os problemas, entender como estes problemas se manifestam, problematizar as formas como o próprio conhecimento se constitui, bem como em face à essas questões oferecer uma solução adequada que corrobora para um aprimoramento da sociedade como um todo e em especial para o indivíduo que exerce essa atividade fundamental.

Nesse contexto, para o 2º ano do ensino médio na escola Lourival Sombra, no primeiro bimestre que se seguia do referente ano de ensino (2019) o professor Leandro inseriu a problemática: “O que é a Filosofia?”. Dado todos os apontamentos realizados até o presente momento, bem como a relevância geral com a qual os educandos encaram o ensino de Filosofia, podemos inferir que a pertinência desse questionamento é o que pode conduzir não apenas o resultado daquela determinada aula dada em determinado dia, mas incentivar esses educandos pelos próximos anos de conclusão da educação básica em nível médio o seu interesse pela disciplina.

Desta maneira, compreender o engrandecimento do pensar filosófico constitui-se como pilar necessário para o fundamento do pensamento reflexivo, de modo que sirva para a própria ascensão dos educandos no contexto escolar e geral de suas vidas cotidianas. Afinal, ser um cidadão, como objetiva a Constituição Federal (1988) é também está preparado para a vida em sociedade, para compreender e modificar a realidade ao qual este está inserido.

Ainda sobre o planejamento, é válido destacar que a sequência didática-metodológica desenvolvida pelo professor Leandro, além dos objetivos gerais que são previstos nos documentos que norteiam o ensino de Filosofia, visam objetivos específicos que ficam claro na medida em que se aplica os conteúdos propostos e a forma de ensinar. Deste modo, por exemplo, o professor propõe, já no segundo

⁷ Essas e as demais citações que se referem ao Plano de curso da escola na disciplina de Filosofia poderão ser consultadas em anexo a este texto.

bimestre, com a questão da Filosofia já elucidada, as diferenças que marcam o pensamento no senso comum e o pensamento reflexivo que é característico do saber filosófico: o que é a realidade e a aparência?

É de notória importância que tanto os primeiros filósofos da história, como vários outros que se seguem a estes, preocupam-se em elucidar uma questão fundamental: nós conhecemos a realidade? A partir disso é necessário estabelecer as formas de conhecimento e o que consideramos ser real e qual valor que damos às aparências, e ainda o que constitui um “ser aparente”? São questões primordiais que permeiam a Filosofia como um todo, mas também são formas de se impulsionar o apreço pelo conhecimento, claro, dependendo da maneira com a qual utilizamos essas questões, o que no caso específico aqui mencionado, trata-se de um pontapé inicial no que reflete a metodologia de ensino do professor Leandro.

Notório é também o valor da Ciência. Nesse sentido, é incluso no plano sequencial de ensino de que maneira encaramos a ciência, qual o valor da Filosofia dentro do pensamento científico e como tais formas de ver a realidade influenciam umas nas outras. A partir dos conceitos sobre o que constitui o fazer científico, dá-se início no mesmo módulo, à uma crítica da razão. Em suma, até que ponto podemos conceber o histórico científico e mesmo a ciência da atualidade como verdades absolutas inquestionáveis e qual o valor do pensamento filosófico no que tange a reformular paradigmas? É nesse contexto que o ensino, não apenas no plano específico aqui tratado, mas de modo geral, sofrerá modificações e influências da nova BNCC, resta-nos entender, qual a natureza dessas modificações e em que questões implica para os profissionais de educação num todo, sobretudo para o professor de Filosofia.

Ensino de Filosofia no Acre – principais mudanças e algumas perspectivas

Com a nova reforma do ensino médio, medos e dúvidas surgiram, entretanto, analisando mais profundamente podemos concluir que as mudanças que virão e as que estão em vigor não serão tão prejudiciais ou radicais quanto se imagina. O novo ensino médio, considerando o que diz no documento, não pretende retirar a

disciplina de Filosofia da grade curricular, mas pretende oferecer um currículo único, sem retirar a liberdade para que os estados escolham ministrá-la ou não. O que pode resultar em uma redução do ensino a nível nacional, mas não provocando sua extinção, no caso do Estado do Acre, a Filosofia apresenta distinções em relação à sua execução nos demais Estados da federação, enquanto que aqui os professores podem ter no máximo 12 turmas, no Rio de Janeiro, por exemplo, os professores de Filosofia são obrigados a cumprir 40h/a, dando aulas para até 20 turmas como em outras disciplinas com carga horária maior.

Até o presente momento, 10 escolas acreanas optaram pelo novo ensino médio, sendo duas delas vinculadas ao Pibid (em especial a Escola Lourival Sombra). Além disso, algumas escolas banalizam o ensino de Filosofia, diminuindo a sua demanda. E tal ato acontece por haver descaso do sistema escolar, pois cabe a ele melhorar qualidade do ensino e pedir empenho dos professores, para que assim seja passado e absorvido um conteúdo melhor.

Neste currículo do novo ensino médio, Português, Matemática e Inglês serão disciplinas obrigatórias, enquanto que as outras serão eletivas, dando aos alunos a oportunidade de escolher o seu campo de estudo. Com essa mudança na grade, ocorrerá também uma alteração na carga horária, que de 50 minutos irá para 60 minutos por aula, totalizando 40 horas trabalhadas. Por meio disso, a Secretaria Estadual de Educação delimita a proporção de que um professor não pode ultrapassar o número de 12 turmas e não pode ter menos de 10 turmas.

Outro fator significativo será a elaboração do plano de aula, que não será feito pelo próprio professor e assim sendo de um modo em cada escola. Ele será único, será elaborado e mandado para os professores, para que aula apenas seja executada e não elaborada pelos docentes. No entanto, mesmo reconhecendo uma determinada vantagem nesse novo sistema, é preciso que o plano de aula seja elaborado pelos professores, para que assim haja compartilhamento de informações e todos cheguem a um consenso, definindo o que é melhor para os jovens estudantes. Buscando o melhor para o ensino. A escola estadual Lourival Sombra Pereira de Lima seguirá as regras da BNCC e trará a oportunidade de vivência,

mostrando como os professores, alunos e a sociedade que convive no meio escolar reagirá a tal mudança.

Considerações finais

Desta forma, como futuros educandos estamos em prol da busca à inclusão da Filosofia no âmbito de exercer suas totalidades no ensino com seus adeptos que beneficiam o aluno em consequência à abstração do senso crítico e que possa fomentar suas ideias em sociedade no objetivo de transformar o sujeito (aluno), um ser independente e amplamente apto a opinar aquilo que vivencia, o direcionando ao saber. Porém, concordamos que com a nova BNCC se torna um empecilho as funções filosóficas, de fato, ignorando aquilo como já mencionado ao que a Filosofia propõe na sala de aula e conseqüentemente na vida dos alunos enquanto cidadãos.

Logo, o ensino em geral e especificamente o de Filosofia tende a tornar-se retrógrado e “sistematizado”, prejudicando o desempenho dos corpos educacionais até o objetivo final: o aluno. Isto porque a nova conjuntura educacional desdenha o contexto do ambiente escolar, a vida cotidiana dos educandos, suas dificuldades no aprendizado e subjetividades que cada indivíduo apresenta, trazendo de certo modo uma padronização do ensino, no qual o professor se encontra no estado apenas de redistribuir conteúdo, resultando em um impacto terrível nos cursos de licenciatura de forma geral que obviamente também impactam o futuro do ensino de Filosofia para o nível médio. Nesse sentido, torna-se uma consequência bastante grave no ensino do que aparenta ser em uma análise mais superficial. Tais hipóteses podem despertar aquilo que é considerado temível no meio educacional: a falta de interesse pela disciplina de Filosofia e seus conteúdos, provocando um desprezo pelo aprendizado por parte dos alunos que se encontram na sala, havendo assim a desvalorização do ensino de Filosofia em função dos sujeitos que são públicos-alvo do processo de aprendizagem.

Considerando todas as análises, podemos entender que é grande o risco de se reproduzir um currículo mínimo, concentrado em disciplinas obrigatórias mediante a difusão dos demais saberes. Constata-se assim que isso não é interdisciplinaridade e

sequer maleável. Pelo contrário, o Ministério da Educação (MEC) apenas cria a roda das matrizes curriculares concentradas em sobreposição de um currículo integrado. Perde não apenas a Filosofia, mas todo o conjunto de saberes na “pseudo-formação” ofertada como novo rumo em cenário de propagação. Sobre isso, a necessidade de uma discussão se faz presente hoje, desse modo, ao discutir-se as possibilidades enviesadas por meio da nova roupagem do currículo construído pela nova BNCC, pode-se não apenas chegar à essas mesmas conclusões mas também proporcionar a identificação de novos problemas que possivelmente acompanham a transformação educacional em função do currículo escolar na conjectura da nova Base Nacional Comum Curricular.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC. 3ª versão.** Brasília, DF, 2018.

_____. Ministério da Educação (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Brasília, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acessado em: 10 de Março de 2019.

_____. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências humanas e suas tecnologias.** Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf> Acessado em: 04 de Março de 2019.

CORTELLA, M. S. **Filosofia e Ensino Médio.** Petrópolis: Vozes, 2009.

COUDEL, C. **Apprendere e Insegnare la Filosofia. Per Una Didattica Filosofica Della Filosofia,** 1996. Disponível em: http://lgxserver.uniba.it/lei/sfi/bollettino/158_coutel.htm. Acesso em: 03 de março de 2019.

FABBRINI, R. N. **O Ensino de Filosofia: A Leitura e o Acontecimento.** 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n1/29404.pdf>. Acessado em: 06 de Março de 2019.



**Parte 2 -
Saberes e fazeres na
formação de professores**

Linguagem e alfabetização: uma reflexão sobre a prática pedagógica

Amanda Kelly de Moraes¹
Carmem Andrea de Oliveira Lima¹
Edinaira Almeida Nascimento¹
Isley Honorato da Silva Costa¹
Paula Caroline Martins Araújo¹
Rozilene Oliveira dos Anjos¹
Tácia Nívea de Souza Cavalcante¹
Franciana Carneiro de Castro²
Francisca Luzia Guimarães Cordeiro³

Introdução

Alfabetizar constitui-se em um desafio para a escola, para as crianças e para os educadores, pois, sendo esta uma etapa importante no processo dos primeiros anos da escolarização, são necessários diversos enfoques metodológicos para dar conta de tornar a criança competente para ler, escrever e interpretar textos, além do letramento matemático.

Nesse sentido, é importante, também, compreender as novas configurações educativas que perpassam as mudanças na área da comunicação e as novas tecnologias que vêm impulsionando novas propostas metodológicas com materiais didáticos para alfabetização, ao mesmo tempo em que os estudos demonstram a manutenção de práticas pedagógicas tradicionais na alfabetização da criança.

No intuito de compreender essas práticas pedagógicas e buscar, nos estudos teóricos, elementos para a melhoria do trabalho docente, as ações do Pibid/Pedagogia, desenvolvidas na escola, tinham como objetivo central a iniciação à docência por meio do conhecimento da realidade escolar, participação nas atividades propostas pelo programa e da escola de forma colaborativa, para experienciar e melhor compreender os elementos que constituem e estruturam a prática docente.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Ufac, bolsista do Subprojeto de Pedagogia do Pibid/Ufac.

² Docente do Centro de Educação, Letras e Artes/Ufac, Coordenadora de Área do Subprojeto de Pedagogia do Pibid/Ufac.

³ Docente da Secretaria de Estado de Educação e Esporte/Acre. Professora Supervisora do Subprojeto de Pedagogia do Pibid/Ufac.

Ao longo do programa, realizamos várias atividades, mas, para este trabalho, nosso foco foi a atividade de acompanhamento pedagógico.

O contato com a sala de aula, em particular com as salas do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental I, foi voltado para atividades referentes ao processo de alfabetização. Essas atividades foram divididas em duas ações: 1. Atividade de acompanhamento em sala de aula junto com a professora da escola; 2. Atividade de acompanhamento fora da sala de aula com as crianças que ainda demonstram algumas dificuldades no que diz respeito à leitura e escrita.

As duas atividades eram trabalhadas de forma complementar e integrada, com base no planejamento da escola e nos estudos que realizamos na universidade. Para tanto, realizamos uma pesquisa colaborativa entre os membros (coordenação, professora-supervisora e bolsistas) que compõem o Subprojeto da área de Pedagogia/Pibid/Ufac 2018/2019 e professoras e crianças da Escola Estadual Natalino da Silveira Brito em Rio Branco-Acre. Na investigação, utilizamos o diário de campo para as observações do cotidiano da escola e da sala de aula, com ênfase na prática pedagógica desenvolvida no processo de alfabetização.

Reflexão sobre a prática pedagógica

No processo de buscar caminhos para enfrentar o desafio no processo de alfabetização e aprofundar o entendimento dos fundamentos teóricos que balizam esse processo, algumas indagações foram permeando a experiência na escola, como: por que mantemos na escola práticas pedagógicas que não permitem a autonomia das crianças? Será que realmente as práticas pedagógicas do processo de alfabetização foram ressignificadas/atualizadas? Qual a concepção que melhor se aproxima da criança no universo da alfabetização? Essas indagações moveram-nos e inquietaram-nos ao longo da execução das ações pibidianas na escola.

Diante desse movimento, em que a escola busca romper com 'velhas práticas' e, ao mesmo tempo, parece que tais práticas ainda resistem na sala de aula, Goulart (2014) argumenta que se deve refletir sobre como ele se dá na escola, pois,

No processo de alfabetização, temos nos mantido sem saída, reféns de conceber a escola com uma lógica interna própria, “caindo” no eixo simplificador que caracteriza historicamente o processo: a relação entre os movimentos de síntese e de análise, em que as unidades linguísticas menores (fonema, letra, sílaba) e as maiores (palavra, frase, texto) se hierarquizam, organizando modos de ensinar, e também de avaliar a produção dos alunos (GOULART, 2014, p. 42).

Para estabelecer relação entre fala e escrita no processo de alfabetização, parece que a referência das concepções clássicas de alfabetização ainda estão presentes no contexto escolar, e são divididas em métodos analíticos e sintéticos – no primeiro grupo a aprendizagem se dá do todo para as partes e, no segundo, ocorre por meio da correspondência entre o som e a grafia das letras e sílabas. Contudo, devemos ressaltar que é muito importante para o alfabetizando encontrar sentido no mundo escrito; é preciso que haja prazer na familiarização com o mundo das palavras e o que elas representam.

Contamos, ainda, com a contribuição das concepções construtivistas e sociointeracionistas de língua e aprendizagem, nas quais o educador deverá ter pleno conhecimento das etapas de aquisição da leitura e da escrita para que possa fazer as intervenções necessárias, de modo que o processo de aprendizagem se consolide ainda nos anos iniciais do processo de escolarização.

O incentivo à leitura e à escrita por parte do educador deve ser constante, mesmo que a criança ainda não tenha domínio da escrita convencional, valorizando a interação com diversos gêneros literários. A criança tem contato com o mundo letrado em vários ambientes em que transita, tais como sua casa, o comércio, a televisão, a internet, entre outros, o que contribui grandemente para que o processo de alfabetização e letramento se dê de forma mais eficiente.

Assim, a relação entre fala e escrita torna-se um desafio para a criança no processo de alfabetização, pois a compreensão da relação estabelecida entre sons e letras é aspecto relevante, sendo que ainda sentem grande dificuldade em fixar essa correspondência, o que deve impulsionar os educadores a buscarem cada vez mais exercícios diários, como, por exemplo, as rimas, por trabalharem o uso do som, que pode promover uma maior apropriação.

Corroborando com nossa reflexão de que *ensinar exige apreensão da realidade*, Freire (2016) argumenta que,

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador (FREIRE, 2016, p. 41).

Dessa forma, o momento exige da escola a garantia de que as crianças consigam ir além da 'codificação e decodificação' de letras, palavras e números, e, sim, alcancem a apropriação da cultura escrita e a autonomia na leitura e na produção de textos. Contudo, é importante reconhecer o trabalho docente no desenvolvimento de práticas que permitam a alfabetização das crianças, compreendendo que a “prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam muitos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc.” (ZABALA, 1998, p. 16).

Por reconhecermos essas características da prática, consideramos que refletir sobre o processo de alfabetização é, também, situar o contexto social, histórico e cultural em que a escola está inserida, bem como a formação dos professores. Sabendo-se que o bom leitor não se faz sozinho, de forma isolada e sem estímulos necessários a seu desenvolvimento, há que se proporcionar ao alfabetizando condições necessárias que favoreçam essa capacidade fundamental e significativa para a vida social.

Resultados e Discussão

Conforme os estudos de campo (na escola) e bibliográficos, percebemos que o objetivo da alfabetização não deve ser voltado apenas à codificação e decodificação de palavras, que estão apresentadas em sala de aula por meio de textos, de cartazes, de cantigas, de alfabeto móvel e outros recursos utilizados pelo educador, alfabetizar envolve compreender uma leitura de mundo muito mais ampla, estar alfabetizado é mais do que simplesmente compreender os signos do nosso alfabeto.

Segundo Carvalho (1994), *pode-se ler linha por linha, palavra por palavra, mesmo conhecendo o significado de cada uma delas, e chegar ao fim da tarefa sem a mínima ideia do sentido global do texto* (CARVALHO, 1994, p. 9). E, apesar do proposto por Carvalho (1994), muitos educadores consideram alfabetizado um indivíduo que consegue decodificar algumas palavras e ler textos breves, não levando em consideração que o principal objetivo da leitura é a compreensão.

Faz-se necessário ampliar o olhar do educador para que compreenda a importância do processo de alfabetização e a necessidade de ressignificar/mobilizar os conhecimentos conceituais e metodológicos que permitam à criança uma aprendizagem significativa, incluindo-a como leitor do mundo. Isso porque ensinar exige aceitação do contrário, do novo, abandonar velhas práticas, é um desafio, mas, ao mesmo tempo, é interessar-se pelo outro. Nesse sentido, para além da ampliação do olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, Goulart (2014) nos diz que:

O processo de alfabetização envolve conhecimento fundamental para o processo de escolarização, vinculado ao valor social da leitura e da escrita e à abertura para a inserção dos sujeitos no vasto mundo da escrita. Envolve outros aspectos e conhecimentos também: novas formas de existência e participação política, ligadas à compreensão de múltiplas linguagens sociais e gêneros discursivos e à possibilidade de transformação dessas linguagens e gêneros, e também de criação de novos (GOULART, 2014, p. 49).

Para ser motivador, o processo de alfabetização pode ser organizado a partir do conhecimento prévio acerca do assunto a ser abordado, com contribuições conceituais e formativas, que permitam a aquisição de novos conhecimentos, ao considerarmos que as crianças aprendem de diversas maneiras, em tempos e espaços diferentes.

Destacamos algumas atividades que estão sendo trabalhadas na escola, aquelas que despertam o interesse da criança, a partir dos estímulos que ela recebe. São elas: intervenções individualizadas, em grupo e institucionais, nas quais, a escola se mobiliza para envolver as crianças e a comunidade escolar em um ambiente de constante aprendizado. As possibilidades se concretizam em ações desenvolvidas por meio de projetos interdisciplinares, atividades de campo, gincanas, datas

comemorativas constante no calendário escolar, bem como grupo de estudo para formação continuada dos professores e da equipe escolar; essas ações, em sua maioria, também envolvem a parceria com outras instituições educativas e com as famílias das crianças.

Observamos, também, que o apoio pedagógico é uma estratégia de acompanhamento eficaz para as crianças que apresentam algumas dificuldades de aprendizagem e para que não sejam excluídas desse processo e lhes seja assegurado o direito à aprendizagem. Assim, ressaltamos a importância de nossa participação no cotidiano da sala de aula para ajudar a cada aluno, junto com seu educador, a prosseguir em sua singularidade, sem precisar ser igual aos outros, respeitando seu ritmos e competências adquiridas.

Essas ações objetivam desenvolvimento de habilidades necessárias, ressaltando os conhecimentos prévios da criança como forma de aquisição de novos conhecimentos, relacionando-os com práticas pedagógicas que promovam a apropriação de diferentes gêneros textuais que compõem o contexto linguístico social e educacional no processo de alfabetização.

Assim, o espaço escolar tem uma representatividade significativa para a criança, pois é nesse contexto de desafios que ela formará sua identidade de estudante que levará em todo o seu percurso formativo, que poderá ser inclusivo ou excludente, de acordo com o modo de comunicação visualizada por ela. O método utilizado pelo educador deverá estar de acordo com as necessidades da turma e é sempre bom estar atualizado com os debates e avanços da educação. Isso porque, quando o docente tem convicção de que está fazendo da sua prática pedagógica cotidiana um constante aprendizado e de que o conhecimento não está acabado, busca sempre meios de estabelecer uma conexão produtiva com seu estudante.

Por fim, é possível notar que novas práticas que envolvam a criança, para além da mera repetição de sons alfabéticos, tornam-se uma excelente maneira de ensiná-la. Nesse processo de alfabetização, podemos esperar um aprendizado significativo e inclusivo, com a intenção de valorizar o estudante, ao encontrar sentido no universo cognitivo, por ter havido uma aprendizagem situada ao recordar o processo de construção do conhecer algo novo no contexto social e cultural no qual está inserido.

Considerações Finais

O contato com a sala de aula e com o cotidiano escolar proporcionou aos envolvidos no Subprojeto da área de Pedagogia/Pibid/Ufac 2018/2019, desenvolvido na Escola Estadual Natalino da Silveira Brito em Rio Branco-Acre, a oportunidade de observar/compreender/analisar e trabalhar como as crianças dos 1º aos 3º anos do Ensino Fundamental I, destas, algumas tinham dificuldades de aprendizagem quanto às habilidades de escrita e leitura. Elencamos alguns desses motivos, dentre eles, métodos mal aplicados, mudança de escola, falta de acompanhamento pedagógico.

Alguns pontos de reflexão quanto à prática docente interferem diretamente na dinâmica em sala de aula, tais como as concepções de ensino e de aprendizagem, desconhecimento de recursos didáticos que podem favorecer a acomodação de conhecimentos, a intencionalidade dos livros pedagógicos e de outros recursos, que são questões importantes e que podem contribuir de forma positiva ou negativa no processo de aprendizagem dos alunos.

Dentre essas condições, podemos citar o apoio pedagógico, que poderá vir por meio do atendimento especializado para as crianças que têm dificuldade de aprendizagem, assim como aulas de reforço no turno oposto, revisão de currículo para ajustar as necessidades de aprendizagem e outras estratégias de acordo com realidade da escola, garantindo, assim, o direito de aprendizagem a todos.

Em nossa reflexão sobre os recursos didáticos, destacamos o livro didático que é enviado às escolas como um instrumento de reforço à aprendizagem na alfabetização. Este assume uma importância secundária, já que as escolas trabalham prioritariamente com sequências didáticas e projetos escolares que são considerados mais próximos da realidade dos estudantes.

Destacamos, também, que todas as crianças que foram acompanhadas durante o programa obtiveram sucesso quanto ao processo de alfabetização, ao mesmo tempo em que fomos nos formando como professores(as) alfabetizadoras. Por isso, acreditamos ser imprescindível uma formação inicial que evidencie a construção da autonomia profissional na organização do trabalho docente e na

aquisição de saberes profissionais que subsidiem uma prática profissional ética e comprometida.

Além disso, é necessário o desenvolvimento de competências do educador alfabetizador que possibilitem um amplo conhecimento dos métodos de alfabetização e seus objetivos, para que possam proporcionar às crianças um bom desempenho nos anos iniciais, de modo que, ao atingirem as séries mais avançadas de escolarização, tenham autonomia e curiosidade de descobrir o novo e desafiar o desconhecido.

Diante do exposto, podemos concluir que, para que ocorra a alfabetização em seu sentido pleno, é necessário mais que ensinar o estudante a decodificar os textos, é necessário, também, dar sentido aos recursos pedagógicos à disposição ou não do educador, para que o educando consiga vincular o conhecimento com a realidade, atribuindo valor e entusiasmo à aprendizagem que descortina o mundo a sua frente.

Referências

CARVALHO, M. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOULART, C. M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-52, 2014.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Cotidiano e resistência dos seringueiros no contexto dos “empates”: uma proposta de ensino/aprendizagem na Escola Alcimar Nunes Leitão

Marcelo Freire Rocha¹
Anilza Leoni Alves de Souza²
Armstrong da Silva Santos³

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) tem como objetivo valorizar o magistério e aprimorar o processo de formação de docentes para a Educação Básica. O Pibid oferece aos alunos de licenciatura bolsas para que os mesmos tenham contato com atividades pedagógicas em escolas públicas de Educação Básica. Os bolsistas são orientados por coordenadores de área e por supervisores que são docentes das escolas onde os bolsistas exercem suas atividades.

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da referida proposta de ensino/aprendizagem desenvolvida pelo Pibid/História/Ufac junto aos alunos do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alcimar Nunes Leitão situada em Rio Branco-Acre no ano de 2019.

Analisando a linha de pesquisa “populações amazônicas/acreas tradicionais: índios, seringueiros e ribeirinhos” proposta pelo projeto do Pibid, o tema escolhido foi: Cotidiano e Resistência dos Seringueiros no contexto dos “empates”. Seguindo o planejamento geral cada bolsista de Iniciação à Docência (ID) deveria acompanhar 10 alunos da escola em que estava lotado. O procedimento de seleção passava pela exposição dos temas a serem trabalhados e pela manifestação do interesse dos alunos em aderir às propostas apresentadas.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre – Ufac, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Pibid/História;

² Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid /História da Escola de Ensino Fundamental II Alcimar Nunes Leitão;

³ Professor da Universidade Federal do Acre - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Área de História e, Coordenador do Programa Pibid/História.

Com a seleção dos alunos feita, e com a realização de encontros ocorridos tanto na escola e na Ufac dos bolsistas com a supervisora, foi possível elaborar planos que nos orientaram no nosso trabalho com os alunos do Alcimar Nunes Leitão.

Para elaboração do projeto em conjunto com os alunos do Alcimar Nunes Leitão, foram realizadas pesquisas em torno do cotidiano dos seringueiros, leitura compartilhada dos livros *Capital e trabalho na Amazônia Ocidental: contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre*, de Pedro Vicente, *Trópicos Rebeldes: homens e mulheres da floresta e suas resistências contra a dominação na Amazônia Ocidental (séculos XIX e XX) – Varadouros da Liberdade*, de Carlos Alberto Alves de Souza. No decorrer dos encontros, os alunos participantes tiveram a oportunidade de conhecer sobre a difícil vida dos seringueiros, e também sobre os diversos confrontos que tiveram que travar para garantir a proteção das florestas nos famosos “empates”. Em conjunto com as pesquisas e leituras em torno do viver dos seringueiros, visitas a Ufac foram realizadas e também foi onde ocorreu o objetivo final do projeto, um ensaio fotográfico que mostraria um dia comum dos seringueiros onde os próprios alunos seriam os modelos.

Escolha do tema

A escolha do tema ocorreu a partir das reuniões gerais ordinárias realizadas na Ufac, onde com as orientações dos coordenadores e da supervisora foi possível decidir qual tema seria trabalhado.

Também por motivos pessoais, foi um assunto que tive contato logo quando entrei na academia, assunto esse que não tive acesso no ensino básico. A escolha do tema teve mais relevância por conta de não ser um conteúdo muito abordado na disciplina de história nas escolas de ensino básico, sendo que devido conteúdo faz parte da história do nosso estado e país.

Prática de Ensino

O modo que o projeto se seguiu na escola Alcimar Nunes Leitão, foi mediante a realização de encontros dentro de sala de aula como também na Ufac. Um desafio

encontrado para a realização do projeto foi conseguir a permanência dos alunos no projeto, já que os alunos mesmo tendo o interesse em participar do projeto, muitas das vezes suas vidas pessoais e familiares os impediram de continuar com os encontros, o que levou durante os meses em que se seguiu o projeto que os alunos participantes desistissem do projeto, mas também ocorreu de outros alunos aderirem às atividades do ao projeto.

Nos encontros realizados dentro de sala de aula na escola Alcimar Nunes Leitão em conjunto com os alunos, foi feita a leitura compartilhada dos livros *Capital e trabalho na Amazônia Ocidental* de Pedro Vicente e o livro *Trópicos Rebeldes* de Carlos Alberto, e em cada encontro após a leitura um debate acontecia para que os próprios alunos relatassem o seu entendimento das leituras feitas tendo como objetivo expandir seus conhecimentos sobre os seringueiros e sobre os empates. Ocorreu também de levar os alunos junto com a supervisora para uma visita a Ufac em destaque ao parque zoológico onde foi possível conhecer as famosas seringueiras que constituem ainda nos dias atuais, parte da renda dos seringueiros e também fazer com que os alunos pudessem ter contato com um lugar semelhante ao que os seringueiros vivem e trabalham.

Resultados alcançados

Após os vários encontros realizados, foi possível perceber que cada aula teve resultado, cada atividade, leitura e debate realizado trouxeram resultados satisfatórios já que nesses meses de projeto de onde no início os alunos não conheciam a figura do seringueiro que tanto fez parte da história do Brasil e principalmente do estado do Acre.

A realização do ensaio fotográfico do cotidiano do seringueiro também foi muito satisfatória, já que com isso foi possível fazer os alunos presenciarem novas experiências e sentir mesmo que brevemente como seria o dia a dia dos seringueiros.

Considerações Finais

Considerando todos os fatos mencionados no decorrer deste artigo, observa-se que a aula inovadora foi de grande aprendizagem tanto para os bolsistas como para os alunos, todos os objetivos das aulas foram alcançados com êxito, onde é possível perceber através da dedicação dos alunos do Alcimar Nunes Leitão em continuar e realizar o projeto, todos foram bastante participativos e questionadores, e se dedicaram a finalizar o projeto mesmo encontrando adversidades e por fim adquirir o conhecimento sobre o cotidiano e resistência dos seringueiros no contexto dos empates.

Referências

COSTA, P. V. S. Capital e trabalho na Amazônia Ocidental: contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre. São Paulo: Cortez: Rio Branco, AC : Universidade Federal do Acre, 1992.

SOUZA, C. A. A. Trópicos Rebeldes: homens e mulheres da floresta e suas resistências contra a dominações na Amazônia Ocidental (séculos XIX e XX) – Varadouros da Liberdade. Rio Branco-Acre: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2016. 316p.

Pibid Educação Física, do conceitual à prática: relato de experiência

Analice Queiroz de Sousa¹
Bruno Moreira da Silva¹
Katiane da Cunha Barbosa¹
Thalisney Souza de Paiva¹
Eric Matheus Farias da Silva²
Jeane Maria Moura Costa³

Introdução

Ao adentrar na academia percebemos o quão é importante a participação nas práticas de ensino e nos estágios supervisionados para nós futuros docentes, pois é durante a prática e no estágio que podemos ter uma vivência aproximada de nossa futura profissão.

Este trabalho mostra a experiência de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, o qual possibilita a vivência no âmbito escolar como iniciação à docência para os acadêmicos das licenciaturas logo na primeira metade de sua graduação. Neste trabalho apresentaremos a experiência dos bolsistas/professores da escola Instituto São José que possui 09 (nove) alunos do Pibid “Pibidianos” como docentes em experiência, apresentando uma abordagem analítica sobre as influências do programa na formação acadêmica e as vantagens do mesmo na área de Educação Física.

Este projeto possibilita a nós acadêmicos uma experiência de lidar com as realidades das escolas públicas, nos aproximar das reais situações vividas por um professor de Educação Física na educação básica, que lida em seu dia-a-dia com problemas relacionados à falta de material didático, desportivo, grande quantidade de alunos em uma única turma, dentre outras questões que serão abordadas neste trabalho.

¹ Acadêmico(a) do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Acre, Bolsista Pibid/Educação Física Capes.

² Professor da Rede Estadual de Educação, docente na Escola Instituto São José supervisor Pibid/Educação Física. Bolsista Capes.

³ Professora da Universidade Federal do Acre. Coordenadora de Área do Pibid/Educação Física- Capes

O Pibid possui grande importância na vida acadêmica dos licenciandos além do fator social, pois nos permite uma visão real da vida docente e por conseguinte, nos desafia a desenvolver de forma criativa nossos anseios, tanto como alunos, quanto docentes em formação, proporcionando aos discentes das escolas públicas novas ideias como também possibilidades variadas de ensino.

O Pibid - representa hoje mais uma oportunidade de ação na formação de professores de Educação Física no ensino superior. Mais do que espaço novo, acreditamos que a ideia é produzir novos significados na formação de professores, porém pensamos que as ações a serem propostas precisam referenciar-se em metodologias pedagógicas críticas, pois tal condição certamente fortalecerá o ensino dos conteúdos disciplinares e ampliará os horizontes da produção de conhecimentos. (CRUVINEL et al., 2011, p. 5.)

O Pibid é uma ferramenta importante na formação acadêmica principalmente na parte que prioriza o desenvolvimento dos bolsistas como futuros docentes, possibilitando uma contribuição na escolha de ser ou não professor (uma questão sempre levantada durante as aulas de disciplinas pedagógicas). O programa acarreta também, uma diferença para o próprio supervisor o qual possui os bolsistas como ajudantes ou substitutos.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência vem contribuir desta forma para nossa qualificação profissional, além de ser uma “peneira” para os acadêmicos que não estão preparados ou não se identificam com a profissão docente.

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências vivenciadas pelos acadêmicos participantes do projeto e expor como o Pibid pode auxiliar na formação profissional.

O Pibid de Educação Física

Este programa teve início em julho de 2010 na Universidade em diversas áreas de estudo, porém na área de Educação Física teve seu início apenas em agosto de 2012, portanto, é algo “novo” para a área de Educação Física.

Atualmente o Pibid Educação Física possui 27 pessoas contempladas, sendo 21 (vinte e um) bolsistas remunerados e 6(seis) não voluntários, os mesmos distribuídos nas escolas participantes do projeto na cidade de rio branco:

- Colégio de Aplicação
- Escola Serafim da Silva Salgado
- Instituto São José

Em muitos casos, os acadêmicos\bolsistas tornam as aulas mais divertidas e diferentes, pois, estão de certa forma, cheios de ideias novas, as quais são diretamente utilizadas nas aulas de Educação Física. Podemos perceber que os alunos gostam da participação dos acadêmicos bolsistas devido essa “chuva de ideias” que os futuros profissionais desenvolvem durante as aulas.

Através do dia a dia no ambiente escolar na área de Educação Física podemos destacar os pontos principais de nossas experiências como Pibidianos no decorrer deste ciclo. A importância de aliar a teoria à prática docente, esquecendo a segregação das disciplinas pedagógicas e das disciplinas específicas. No Pibid podemos usar de todo o aparato científico e pedagógico que adquirimos durante o processo de nossa graduação, e até mesmo dentro do próprio programa, nos proporcionando diversas experiências.

Pibid – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, representa hoje mais uma oportunidade de ação na formação de professores de Educação Física no ensino superior. Mais do que espaço novo, acreditamos que a ideia é produzir novos significados na formação de professores, porém pensamos que as ações a serem propostas precisam referenciar-se em metodologias pedagógicas críticas, pois tal condição certamente fortalecerá o ensino dos conteúdos disciplinares e ampliará os horizontes da produção de conhecimentos. (CRUVINEL e QUEIROZ, 2011, p. 5.)

Como parte da educação integrada à Educação Física faz parte das disciplinas curriculares enquanto componente obrigatório, “A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.” (LDBEN,1996).

A Educação Física pode ser um patamar de descobertas para os alunos praticarem atividades físicas, dançar, jogar, etc., fazem parte do desenvolvimento psicológico, afetivo, motor, cognitivo, psicomotor e social dos alunos. Baseado no Referencial Curricular Nacional Infantil (1998, p.13) e considerando “[... As especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças [...] a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania [...]”.

Fica evidente nas aulas de Educação Física que o ensino dos esportes coletivos vem se constituindo numa das principais atuações do profissional desta área, (AZEVEDO, 1999). Com a atuação dos “Pibidianos” dentro do âmbito escolar podemos desenvolver os esportes coletivos, tendo como possibilidade gincana entre turmas e também reconstruindo novas formas de ministrar conteúdos, além de possibilitar aos alunos das escolas experiências com uma variedade de ensinamentos que não sejam somente os esportes, mas que refiram-se à temas transversais que podem ser abordados nas aulas.

Pibid e sua importância

Percebemos o quão importante é a qualificação profissional dos futuros docentes, e o Pibid traz para nós acadêmicos a oportunidade de um projeto piloto de nossas carreiras futuras. Entendendo essa importância percebemos que além de nos proporcionar uma experiência a qual antecede a prática profissional antes do término de nossa graduação, possibilita também um grande auxílio para o professor da escola pública, além de levar aos estudantes uma nova forma de lecionar.

Podemos destacar ainda que dentro das escolas como bolsistas levamos novas experiências, formas de ministrar aulas diferentes das tradicionais, conseguimos perceber dentro da convivência com os alunos o quanto fazemos diferença na aplicação das atividades, pois o Pibid não nos leva apenas a vivenciar as aulas, programas, projetos na escola, mas nos possibilita ter criatividade e intervir na dinâmica escolar.

O programa como uma política pública nos faz entender o quanto podemos fazer diferença em nossos trabalhos, e que podemos mostrar para os alunos que Educação Física não é apenas esporte, mas é um processo formativo, ou seja, uma vida com mais qualidade, o que de fato é importante para a qualificação profissional dos docentes trazendo grande relevância na forma de ensinar dentro das escolas de educação básica.

O Pibid é parte de uma política de qualificação profissional. A qualificação do licenciando e do docente são desafios para as políticas públicas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação. A melhoria da qualidade do ensino é importante para assegurar à população brasileira o acesso pleno à cidadania. (EDUARDO, 2012, p.6.)

O Pibid de fato possui esse papel importante em nossa formação, pois é nele que nos deparamos com as dificuldades dentro das escolas, e é a partir do mesmo que podemos entrar em contato com os parâmetros necessários à docência com qualidade, pois no decorrer deste relato podemos perceber que é um patamar para uma formação profissional de qualidade, tendo em vista que neste espaço podemos estar refletindo sobre as diversas situações que podem ocorrer em uma aula e aprender a lidar com os alunos.

Podemos perceber que vinculados às nossas disciplinas do curso de licenciatura em Educação Física estamos atrelados à teoria versus teoria. Essa forma nos dá certo distanciamento da verdadeira realidade docente, mesmo com as experiências de práticas de ensino não conseguimos de fato mergulhar na verdadeira realidade de um professor de escola pública.

Formação docente Educação Física

A formação de professores de Educação Física está amparada legalmente pelas Resoluções nº 01/2002 e nº 07/2004, ambas do Conselho Nacional de Educação (CNE), e conferem diploma de licenciado e/ou de bacharelado.

A formação docente trata-se de uma proposta educacional que tem dificuldade de concretização. Isso fica claro nas palavras de Gasparin (2009, p.147-148), quando afirma:

[...] os professores não possuem muita clareza de como proceder na aplicação dessa proposta didático-pedagógica em sua prática docente cotidiana. Tem grande dificuldade em planejar sua ação seguindo os cinco passos. Os empecilhos são sempre de dupla ordem: a) dificuldade em entender a teoria e seus fundamentos histórico-materialistas, e b) como passar dessa teoria a um projeto de ensino-aprendizagem específico de um determinado conteúdo escolar.

Portanto entendemos que o Pibid é um somatório de ações dentro da formação docente dos acadêmicos\bolsistas, sendo esta proposta uma impulsionadora a até mesmo na definição ou não de nossas escolhas para a profissão docente. Levar toda a teoria adquirida durante a graduação para o desenvolvimento das atividades, mostrou dificuldades, por motivos referentes a materiais didáticos e esportivos, grande demanda de alunos para um único acadêmico\bolsista etc.

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola do conhecimento de uma área (...) denominada de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais (...): jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (SOARES, et al,1992, p. 61-62)

Segundo o Referencial Curricular de Educação Física para o Ensino Fundamental do Acre (2004), deve ser estimulada a reflexão entre os profissionais que atuam na Educação Física escolar sobre qual é o objeto de estudo, pois se não há um objeto de estudo definido, somos apenas instrutores de futebol, voleibol, handebol, basquetebol, entre outros, desenvolvendo um trabalho apenas para os alunos que têm aptidão para certos esportes.

O que deve ser destacado é que o ensino de Educação Física não é apenas desportivo, mas um ensinamento de cidadania, saúde, qualidade de vida e inclusão, pois não é somente os esportes que devem ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física. O próprio pensar em inclusão no âmbito escolar é um avanço no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem nas aulas.

Desta forma fica evidente a importância do Pibid para a formação docente, pois durante as aulas como bolsistas deste programa podemos perceber o desafio diário que os professores são submetidos. Foi durante as atividades que passamos por diversos desafios estruturais e materiais, por isso saliento que o projeto serve como base para nossa formação acadêmica.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e o método de trabalho será a pesquisa documental, na qual tem enquanto fontes documentos, baseados na experiência do bolsista do Pibid Educação Física presentes na Escola Instituto São José durante o biênio 2018-2019. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 47) a investigação qualitativa ou de acordo com Severino (2007) “abordagem qualitativa” possui cinco características:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...], 2. A investigação qualitativa é descritiva [...], 3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...], 4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva [...] e 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa [...].

Severino (2007, p. 120) salienta também, que a pesquisa documental “tem-se enquanto fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

Neste trabalho foram utilizados documentos produzidos durante a prática, como relatos de experiências feitos pelos alunos bolsistas. Através desta documentação poderá ser feita a trajetória, possibilitando uma abordagem descritiva para nossos trabalhos durante este período.

Tais questões irão refletir o significado do Pibid em nossa trajetória acadêmica e profissional, além de demonstrar a importância dele para nós, para os professores

que são auxiliados e algumas vezes substituídos e para a comunidade de alunos, bem como a importância social.

Relatos de experiência

Aula de Jogos e Brincadeiras

A aula foi iniciada com uma roda de conversa, onde foi possível apresentar para os alunos um pouco sobre o mundo do tecido acrobático, após uma rápida conversa realizamos o processo de alongamento. Dando sequência foi destacado para a turma que trabalharemos uma nova modalidade circense, que é um tipo de acrobacia aérea, ou seja, é feita fora do chão. Para tal, foi apresentado por um dos bolsistas uma demonstração do aparelho. Em seguida, questionar se eles conhecem essa atividade, se sabem como se chama e se já viram em algum lugar. Após as respostas da turma, destacamos que se tratava de uma modalidade circense chamada de tecido aéreo. Foi explicado que existem alguns tipos de tecido, mas, que nós vamos aprender com o tecido liso que tem duas partes iguais que serão usadas para fazer as figuras fora do chão utilizando o próprio corpo. Na sequência foi realizado uma brincadeira no tecido para que os alunos se familiarizassem com o material utilizado na aula, sendo ensinado alguns tipos de nós existentes no tecido, e como se estabilizar no mesmo, essa parte da aula foi realizada numa altura de mais ou menos 1 metro do chão e sobre colchões para garantir a segurança. Foram selecionadas brincadeiras com o intuito de trabalhar por meio do trabalho em equipe dos alunos. No decorrer da aula foram executadas duas brincadeiras com intuítos distintos.

- Acerte o Alvo Ventado

Essa brincadeira se deu através de duplas, onde uma componente estava sentada com um arco na mão, e a mesma tinha que se locomover a um certo ponto e deixa o arco no local/objeto específico, a mesma para alcançar o objetivo era guiado por sua colega que estava vendo o caminho e os obstáculos.

- Cabra Cega Vedada

Novamente em dupla uma música é tocada, assim que as músicas para os alunos tinham que localizar uma cadeira e estourar a bexiga que se encontrava sobre a mesma, o aluno era guiado pela sua coleta através dos comandos esquerda, direita, frente e traz.

Após a execução das atividades foi feito uma roda de conversa destacando a importância da atividade para os mesmos e também a dificuldade que algumas pessoas com deficiência possuem para realizar determinada tarefa/ação.

Figura 1: Aula de Jogos e Brincadeiras na escola ISJ.



Fonte: arquivo dos autores, 2019.

Aula de Ginástica com Step

A aula foi iniciada com uma roda de conversa, onde foi possível apresentar para os alunos um pouco sobre o mundo da ginástica, após uma rápida conversa realizamos o processo de alongamento, focando nos membros inferiores que seriam mais utilizados no decorrer da aula. Na sequência apresentamos o equipamento que seria utilizado na aula (step) e iniciamos a atividade. Como forma de iniciação da ginástica utilizamos movimentos simples de início como forma de atrair o público alvo para a ambiente que acontecia a aula, conforme as alunas executavam o movimento acontecia o acompanhamento através dos bolsistas. Após terem se identificados com o equipamento adicionamos um grau de dificuldade maior, com movimentos mais dinâmicos e de movimentação com intuito de trabalharmos o ritmo e a coordenação das alunas, assim com o passar do tempo fomos adicionando passos mais completos com intuito de trabalhar também a resistência e também o equilíbrio das mesmas. Após a execução das músicas propostas, encerramos a atividade com uma aula de relaxamento através de alongamentos dos membros inferiores e superiores.

Figura 2: Aula de Ginástica com Step na escola ISJ.



Fonte: Acervo do Subprojeto da área de Educação Física/Pibid/Ufac (2019)

Aula de Tecido Acrobático

A aula foi iniciada com uma roda de conversa, onde foi possível apresentar para os alunos um pouco sobre o mundo do tecido acrobático, após uma rápida conversa realizamos o processo de alongamento. Dando sequência foi destacado para a turma que trabalharemos uma nova modalidade circense, que é um tipo de acrobacia aérea, ou seja, é feita fora do chão. Para tal, foi apresentado por um dos bolsistas uma demonstração do aparelho. Em seguida, questionar se eles conhecem essa atividade, se sabem como se chama e se já viram em algum lugar. Após as respostas da turma, destacamos que se tratava de uma modalidade circense chamada de tecido aéreo. Foi explanado que existem alguns tipos de tecido, mas, que nós vamos aprender com o tecido liso que tem duas partes iguais que serão usadas para fazer as figuras fora do chão utilizando o próprio corpo. Na sequência foi realizado uma brincadeira no tecido para que os alunos se familiarizassem com o material utilizado na aula, sendo ensinado alguns tipos de nós existentes no tecido, e como se estabilizar no mesmo, essa parte da aula foi realizada numa altura de mais ou menos 1 metro do chão e sobre colchões para garantir a segurança.

Figura 3: Aula de Tecido Acrobático ISJ.



Fonte:Acervo do Subprojeto da área de Educação Física/Pibid/Ufac (2019)

Resultados e discussão

Tendo em vista que a educação básica é carente de bons profissionais, especialmente de bons educadores, o Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência, se revelou um mecanismo de suma importância na formação profissional. O Pibid segue uma ordem de adequação partindo da observação, participação, elaboração de planos de aulas, execução dos mesmos, como também artifícios para lidar com situações específicas as quais encontramos em sala de aula (quadra), durante o programa pôde ser observado que os conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física contribuíram de maneira significativa para a evolução dos alunos na disciplina.

Dentro do que foi exposto e analisado sobre a atuação do Pibid dentro do espaço escolar que se torna um programa propiciador de saberes e práticas de ensino voltadas para reflexão-ação-reflexão que tem como objetivo principal o aluno e sua aprendizagem. Portanto, o programa de iniciação à docência traz consigo uma contribuição significativa na aprendizagem e no dia a dia dos alunos da escola. (BARROS, 2013, p. 10).

Indubitavelmente as atividades expostas pelo Pibid, não sanam as deficiências presentes nas escolas de educação básica, muito menos suprem as carências dos discentes contemplados, no entanto, os vários saberes e a forma diversificada como as atividades são aplicadas através do programa, o torna um instrumento muito importante, sobretudo destacada as dificuldades e o contexto social dos alunos.

Várias atividades foram experimentadas ao longo do tempo que o Pibid estava inserido na escola Instituto São José. A exemplo disto, foram realizadas atividades de ginástica, esportes, danças, primeiros socorros e também jogos e brincadeiras. Dessa forma, ajudando a deixar as aulas de Educação Física mais dinâmicas, e tendo um objetivo de permitir que as mesmas não tenham um enfoque apenas ligado ao aprender a fazer, mas incluindo uma intervenção planejada do professor quanto ao conhecimento que explique o que está por trás do fazer, além dos valores e atitudes que se inserem na prática da cultura corporal do movimento.

Considerações Finais

É possível concluir que o Pibid influencia de forma direta na formação acadêmica dos bolsistas, pois foi neste programa foi possível lidar com turmas de estudantes na figura de professor sendo o mentor de novas experiências para as aulas, e retirando o receio de lecionar. Através desta experiência foi possível também a oportunidade de planejar com orientação do coordenador de área, supervisor e individualmente. Diante do exposto pode-se constatar que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, permite um leque de possibilidades tanto para os alunos das escolas, quanto para os participantes do Pibid no que diz respeito à formação enquanto ser professor.

Percebe-se que o programa consegue aliar escola e universidade acarretando aos bolsistas envolvidos uma formação diferenciada e produtiva a qual precisa ser amplamente divulgada. Seus resultados precisam ser mostrados ao poder público a fim de que este programa se integre a estrutura curricular dos cursos de licenciatura, porque ele é o essencial que um curso de formação de professores deve oferecer, pois, ele auxilia na formação dos envolvidos mostrando que a pesquisa e a formação continuada devem ser praticadas desde a formação inicial.

O programa trouxe grandes contribuições para a formação docente em Educação Física. Por fim, acredita-se que o Pibid é imprescindível para a formação inicial de professores em Educação Física por agregar escola e universidade, teoria e prática, algo muito falado, porém ainda pouco realizado.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 7.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRUVINEL, B. P.; et. al. **A formação em educação física: o Pibid como espaço de trabalho coletivo.** Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/Pibid/trabalhos-Pibid/Pibid-nivaldo-antonio.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

EDUARDO, E. J. **O papel do Pibid na ótica dos licenciandos – bolsistas – Um estudo de caso.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Química da Universidade Federal de Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/4084/7/2012_EmanoelJunioEduardo.pdf> acesso em: 10 de dezembro de 2019.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração: guia para estágios, trabalho de conclusão, dissertações e estudos de caso.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, C. L.; et. al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992 (Magistério 2º grau. Série formação de professores).

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOZETTO, S. S. **Os saberes da experiência e o trabalho docente.** Revista Teoria e Prática da Educação. v. 14, n. 3, p. 17-24, set/dez, 2011.

O processo da propaganda na Segunda Guerra Mundial e os soldados da borracha no Acre (1939-1945)

Larissa Rufino Lima¹
Armstrong da Silva Santos²

Introdução

O presente texto visa mostrar as experiências de pesquisa/ensino/aprendizagem executadas na escola Henrique Lima, em Rio Branco – Acre, realizada para o ano de 2019, no programa Pibid-história da Universidade Federal do Acre (Ufac).

O objetivo é aplicar metodologias de aprendizagem de forma “inovadora” visando melhorar práticas de ensino nas escolas de rede Básica. Para tal, foi feito um recorte temático que envolvesse abordagens em um dos temas propostos de pesquisa, com a História da África e cultura afro-brasileira/acreana; Culturas/identidades na fronteira trinacional (Amazônia Sul-ocidental): Acre/Brasil, Pando/Bolívia e Madre de Dios/Peru; Populações amazônicas/acreanas “tradicionais”: índios, seringueiros e ribeirinhos; Geopolítica e ocupação do espaço acreano: poder, representações, lutas sociais e meio ambiente; e/ou outros temas livres, buscando mecanismos e recursos didáticos para a realização dos projetos dentro da escola.

Portanto, optou-se pela temática que envolve um tema livre sobre conflitos mundiais no século XX, que ao mesmo tempo se interliga às populações amazônicas/acreanas “tradicionais”: os seringueiros. Percebendo os conflitos e divergências na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), apresentou-se uma forma de aplicação dos conteúdos abordando novas visões e questionamentos através da propaganda. Analisamos as propagandas nazistas contra os judeus, as propagandas de história em quadrinhos trazidas como críticas ao Eixo pelos EUA, episódios de

¹ Discente no curso de Licenciatura em História e bolsista Pibid/História da escola Henrique Lima. E-mail: larissa2000ru@gamil.com

² Professor da Universidade Federal do Acre - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Área de História e, Coordenador do Programa Pibid/História.

desenhos animados da Disney, a Coca-Cola e a Fanta como representatividade de propagandas que surgiram durante a segunda guerra e permanecem até os dias atuais.

Ensino-pesquisa: Segunda Guerra mundial e o Soldados da borracha

Realizou-se também um paralelo com os Soldados da Borracha durante o Segundo Ciclo da Borracha, como fonte de produção de matéria prima fundamental para os fins de Guerra na guerra, a influência que a região amazônica sofreu com a colaboração entre Brasil e Estados Unidos na Aliança e a chegada de migrações do nordeste para uma vida melhor patrocinada pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores (SEMTA), que promoveu suas propagandas através do pintor e desenhista Jean-Pierre Chabloz.

Dessa forma, destacamos os estudos realizados na pesquisa como referencial teórico Bittencourt (2011), com seu livro “Ensino de história: fundamentos e métodos”, Martinello (2018), com o livro “A Batalha Da Borracha Na Segunda Guerra” e Vigevani (1995), com o artigo “A segunda guerra mundial: o ambiente internacional que ameaça a paz, gera a guerra e desencadeia o genocídio”, que serviram como base para realização e elaboração dos trabalhos Pibid, refletindo a pesquisa e aprendizagem além de, novas práticas dos docentes na sala de aula.

Para realizar as atividades na escola, procurou-se fazer primeiramente visitas a escola tomando conhecimento dos seus espaços, funcionários, gestão escolar, professores e alunos. Mais adiante, cada bolsista residente na escola Henrique Lima apresentou seus temas durante as aulas do supervisor, constituindo um grupo de alunos para promover encontros para realizar as atividades no contraturno da aula.

Utilizando-se desses elementos para se obter a construção da aula inovadora, elaborou-se a sequência didática a ser trabalhada:

- Identificar as causas da Segunda Guerra Mundial.
- Compreender o que foi a Segunda Guerra Mundial.
- Discutir a propaganda nazista na guerra.
- Investigar aspectos sobre os seringueiros e a borracha na Segunda Guerra.

- Refletir sobre as propagandas da campanha Mais Borracha para Vitória de Jean-Pierre Chabloz.
- Identificar o crescimento da popularidade das propagandas na Coca-Cola durante a Segunda guerra mundial.
- Compreender a crítica das Histórias em Quadrinhos dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial.
- Discutir sobre as propagandas utilizadas contra os judeus pelos nazistas.
- Refletir sobre a influência das propagandas na atualidade.

Enfim, ampliou-se as formas de aprendizagem dos alunos foi utilizada metodologias como: levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, aulas expositivas e dialogadas e principalmente como método essencial foi utilizado documentos não escritos na sala de aula, as imagens no ensino de história através das propagandas, “a intenção maior é identificar como o aluno apreende as imagens e suas representações” (Bittencourt, 2011, p.365).

A propaganda considerada por muitos como forma de anunciar produtos de marcas feitas com o objetivo de chamar a atenção, para que assim possa se obter êxito nas vendas para as empresas, encontra seu maior potencial em convencer aqueles da qual, está destinada sua intenção.

As articulações da propaganda não possuem apenas o viés de divulgar produtos para o público. Os vários tipos de publicidade, podem ser utilizados para promover imagens de políticas, como por exemplo, as propagandas políticas em anos de eleição promovidas por rádio e televisão e agora também por internet preparando panfletos, programas ou músicas que influenciam na hora da escolha do candidato. Outras maneiras de publicidade são por meio de crenças, ideias religiosas e ideológicas. Durante o século XX, as propagandas foram utilizadas nas guerras com a finalidade de apresentar uma imagem negativa dos inimigos para garantir que as populações envolvidas contribuíssem ainda mais com a guerra, além de fortalecer o nacionalismo evidente destas nações naquela época.

Notamos que era possível realizar uma importante pesquisa historiográfica atendendo novas formas de conhecimentos que não abordassem somente os acontecimentos, fatos ou datas durante a Segunda Guerra Mundial, podendo

selecionar conteúdos significativos para priorizar o conhecimento que pudessem trazer aos alunos algo inovador. Todos esses possíveis estudos vinculados à região acreana e ao Brasil, bem como, exaltando a importância e decadência do Segundo Ciclo da Borracha e os seringueiros durante a migração.

Relacionar o ensino de história com realidades que foram e são cotidianas, associando os métodos de análise de imagens, gravuras, ilustrações e animações vinculadas a ideia não só de atrair o aluno com o uso dessas imagens, mas trazer uma leitura de todo o contexto histórico destas iconografias presente como uma das armas e recursos no período de conflitos contra outras nações, faz-se uso das próprias reflexões dos alunos diante do tema para a valorização do diálogo entre o professor e o aluno, pois

“Os historiadores que mais se interessam pelas imagens tecnológicas são, sem dúvida, os especialistas em história contemporânea. Filmes, fotografias e músicas gravadas tem servido de fontes importantes para o conhecimento das sociedades contemporâneas” (Bittencourt, 2011, p. 363).

A aula inovadora faz-se pensar em algo mais leve, e ao mesmo tempo, de profunda reflexão e interação sobre os conteúdos. Então para a inovação, pensamos em uma aula que garantisse uma sala onde os discentes pudessem viajar através das imagens e discutir como elas poderiam ser interpretadas. Para tal, primeiro foi necessário sanar as dúvidas postadas diante dos conteúdos, transformando os conteúdo em uma ligação entre os contextos históricos e as análises refletidas nas opiniões e participações durante a aula

O uso de animações produzidas como os filmes de curta-metragem durante o período de guerra transmitidos pelos meios de comunicação, a exemplo da Disney, nos encontros mostrou-se muito produtivo. O curta-metragem *Education for Death* mostra a vida de Hans, que descreve toda uma vida de doutrinação nazista e o processo de educação para crescer e se tornar um soldado para Hitler e para a Alemanha, além do curta. A Face do Führer, transmitido no Brasil que mostra o famoso Pato Donald vivendo uma vida no regime nazista, em meios a regras e doutrinação que o forçaram a se submeter, até acordar um dia e descobrir que tudo era um pesadelo porque ele na verdade era um belo cidadão americano.

Saber fazer: as dimensões da metodologia do ensino-pesquisa³

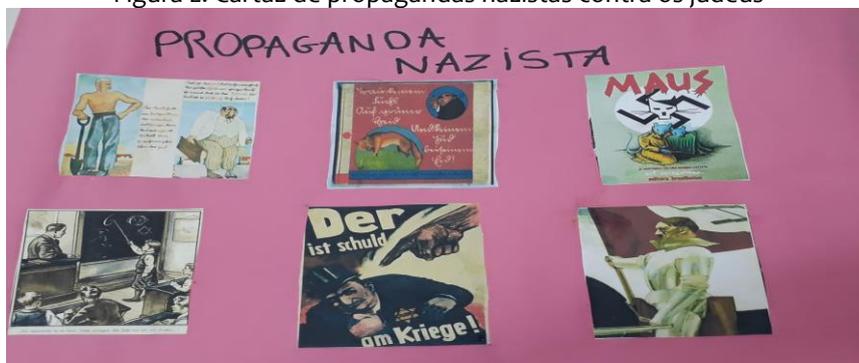
No decorrer das aulas foram confeccionados pôsteres e cartazes com imagens trazidas de propagandas trabalhadas nos encontros, para que desse início a ideia de uma exposição dessas imagens feitas pelos próprios alunos. A Figura 1 mostra a elaboração do cartaz de propagandas do SEMTA “mais borracha para vitória” no período da segunda guerra e, a Figura 2 elaboração do cartaz de propagandas nazistas contra os judeus, atividades desenvolvidas com os alunos da Escola Henrique Lima. Apresentadas a seguir.

Figura 1: Cartaz de propagandas do SEMTA “mais borracha para vitória”



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

Figura 2: Cartaz de propagandas nazistas contra os judeus



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019.

Assim, se construir com os alunos para os alunos outros métodos possíveis de estudar a história através do uso de outras fontes que não sejam apenas o livro didático, decorar ou ler textos; participar e não apenas escutar somente aquilo que o professor diz, mostrou-se possível e produtivo.

³ LIMA, Geórgia Pereira. Pibid História: As dimensões do ensino-pesquisa na formação docente. In.: SOUSA, A M; GARCIA, R; SANTOS, T C. (org.) Reflexões sobre a formação de professores: o Pibid como espaço de interlocução. Rio Branco: Nepan Editora, 2017. Disponível em: https://issuu.com/geped.Pibid/docs/livro_geped. Acesso em 06 de nov. 2019.

Assumiu-se a tarefa para a culminância dos trabalhos feitos na escola na perspectiva de apresentar os resultados dos alunos para a escola e o Pibid História Ufac, durante o Seminário Geral do Pibid/Ufac. A proposta era de que fossem apresentados nas escolas os resultados das ações no dia 20 de novembro de 2019. Para tanto, organizamos uma sala temática sobre o processo da propaganda na segunda guerra mundial e os soldados da borracha.

Surgiu a ideia de construir uma maquete com uma base que se refletia a guerra entre soldados que nesse espaço mantinha-se outdoors com as principais propagandas de nações inimigas que protagonizaram a segunda guerra. As Figura 3 mostram a confecção da maquete de propagandas na escola Henrique Lima, são representações dos encaminhamentos planejados para realização do referido evento acima citado.

Figura 3: Confeção da maquete de propagandas na escola Henrique Lima



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019.

No dia 20 de novembro foi realizado simultaneamente em todas as escolas participantes do projeto, o resultado que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência ainda faz dentro da rede pública unindo o trabalho da Universidade e seus futuros professores da rede para transformar uma base de troca de conhecimentos para qual os professores de história possam cada vez mais inovar em seus métodos de ensino/pesquisa/aprendizagem formando um tripé como base sólida da educação.

Nesse sentido, a visão itinerante do VI Seminário Pibid/Ufac “A escola e a aprendizagem da docência: o Pibid como processo formativo” permitiu a circularidade de saberes na comunidade escolar, garantindo a participação e a socialização efetiva dos alunos-parceiros do Pibid/Ufac representados pelas Áreas de

conhecimento que atuaram na Unidade Escolar. A Figura 4 mostra a apresentação da culminância do projeto Pibid/História, na sala temática “propaganda na segunda guerra mundial e os soldados da borracha” na escola Henrique Lima. A seguir:

Figura 4: Apresentação da culminância do projeto Pibid/História



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019.

Durante o ano, enfrentamos processos de desistência por parte dos alunos. Além disso, a escola tem muitas atividades extras que buscam envolver os alunos durante o contraturno em alguns dias, isso é bastante importante para tornar a escola cada vez mais chamativa para os adolescentes, pois para muitos a região onde a instituição de ensino está localizada oferece situações de conflitos entre facções, crime e violência. Embora essas atividades sejam significativas, muitas vezes essas atividades se chocavam como o horário dos encontros na escola.

Apesar dessas dificuldades, os resultados e discussões foram ricos em novas concepções e visões dos alunos para com o tema abordado, gerando exposições de imagens, maquetes que simboliza outdoors das propagandas, além da propagação do próprio conhecimento dos alunos.

Considerações Finais

Consideradas as diversas formas de abordagem de conteúdo na sala de aula podem mudar a aprendizagem dos alunos, dessa forma, a inovação vem através de métodos diferentes para os conteúdos que já eram abordados. Realizando-se aulas expositivas e dialogadas e principalmente como método essencial utilizando-se de documentos não escritos na sala de aula, como as imagens no ensino de história

através das propagandas e vídeos de desenhos animados e HQs, proporcionaram uma nova perspectiva sobre a Segunda Guerra Mundial. As experiências adquiridas durante o processo foram tantas, tal como, a aproximação de docentes em formação garantindo o ensino de história e realizando desde já novas práticas de pesquisa e aprendizagem, modificando a área e contribuindo para os futuros profissionais do professorado de História.

Referências

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KROPER, V. L. **Nazismo e preconceito**. Lemad: laboratório de ensino e material didático. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/5377>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

LINCOLINS, T. **A fanta foi criada na Alemanha nazista**. Aventuras na história. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/invencao-fanta-nazismo.phtml>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

LUIZ, A. **A coca cola na segunda guerra mundial**. Ecos da segunda guerra mundial. 2009. Disponível em: <<https://segundaguerra.org/a-coca-cola-na-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

LIMA, G. P. **Pibid História: As dimensões do ensino-pesquisa na formação docente**. In.: SOUSA, A M; GARCIA, R; SANTOS, T C. (org) Reflexões sobre a formação de professores: o Pibid como espaço de interlocução. Rio Branco: Nepan Editora, 2017. Disponível em: https://issuu.com/geped.Pibid/docs/livro_geped. Acesso em 06 de nov. 2019.

MATINELLO, P. **A batalha da borracha na segunda guerra**. 2. ed. Rio Branco: EdUfac, 2018.

NEVES, D. **Ensino da segunda guerra mundial a partir das propagandas de guerra**. Brasil escola: canal do educador. 2019. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/ensino-segunda-guerra-mundial-partir-das-propagandas-guerra.htm>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2019.

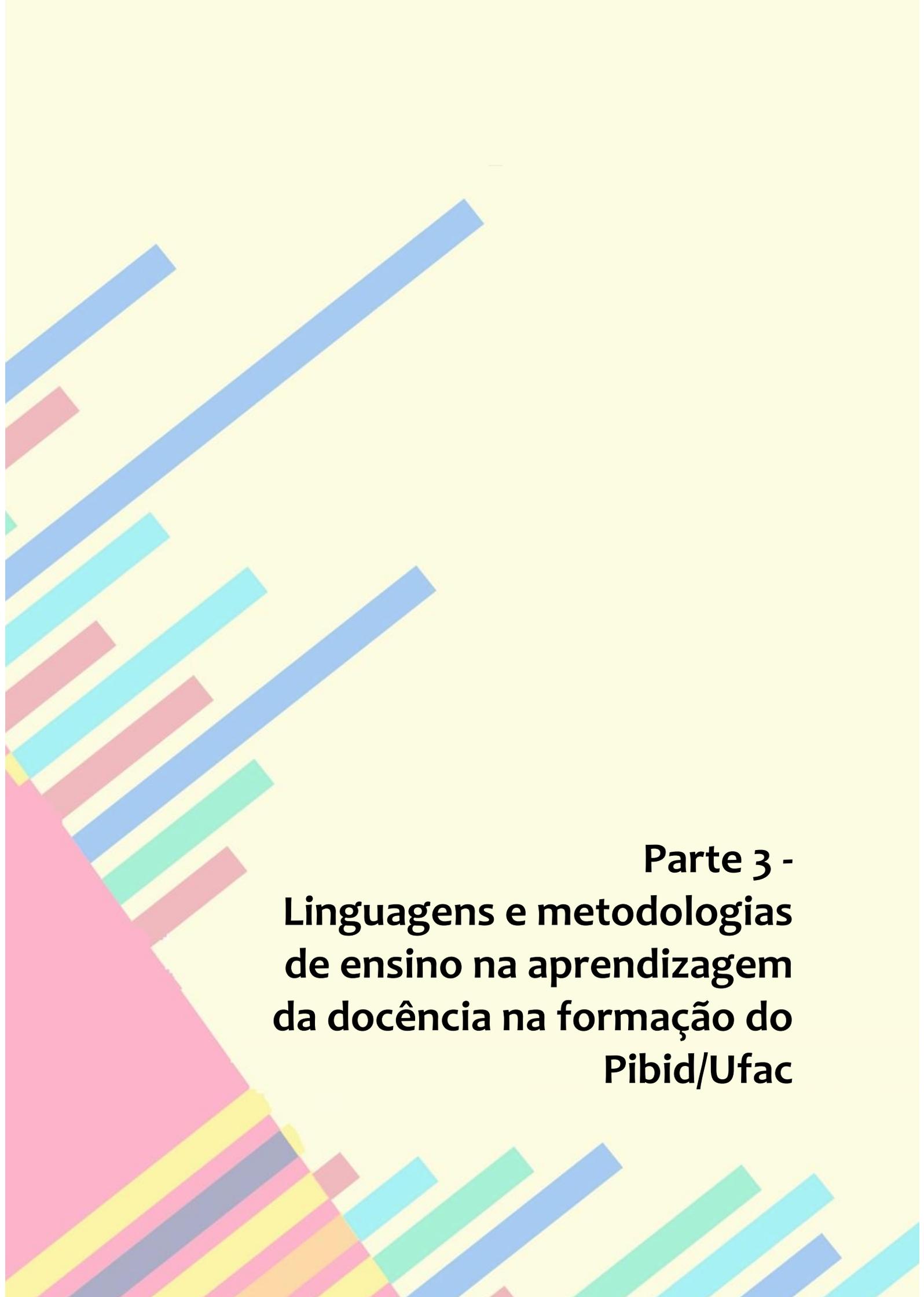
VIGEVANI, T. **A segunda guerra mundial: o ambiente internacional que ameaça à paz, gera guerra e desencadeia o genocídio**. IEA/ USP: São Paulo, 1995. Disponível

em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/segunda-guerra-mundial-o-ambiente-internacional-que-ameaca-a-paz-gera-a-guerra-e-desencadeia-o-genocidio>>. Acesso em: 07 de nov. de 2019.

VILELA, T. **Quadrinhos e 2ª guerra mundial - capitão américa e os roteiristas judeus.**

Uol: história geral. 2019. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-2-guerra-mundial-capitao-america-e-os-roteiristas-judeus.htm>>. Acesso em: 16 de dez



**Parte 3 -
Linguagens e metodologias
de ensino na aprendizagem
da docência na formação do
Pibid/Ufac**

Docência Pibid/Espanhol e o dia de los muertos: um rito de cores e alegria

Euriclesse Damasceno da Silva¹
Gabriel da Silva Souza¹
Mateus Marciel de Araújo¹
Keila da Conceição Souza Lima²
Maria Alberlani Moraes de Brito³

Introdução

Este artigo foi desenvolvido a partir das práticas educacionais realizadas por alunos da Universidade Federal do Acre (Ufac) bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), como encerramento das atividades e demonstração do que foi trabalhado nas salas de aula. Na decorrência da apresentação dos conteúdos que foi trabalhado durante todo o período em que estivemos em sala de aula, sendo orientados por nossa supervisora Keila Lima do Instituto Federal do Acre (Ifac), resolvemos apresentar uma festividade cultural do México que a cada ano se torna ainda mais popular no mundo, fazendo com que pessoas de diferentes países no mês de novembro viaje para o México para celebração desta festividade. Sendo a morte uma condição biológica de tudo aquilo que está vivo, porém o homem tem a capacidade de envolvê-la com significados e vivê-la de várias formas e simbologias através do mundo, e diferentemente do Brasil que vincula a morte com tristeza, choro e luto, os mexicanos a vivenciam de maneira humorada e até com certa ironia. Para a apresentação dessa festividade cultural do México foi necessário pesquisar sobre a relação do povo mexicano com a morte, como surgiu a celebração e como ela continua viva até os dias atuais e suas mudanças.

Na primeira fase foi apresentada a história de como surgiu a celebração do *Día de Los Muertos*, por meio dos povos indígenas pré-hispânicos que viviam no México,

¹ Acadêmicos do Curso de Letras Espanhol – Universidade Federal do Acre – Ufac. Campus Floresta. Bolsista Pibid/Espanhol;

² Professora da rede federal de ensino – Ifac. Supervisora do Pibid/Espanhol no Instituto Federal do Acre – Ifac. Bolsista Pibid/Espanhol – Campus Floresta;

³ Docente de Centro de Educação, Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac), Campus Floresta. Coordenadora de área do Subprojeto de Espanhol Pibid/Ufac.

os rituais que celebram a vida dos seus antepassados que eram realizados nessas civilizações há mais de três mil anos, até a chegada dos missionários que trouxeram a cultura cristã para a festa e criou-se um sincretismo religioso que mistura tradições religiosas do catolicismo e dos povos indígenas. Já na segunda fase partimos para a festa do *Día de Los Muertos* celebrada no México, onde a festa é conhecida mundialmente por suas cores, flores e comidas, que servem como oferendas para os mortos. Hoje, o *Día de Los Muertos* é considerado a maior e mais alegre festa celebrada no país, pois a morte é aceita de uma maneira única pelos mexicanos. Então, a partir dessa abordagem compreendemos e passamos a ter uma nova visão da morte diferente da que nós brasileiros tínhamos.

Día de los muertos no México

A morte tem vários significados de acordo com cada cultura. No Brasil se vincula a morte com a tristeza, choro e luto, para os mexicanos é vivenciada de maneira natural e alegre. Culturalmente o *Día de Los Muertos*, é um momento de celebrar a vida daqueles que já se foram, com alegria e comemorações, bem como os rituais que celebram a vida dos seus antepassados. Os povos Astecas e Maias também conhecidos como *Mexicas* comemoram esse dia há cerca de três mil anos e nessas civilizações este dia era celebrado no nono mês do calendário solar, onde essa celebração dos mortos era ligada ao calendário agrícola pré-hispânico e realizada no ciclo da colheita. Os Astecas e os Maias tinham uma religião politeísta, ou seja, acreditavam em várias divindades. A diferença é que os Astecas usavam o conhecimento científico para embasamento de suas crenças e práticas. Os *Mexicas* acreditavam que a terra era dividida em três partes: o céu, o inferno e a terra, que era considerada o primeiro piso. O céu e o inferno eram divididos em camadas. O céu era dividido em treze camadas, o último era o *Omeyocan*, o mais importante dos céus, onde vivia o deus *Ometeol*. Segundo Franchini: “[...] o senhor da dualidade, que se compõem de duas divindades: *Ometecuhtli* (masculino) e o *Omecihuatl* (feminina). Ambos são os criadores de todos os demais deuses e de tudo quanto há no universo”. (FRANCHINI, 2014, p. 51). O *Mictlán* era o inferno para os Astecas e tinha nove

camadas que abrigavam as almas por um período de tempo. O *Mictlantecuhtli* era o deus da morte que governava o inferno e, possivelmente, foi o primeiro Deus Asteca. Vivia na nona camada do *Mictlán*, um lugar vazio onde nada existia apenas ele e a sua esposa *Mictlancihuatl* ou “Dama da Morte”. Uma figura muito importante na celebração do dia dos mortos, é a Dama da morte que para os Astecas e Maias era a Deusa da morte, e hoje é conhecida como la Catrina. A popularidade de La Catrina foi representada pelo escultor Guadalupe Posadas, grande cartunista e gravurista mexicano. Uns dos responsáveis pela popularidade da caveira de la catrina no México.

Os Astecas acreditavam que ao morrer a alma poderia ir para três lugares diferentes, dependendo da forma em que se morria. Se a pessoa morria por problemas de saúde, iria para um lugar escuro sem saída, e ficaria ali para toda eternidade. Se morresse afogado ou por doenças contagiosas iria para um lugar alegre e com muita comida. Se os homens morressem em batalhas ou em sacrifícios e as mulheres em trabalho de parto iriam para o céu junto com o sol. Os *Mexicas* acreditavam que a morte era uma continuidade da vida, um novo começo, por isso no nono mês do calendário solar Asteca (agosto), esse povo lembra e homenageia seus mortos com uma grande festa, colocando flores e velas em seus túmulos.

A celebração do dia dos mortos no México apresenta várias características de cores e alegria. A festa dura, normalmente dois dias, mais os preparativos começam no dia 31 de outubro, com a preparação dos altares onde são colocadas as flores, comidas, papéis coloridos com recortes de caveiras, fotos dos falecidos e velas. Uma celebração muito colorida e cheia de oferenda para os mortos. Uma das principais tradições é o *Pan de Muerto*, um pão doce que tem sua origem na cultura pré-hispânica. O pão, que é polvilhado com açúcar, também pode vir como nome dos entes queridos. Outra tradição bem importante é a flor *Cempasuchil* que nasce apenas nessa época do ano, tem uma cor laranja que representa os raios do Sol. A festa é tão grande que foi considerada um patrimônio mundial da humanidade pela Unesco, em 2003, e considerada a principal Festa do país, o que tornou conhecido em todo mundo.

Considerações Finais

A festa dos dias dos mortos no México, é sem dúvida uma das maiores festas culturais do mundo, que nos permite ter uma outra visão do que é a morte, e pode nos passar os costumes de uma outra cultura de um país que faz parte da América Latina aos alunos do Instituto Federal do Acre (Ifac). Como colegas de Universidade inseridos no Programa Pibid como fizemos demonstração de banners e Seminários aos colegas Pibidianos da Universidade Federal do Acre (Ufac), trazendo a eles as peculiaridades de um povo que faz parte da nossa vizinhança ajudando-os no conhecimento tanto na parte gramatical como a literatura referente ao mundo hispânico. Sendo graduandos em Letras Espanhol trouxemos essa festa conhecida mundialmente de uma forma simples e reflexiva aos que eram alvos de nosso compromisso durante nossa iniciação a docência.

Referências

FLORENCIO, S. **Os mexicanos**. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANCHINE, S. A. **Melhores histórias das mitologias asteca maia e inca**. São Paulo: Artes Officio, 2014.

JACQUES, S. **As civilizações astecas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEMONS, M. T. T. B. Práticas religiosas e representações simbólicas – Festas e ritualidades: **O Dia dos Mortos no México**. Fortaleza: ANPUH, 2009.

SOUSA, A. E. C.; SILVA, K. A. M.; FONTENELE, S. H. M. Os Astecas e sua relação com a morte. **Ameridian**, v. 2, 2006.

LA S Fiestas Indígenas Dedicadas a Los Muertos. Disponível em:
<<https://ich.unesco.org/es/RL/las-fiestas-indigenas-dedicadas-a-los-muertos-00054>>. Acesso em: 17 ago. 2017

Ações do Pibid como metodologia alternativa para o ensino de Química

Cristina Araújo da Silva¹
João Vitor Araujo da Silva¹
Ludimila Klippel Aguiar²
Rogerio Antonio Sartori³

Introdução

A escola é um espaço social, compreendida como um ponto de encontro para a construção de saberes e conhecimentos científicos, de forma a contribuir significativamente para a formação de seus membros. A mesma tem como uma de suas funções, estimular nos alunos a busca pelo conhecimento científico de maneira autônoma, bem como proporcionar um ambiente que oportunize aos alunos momentos de se expressar, formular ideias, ter atitudes, desenvolver conceitos, autonomia e curiosidade (SILVA, 2011).

Nesse sentido, é importante a utilização de atividades experimentais, a fim de que os alunos possam experimentar situações reais em momentos de divulgação científica, de forma que a construção do conhecimento seja significativa, além disso, o professor instiga a curiosidade e o interesse dos estudantes pela Ciência. Contudo, tal processo deve ser mediado pelo professor em espaços formais ou não formais de ensino, como as Feiras de Ciências.

Considerando o modo como o sistema de ensino brasileiro está estabelecido, observamos que é na educação básica, e, mais especificamente, nas componentes curriculares que se estabelecem os nexos entre uma formação geral e a produção dos saberes dos vários campos científicos (SANTOS,2012).

Dessa forma, vivenciamos um período em que muitos estão informados, mas poucos são aqueles que atribuem um significado a tantas informações. De acordo com Santos “vivemos hoje num mundo de intensas e rápidas transformações. A

¹ Discente do Curso de Química da Universidade Federal do Acre (Ufac) e, bolsista Pibid/Química.

² Professora da Rede Estadual de Ensino – docente da Escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha. Supervisora Pibid/Química.

³ Professora da Universidade Federal do Acre (Ufac) da Área de Química. Coordenador de Área Pibid/Química.

diversificação das pesquisas em todos os campos das ciências naturais, ciências humanas, das artes e da tecnologia tem produzido um grande volume de informações e conhecimentos” (2012, p. 156). Nesse sentido, o ambiente escolar deve ser pensando de maneira que o aluno se torne agente ativo no processo de ensino aprendizagem.

Uma proposta recorrente no ensino de Ciências Naturais é a utilização das atividades experimentais, segundo Delizoicov e Angotti “na aprendizagem de Ciências Naturais as atividades experimentais devem ser garantidas de maneiras a evitar que a relação teórico-prática seja transformada numa dicotomia” (1991, p 21). Contudo, em Química, a utilização de tal abordagem de ensino, deve possibilitar aos alunos a compreensão das transformações da matéria e substâncias, que ocorrem de forma abrangente e integrada aos fenômenos cotidianos (NUNES; ADORNI, 2010).

Porém, o que mais se observa é a dificuldade que alguns alunos têm de relacionar os conhecimentos científicos com as diferentes áreas de conhecimento, aceita-se que uma parcela dessa dificuldade, vem de aulas descontextualizadas, ahistóricas e tradicionais, onde o professor tem limitações em elaborar e aplicar uma aula interdisciplinar, relacionando o conteúdo com a realidade de seus alunos.

Na tentativa de aproximar estudantes de licenciatura do exercício prático da profissão docente, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), buscando o diálogo entre Universidade e Escola para a formação do futuro professor (BRASIL, 2020). Nesse sentido, o Programa se propõe a aproximar os alunos da licenciatura do contexto escolar, de acordo com Sartori (2011), a experiência de estar na escola não mais como aluno, mas como futuro professor, proporciona ao licenciando uma oportunidade de reflexão acerca dos saberes advindos da universidade e dos saberes produzidos na prática da sala de aula na execução das atividades do Programa.

Conforme Guimarães (2014), a Capes estimula a excelência e a equidade e, por isso, auxilia em programas de desenvolvimento científico e acadêmico, buscando a qualidade na formação dos professores com propostas inovadoras, sendo uma necessidade intrínseca na sociedade atual. Para Braibante e Wollmann (2012), a

Educação Básica deve ser refletida sobre a formação do professor, sendo hoje um grande desafio formar profissionais capacitados para atuarem no cenário escolar.

O Programa tem um potencial muito significativo, pois proporciona aos participantes bolsistas a oportunidade de confrontar as explicações teóricas empreendidas em sala de aula do curso de Licenciatura com a realidade educativa presente nas escolas da rede pública de ensino, para que consigam exercer a formação acadêmica em preparação para o exercício da docência. Nesse sentido, para um melhor direcionamento de ensino aprendizagem optou-se por Feiras de Ciências que são,

[..] eventos sociais, científicos e culturais realizados nas escolas ou na comunidade com intenção de, durante a apresentação dos estudantes, oportunizar um diálogo com os visitantes, constituindo-se na oportunidade de discussão sobre os conhecimentos, metodologias de pesquisa e criatividade dos alunos em todos os aspectos referentes à exibição de trabalhos (MANCUSO, 2006 *apud* BRASIL, 2006, p. 20).

Durantes as feiras e a preparação segundo Mancuso (1993, p.15) divide em sete classes as competências e habilidades desenvolvidas: i) crescimento pessoal e ampliação dos conhecimentos; ii) ampliação da capacidade comunicativa; iii) mudanças de hábitos; iv) desenvolvimento da criticidade; v) envolvimento e interesse; vi) exercícios da criatividade e inovação e vii) politização dos participantes.

Neste contexto, o presente trabalho tem como intuito relatar as experiências vivenciadas durante a realização da Feira de ciências protagonizada por meio do Pibid da Universidade Federal do Acre (Ufac), Subprojeto Química.

Metodologia

O Programa Pibid, Subprojeto Química vem sendo desenvolvido na Escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha, situada na cidade de Rio Branco-Acre, desde o início no mês de agosto de 2018. Fazem parte do Programa estudantes da Universidade Federal do Acre, matriculados no curso de Licenciatura em Química, entre o primeiro e o quarto período. Em sua primeira ação o subprojeto de Química

participou da organização e realização da II Feira de Ciências, envolvendo as componentes curriculares de Física, Biologia e Química.

A professora coordenadora designou tarefas a serem realizadas durante os preparativos da Feira. Primeiramente, os alunos da escola foram organizados em grupos, e colocados sob o acompanhamento de um dos bolsistas do Pibid/Subprojeto Química. No total houve a formação de oito grupos, e cada um apresentaria dois experimentos para a comunidade estudantil e civil que frequentasse a Feira. Os demais bolsistas que não ficaram exclusivamente na orientação dos alunos, colaboraram na ornamentação do espaço.

Em um segundo momento, houve uma reunião com o intuito de definir os experimentos a serem realizados. Durante o mês de agosto e início do mês setembro ocorreram vários encontros para explicações, testes dos experimentos e confecção dos materiais necessários para ornamentação de um painel, para melhor caracterização do ambiente onde ocorreram as apresentações.

Resultados e discussão

A princípio era notável que os grupos, mostravam-se tímidos curiosos e ao mesmo tempo, questionadores: *“O que significa Pibid?; O senhor (maneira como os alunos se referem aos bolsistas Pibid) está em qual período?; Quais experimentos iremos fazer? Eu quero fogo”*. Os bolsistas do Pibid orientavam os alunos no ambiente da escola, no contra turno ou conforme a necessidade de cada aluno, e apresentavam um certo nervosismo, tinham receio de não saberem responder algumas perguntas. Após o primeiro contato já era perceptível o domínio do nervosismo. Nestes encontros em linhas gerais foram pesquisados experimentos e levantadas algumas ideias pelos estudantes, elencados e estudados conceitos químicos neles envolvidos.

Este momento foi de grande valia o Programa, pois possibilitou permutas de saberes entre os sujeitos envolvidos, problematização dos conceitos de cada experimento, e a contextualização dos conceitos relacionando-os aos conteúdos teóricos. Quanto aos bolsistas encarregados pela ornamentação eles lixaram paredes, pintaram. Para a realização da atividade foi necessário o empenho dos dez

Pibidianos e da supervisora. Foi necessária uma semana, em dias consecutivos para conseguir organizar a ornamentação, o painel de fundo conforme a figura 1.

Figura 1: Painel confeccionado pelos bolsistas e pela supervisora.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Química, 2018/2019.

O painel era o aliado dos experimentos para chamar atenção dos estudantes-participantes e demais visitantes da Feira. Percebia-se o entendimento das atividades quando relacionadas com a teoria. Além disso, toda a equipe, de forma direta e indireta contribuiu para a realização da Feira e das atividades na escola (Fig. 2).

Figura 2: Equipe idealizadora do plano de fundo e realização do evento..



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Química, 2018/2019.

No contato com a comunidade estudantil era perceptível o entusiasmo e a satisfação pelo envolvimento dos alunos que, em grande maioria, participaram do processo de elaboração dos projetos, relatórios escritos, estudos e orientações. A Feira foi avaliada pela supervisora, a qual tem o cargo de professora de Química na escola Técnica em Saúde Maria Moreira da Rocha. A atividade proporcionou apresentações de outras componentes curriculares, os estudantes explicaram conceitos relacionados a Biologia, por meio de temas como prevenção de doenças,

métodos para as prevenções, ocorreu apresentações de teatro seminários e palestras.

Os alunos responsáveis pelas apresentações dos temas relacionados com a disciplina de Física também elaboraram experimentos voltados a assuntos como visão de ópticas, pressão entre outros esses experimentos eram expostos nas mesas. Os alunos do Curso técnico em saúde bucal explicaram sobre arcada dentária, prevenção de doenças por meio de palestras. Os estudantes da escola e os bolsistas preparam quatorze experimentos, relacionados a temas de densidade, eletroQuímica, reações Químicas, combustão, entre outros. Os alunos problematizam os experimentos, chamavam os alunos-participantes para realizarem os experimentos e até mesmo para escutarem as explicações.

Os bolsistas envolvidos estavam entusiasmados, conseguiram constatar que há muitas possibilidades e as dificuldades são desafios pertinentes a docência, e, como participantes de um curso de formação a licenciados que habilita para o exercício de professor, precisam de experiência, pois a formação docente não é construída momentaneamente, é um processo contínuo, composto por descobertas e aprendizagens no âmbito escolar, desenvolvendo com os alunos diversas experiências inovadoras.

No que diz respeito aos objetivos da Feira de Ciência na escola avaliamos como válida e defendemos a utilização de projetos investigativos junto aos estudantes da disciplina de Química, bem como de demais áreas. A produção do conhecimento no seio escolar dentro de suas características específica cumpre um papel importante para a formação dos estudantes. Quanto à formação dos Pibidianos destaca-se a oportunidade de mobilizar saberes que não estão presentes nos currículos das licenciaturas e não se tem a possibilidade de vivenciar, muitas vezes, em disciplinas de Estágio Supervisionado que aproxima um pouco mais o licenciado da escola.

Referências

BRAIBANTE, M. E. F.; WOLLMANN, Ed. M. A Influência do Pibid na Formação dos Acadêmicos de Química Licenciatura da UFSM. **Revista Química Nova na Escola**, v. 34, n. 4, p. 167-172, nov., 2012. Disponível em: <

http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34_4/02-Pibid-90-12.pdf>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Capes, 2020. Disponível em <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

_____. Ministério da Educação – **Secretaria de Ensino Fundamental. Referenciais para a Formação de Professores**. Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica Fenaceb**. Brasília, DF, 2006.

GUIMARÃES, J. A. Apresentação. In: GATTI, B. A.; GIMENES, N. A. S; FERRAGUT, L. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)**. Fundação Carlos Chagas. Vol. 41. São Paulo: FCC/SEP, 2014. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=A+Influência+do+Pibid+na+Formação+dos+Acadêmicos+de+Química+Licenciatura+da+UFSM>>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

MANCUSO, R. **A Evolução do programa de Feira de Ciências do Rio Grande do Sul: Avaliação Tradicional x Avaliação Participativa**. Florianópolis: UFSC, 1993.

PACHECO, L; SCOFANO, A. **Capacitação e desenvolvimento de pessoas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SANTOS, A. B. **Feiras de ciência: Um incentivo para desenvolvimento da cultura científica**. Rev Cienc. Ext. v. 8, 2012.

SARTORI, J. **Formação de professores: conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica**. Anais do II Encontro Institucional do Pibid UFRGS. Porto Alegre, 2011.

SILVA, M. H. F. M. **A formação e o papel do aluno em sala de aula na atualidade**. 2011. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Plena em Pedagogia- Universidade Estadual de Londrina, Londrina. PR.

Uma vivência da prática profissional de alunos do curso de Educação Física Pibid/Ufac

Diego Lima de Freitas¹
Adriane Silva de Melo¹
Rozely Rodrigues de Sant'ana Abreu¹
Girgleidson Brilhante da Silva¹
Líniki José Rodrigues de Oliveira¹
Véra Lúcia Cavalcante de Araújo²
Jeane Maria Moura Costa³

Introdução

O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino. Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa.

O projeto Pibid realizado na escola Serafim da Silva Salgado se desenvolveu com turmas dos 8º e 9º com intuito de apresentar aos alunos novas formas de realizar atividades para o ensino e aprendizado do conteúdo, trabalhando assim de forma lúdica e objetiva. Com o auxílio do supervisor e dos 5 bolsistas presentes nas atividades da escola em dias diferentes, o alcance dos alunos se fez de maneira muito significativa e expressiva, onde todas as turmas puderam ter trabalhos e atividades

¹ Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Acre, Bolsista Pibid/Educação Física - Capes

² Professor da Rede Estadual de Ensino, discente da Escola Serafim da Silva Salgado, Supervisor Pibid/Educação Física - Capes.

³ Professora da Universidade Federal do Acre da Área de Educação Física e, Coordenadora Pibid/Ed. Física – Capes.

realizadas em suas aulas. A estrutura da escola Serafim da Silva Salgado é de certa forma muito básica, onde o professor usa da criatividade para poder desenvolver as suas atividades, os acadêmicos incluídos no projeto Pibid muitas vezes precisaram utilizar de recursos para poder desenvolver as ações que foram planejadas para os alunos da escola. Dentro dos trabalhos realizados destacasse as ideias acordadas em reuniões com os bolsistas e o supervisor, com o intuito de modificar a forma de ensinar, atribuindo assim brincadeiras e jogos cooperativos antevendo as atividades principais. Trabalhando deste modo todos os planos elaborados e conseguindo de maneira lúdica trazer todos os alunos para a prática das atividades.

O campo dos jogos engloba não somente competição, mas também a cooperação, inclusão e diversidade. As atividades foram aplicadas pelos acadêmicos da Universidade Federal do Acre, bolsistas do Pibid de Educação Física. A educação física possui um déficit muito grande de profissionais qualificados que estejam dispostos a implementar novas práticas de ensino e atividades diversificadas dentro da sua aula. Os bolsistas do Pibid buscam na escola quebrar esses paradigmas e fazer com que os seus alunos aprendam e façam isso de maneira lúdica, divertida e eficiente.

Este presente artigo tem por objetivo descrever atividades realizadas pelo Pibid na Escola Estadual Serafim da Silva Salgado de ensino fundamental localizada na estrada da Sobral número 314, Rio Branco – Acre. A quantidade de alunos IDs são 8 trabalhando na escola Serafim durante 18 meses. As atividades foram realizadas com alunos dos 8º e 9º ano (oitavos e nonos anos).

Figura 1: Equipe - professora supervisora e alunos IDs.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Educação Física, 2018/2019.

Procedimentos metodológicos

Este estudo foi realizado durante o subprojeto Pibid Educação Física, no período compreendido entre março e dezembro de 2019. Os participantes foram 05 acadêmicos, licenciandos em Educação Física, de uma faculdade Federal de Rio Branco - AC, bolsistas do Pibid, e que participam do projeto em um colégio público da cidade de Rio Branco. Primeiramente os bolsistas tiveram uma conversa coletiva junto a sua supervisora na escola, posteriormente todos os autores descreveram suas experiências nas aulas de Educação Física. A metodologia empregada foi descritiva, reflexiva e analítica, consiste em um relato de experiência, resultado de reflexão que integra a construção teórica e as experiências vivenciadas ao longo das aulas. Um estudo de pesquisa descritiva tem como característica, observar, registrar, analisar, descrever fatos ou fenômenos (MATTOS; ROSSETO e RABINOVICH, 2017).

Relato de experiência

Dentro das 4 modalidades esportivas foi trabalhado primeiramente de maneira lúdica, para que houvesse adaptação e compreensão de forma simples pelos alunos. Na modalidade voleibol adaptamos o vôlei com lençol que foi feito da seguinte maneira: Foram formados times um em cada lado da rede, cada time tinha um lençol que todos do time deveriam segurar uma ponta, a bola era jogada de um lado para o outro do centro do lençol e a equipe do outro deveria aparar com o lençol da mesma maneira e devolver a bola também utilizando apenas o lençol. O objetivo da brincadeira era as equipes terem noção de espaço, pois não se sabia onde a bola ia cair e também o trabalho em equipe, já que todos deveriam correr para o mesmo lado em busca da bola. A brincadeira ocorreu de maneira muito positiva alcançando os objetivos esperados e desenvolvendo as habilidades de noção de espaço dos alunos.

Com o objetivo de trabalhar os princípios do voleibol foi aplicado a brincadeira do basquete vôlei, que acontece da seguinte maneira: a turma é dividida em duas equipes e o professor solta uma bola no centro da quadra como no basquete, os

alunos têm que fazer a cesta mas utilizando somente as características principais do vôlei (toque e a manchete). Com isso trabalhamos tanto as habilidades do vôlei como os princípios do basquete de maneira lúdica e diferente. No começo da atividade é difícil de assimilar a maneira correta de fazer a cesta mas dentre de alguns instantes os alunos começam a entender e desenvolver as tarefas passadas a eles de maneira mais eficiente, nos dando assim um feedback positivo.

Figura 2: Atividade Basquete/voley.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Educação Física, 2018/2019.

Em todas as aulas antes de começarmos a passar os princípios básicos da modalidade era escolhida algum tipo de brincadeira para que fosse possível estimular os alunos a participarem das aulas e ao mesmo tempo desenvolver alguma característica da modalidade sem que eles se deem conta, então com o objetivo de desenvolver a percepção dos alunos e as capacidades de reflexos, foi trabalhada a brincadeira chamada de “ Vôlei às cegas”, na qual é posto dois lençóis na rede de vôlei tirando o campo de visão dos times para o outro lado e fazendo com que a partir do momento em que comece o jogo eles estejam completamente focados e atentos para reagir quando o outro time passar a bola para o seu lado da rede. O desenvolvimento da brincadeira foi muito prazeroso aos alunos pois era algo novo e diferente na qual eles nunca tinham visto, então a participação das turmas se deu de maneira eficaz e participativa, além de quebrar o gelo com o esporte não tão praticado pelos alunos, foi possível trabalhar as noções de tempo e espaço com eles de uma maneira divertida e diferente e seu feedback foi excelente.

As aulas não eram apenas sobre os esportes ou modalidades, também foi desenvolvida brincadeiras e atividades de recreação para chamar cada vez mais a atenção dos alunos para a aula de educação física e estimular a participação de todos sem que ninguém aprenda ou deixe de aprender brincando. Trabalhamos com os alunos as práticas da cultura corporal como recursos para a integração entre pessoas, valorizando-a como meios para ampliar a convivência na adversidade. Foi trabalhado nas aulas atividades de matriz indígena para que os alunos pudessem vivenciá-las, para que possam ter a capacidade de valorizar as diversas culturas. Introduzimos nas aulas algumas atividades; briga de galo, onde a turma foi dividida em dois grupos, sendo que cada grupo escolheria um representante para ficar dentro de um círculo junto ao do seu adversário. Os alunos ficarão em um pé só e com os braços cruzados, onde cada um tentará tirar o seu adversário de dentro do círculo. Foi trabalhado o cabo de guerra, a turma foi dividida em dois grupos, onde cada grupo segurava uma extremidade da corda, o intuito da brincadeira era puxar a equipe adversária até que o último oponente transpassasse a linha a delimitação que estava posta no chão da quadra. Outra atividade foi a corrida de saci, novamente a turma foi dividida em dois grupos, onde cada integrante teria que pular com apenas com uma perna, até determinado ponto da quadra e voltar para o final da fila, ganhava a equipe cujos integrantes fizessem todo o percurso.

É preciso entregar toda esta gama de conhecimento sobre a cultura popular e até mesmo indígena, onde é possível apresentar novos e diferentes conhecimentos que essas culturas têm a nos fornecer como forma de aprendizagem e vivências cujo não são tão trabalhadas nas escolas de maneira aberta e atrativa. A fase de desenvolvimento trabalhada na escola através do ato de aprender brincando, tem uma grande importância a ser destacada pelos jogos cooperativos ou de recreação, que são aqueles desenvolvidos de forma lúdica para que possa envolver e incluir todos os alunos, utilizando de recursos mínimos para apresentar algo novo aos alunos ou apenas resgatar uma séries de brincadeiras de infância que por sua vez já estão muito esquecidas nas escolas seja na recreação ou na própria educação física.

Figura 3: Aula prática de cultura corporal



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/Educação Física, 2018/2019.

Para podermos recordar as brincadeiras antigas e cantigas de rodas de nossas infâncias, foram exploradas brincadeiras como: amarelinha, pular elástico, bandeirinha, pula corda, cabo de guerra. Uma das brincadeiras na qual chamou mais atenção dos alunos foram os famosos circuitos, primeiramente na introdução do atletismo escola, onde eram colocados cones nas extremidades das quadras com a turma sempre dividida em duas equipes de forma igual para que de maneira saudável aconteça uma competitividade entre eles, onde o objetivo era ir e voltar o mais rápido possível para que o próximo do seu grupo completasse o percurso, trabalhando assim: noções de espaço, tempo, atribuindo força e velocidade.

Com isso os Pibidianos sempre partiam de uma atividade simples para a mais complexa para melhor trabalhar o desenvolvimento dos alunos. Com as brincadeiras antigas aplicadas e expostas em forma de circuitos houve um grande feedback positivo e uma enorme aceitação pelos alunos. Circuito com a junção de jokenpô por exemplo; onde era feito um semicírculo com bambolês, e a turma era dividida em duas equipes com a mesma quantidade de alunos para cada, onde o primeiro de cada fila se deslocava saltando entre os bambolês e quando se encontrava com o adversário acontecia uma batalha de jokenpô (pedra, papel e tesoura), quem ganhasse no duelinho seguia adiante, quem perdesse, passava a vez para o próximo da fila, ganha quem fizer mais pontos chegando ao outro lado do semicírculo. Esse tipo de brincadeira conseguia de maneira lúdica atrair e chamar a atenção de todos para a aula, além de permitir um desenvolvimento psicomotor dos alunos, garantido o seu aprendizado e desenvolvimento físico de uma forma relaxante e divertida.

Considerações finais

O Programa Pibid, subprojeto Educação Física, na escola Serafim da Silva Salgado, desenvolveu atividades como grandes jogos, modalidades esportivas, prática de cultura corporal, e brincadeiras lúdicas fizeram parte dos conteúdos ministrados na escola. As aulas eram divertidas e muito dinâmicas fazendo com que aumentasse o interesse dos alunos em participar das atividades, também foi percebido que não havia evasão durante as aulas. Desse modo, foi possível perceber que as atividades propostas no decorrer das aulas, deram resultados satisfatórios e os objetivos foram alcançados. Principalmente por termos enfatizado a ludicidade para promover interação e aprendizagem. Este trabalho foi de grande relevância para a formação acadêmica, pois a teoria estudada na Universidade foi aliada a prática em sala de aula.

Concluimos que o Pibid contribui de forma essencial para o aperfeiçoamento da formação acadêmica dos licenciandos, pois as experiências vividas e adquiridas pelos bolsistas no projeto se tornam referências para a sua prática docente. E conseqüentemente a escola ganha com a inserção de novas metodologias para o ensino.

Referências

- LOVISOLO, H. R.; BORGES, C. N. F.; MUNIZ, I. B. **Competição e cooperação: na procura do equilíbrio. Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 35, n. 1, p. 129-143, Mar. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 de dezembro de 2019.
- MATTOS, M. G.; ROSSETO, A. J. J.; RABINOVICH, S. B. **Metodologia da pesquisa em Educação Física**. 3. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2017.

Moda e História: uma abordagem sobre a representação pública dos sujeitos na Escola Alcimar Nunes Leitão.

Inayra Saturnino Medeiros¹
José Dourado de Souza²

Introdução

Garantir o direito ao acesso à Educação de qualidade é um desafio que acompanha a sociedade brasileira ao longo das décadas. Atualmente um dos mecanismos de monitoramento da qualidade de ensino no país tem sido o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), neste indicador nacional as escolas são avaliadas a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep (Prova Brasil e Saeb).

O IDEB 2018 trouxe como resultados a falha no alcance das metas pré-estabelecidas para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, o projetado para o ensino médio era a nota 4,7 e foi alcançado 3,8. Somente os anos iniciais (1º ao 5º ano), tiveram metas acima do planejado, atingindo 5,8. Nesse contexto atual – é alarmante – deve-se discutir a criação e manutenção de políticas públicas, que prezam pela melhoria efetiva do ensino no Brasil.

Dentre estas políticas, destaca-se o Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), um programa de integração entre a educação superior e básica, cujo objetivo principal é elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, por acreditar na importância destes profissionais no combate à precarização do ensino básico.

A fim de dialogar sobre a eficácia do programa, o presente artigo relatará a experiência pessoal como bolsista Pibid História, com ênfase nos seguintes aspectos: a relevância do programa na formação em Licenciatura; o incentivo à inovação; ensinando história sob uma nova óptica.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista Pibid/História na escola Alcimar Nunes Leitão;

² Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) - Universidade Federal do Acre (Ufac) Coordenador Pibid/História

Pibid na formação do licenciando de História

Professores são vistos ideologicamente como indivíduos, responsáveis por formar cidadãos críticos, capazes de transformar a sociedade. Contudo, esta nobre responsabilidade tem permanecido no campo das ideias, impedida de se efetivar dado à realidade de precarização profissional, social, econômica e política presente no contexto brasileiro atual.

Os alunos ingressantes do curso de licenciatura, geralmente, enfrentam um processo de desvalorização profissional muito antes de participar da primeira aula da faculdade. Em nossa sociedade é comum confrontar as crianças com o seguinte dilema “o que você quer ser quando crescer?”, já acompanhada da expectativa por respostas que se encaixem a lista de profissões “aceitáveis”, caso a criança responda que almeja ser professora, a mesma é ridicularizada ou encorajada a pensar melhor. É só o início de um longo processo.

Para romper com esse quadro pode-se começar repensando na atual conjuntura dos cursos de licenciatura no Brasil. Por ser uma modalidade de ensino superior que qualifica indivíduos de diversas áreas do conhecimento para ministrar aulas, deve-se ater a dificuldade que as mesmas têm enfrentado para formar profissionais capazes de reverter a situação alarmante da Educação – não que eles sejam culpados pela mesma, apenas fazer parte do sistema.

Em uma entrevista concedida em 2016 à Revista Educação, o professor António Nóvoa (2016), então reitor honorário do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, em Portugal, falou da importância em incentivar a Identidade docente, mesmo sabendo que esta não é algo que possa ser ensinada.

Assim, afirma o entrevistado:

A primeira coisa que os jovens estudantes de medicina fazem nos primeiros dias de aula é entrar na universidade com um jaleco de médico e um estetoscópio ao redor do pescoço. Eles têm 18 anos, não sabem nada de medicina ainda, mas já se comportam como médicos, já têm um traço identitário como médicos. Mas nas licenciaturas temos alunos que passam cinco anos na faculdade sem nunca entrar em uma escola, sem nunca ter contato com um professor ou com um aluno. (NÓVOA, 2016, p. 2)

Apesar das grades curriculares caminharem para uma transformação dessa realidade, com a inserção de disciplinas de cunho identitário (Profissão Docente) e de aproximação da escola (Investigação e Prática Pedagógica), não se pode garantir que as mesmas cumpram com seu objetivo, abrindo espaço nesse contexto para o Pibid, um programa eficaz de fomento a identidade docente.

Em 2007 o programa surge com a proposta de aproximar os discentes de licenciatura ao cotidiano das escolas públicas de educação básica, como aponta suas diretrizes:

Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa.³

No período de 2018 a 2020 fui beneficiada pelo Pibid como bolsista remunerada. Dentre as muitas vivências pude constatar o quanto é importante ter um espaço institucional para fazer um estudo teórico e prático aprofundado sobre a docência. Exemplificar esta experiência detalhando as formas de atuação do programa, sendo elas: Reuniões Gerais Ordinárias, visitar a escola, oficinas, seminário, e a proposta de criação de uma “aula inovadora”.

Foram realizadas em média 25ª Reuniões Gerais Ordinárias (RGO), com a participação de coordenadores, supervisores IDs remunerados e IDs voluntários. Nestes encontros buscava-se manter o diálogo informativo sobre as ações do programa.

Nas RGO também havia a realização de oficinas de capacitação, como por exemplo, o curso “Ensino de História: fundamentos e métodos”; e a exposição “Para pensar a imagem com(o) palavra: concepções, usos e significados das imagens na história”. Além da realização do VI Seminário Pibid História Ufac: Ensino de História, escola e democracia. Anexo de Figura 1.

³ Disponível em: <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 30 abril 2020

Figura 1: Apresentação no GT “Pibid História Ufac: experiências inovadoras de ensino com pesquisa em escolas de rio Branco – AC”.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

As visitas à escola foram partes fundamentais do programa. A mesma se dividiu em dois momentos, inicialmente eram feitas em grupo, para a análise dos documentos institucionais como o Projeto Político Pedagógico (PPP), da estrutura física, do histórico na comunidade. Em sequência criou-se os grupos de estudo com os alunos da escola, onde os bolsistas puderam iniciar o projeto da “aula inovadora”.

Inovação na prática docente

Uma das premissas do Pibid de História é a composição da “aula inovadora”, onde o bolsista é incentivado a trabalhar um tema de sua escolha, inovando-o de forma metodológica e tecnológica, a fim de contribuir para que o conhecimento histórico ganhe novos significados e ajude no processo de transformação da sociedade. A aula é construída pelos bolsistas e seus alunos, nos encontros do grupo, tendo a culminância no dia pré-estabelecido.

O tema escolhido para a minha aula inovadora foi “Moda e História”, pretendia-se estudar sobre como o ser humano se vestiam ao longo da história e quais eram as influências sociais para tal, fazendo através dele uma revisão da história geral da humanidade, com ênfase nos cinco períodos (Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea).

Reunidos em encontros semanais, às quintas-feiras, o grupo de estudo foi incentivado a pensar na História de uma forma não tradicional, mediante oficinas,

exposição de filmes, aulas expositivas, dinâmicas e visitas guiadas (abordados no próximo tópico).

Muito embora os meus esforços em preparar encontros dinamizados tenham me proporcionado um avanço no senso crítico e criativo meu e dos alunos, não posso afirmar que se limitou a isso.

Ao longo da experiência me deparei com diversos confrontos práticos, onde apesar dos esforços, os alunos não correspondiam às minhas expectativas, fazendo com que eu me questionasse se estava compreendendo a dinâmica da inovação estimulada pelo programa. A partir disso – e de muitas leituras sobre o assunto – cheguei à conclusão que estava errada.

O meu entendimento sobre inovação vinha do princípio sugestionado pela contemporaneidade que em sua lógica de intensa transformação coloca o inovador no patamar dos novos produtos lançados no mercado, das novas tecnologias e do novo modo de ser. Era como se para ensinar História eu precisasse sempre buscar um mecanismo para divertir o público jovem, e ao mesmo tempo competisse com as tecnologias que o dispersaram (redes sociais, jogos online, músicas). Era sempre uma disputa desleal.

O método funcionou por certo momento, mas não se mantém a longo prazo, afinal como eu faria para ser uma professora inovadora nesses padrões quando estivesse com a idade mais avançada, e as tecnologias cada vez mais difíceis de serem acompanhadas? Entraria em defasagem tal qual um produto?

Foi então que percebi que a forma mais assertiva na hora de inovar deve levar em consideração, sobretudo, a ruptura com práticas tradicionais de ensino, presente até hoje no Ensino Básico. Sendo estas mais alinhadas na área do discurso, visto que os professores conseguem, em sua maioria, dialogar com as novas tecnologias, reproduzem filmes, utilizam slides, mas pouco se avançou no quesito desconstrução das práticas tradicionais de reprodução dos conteúdos sem criticidade, é nessa seara que o Pibid atua.

A História é uma ciência que está em constante transformação, se antes era considerado comum e correto ensinar que “Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil”, hoje já não é mais, devido a uma série de reflexões sobre colonialismo,

eurocentrismo, etc. Ou seja, apesar desse exemplo ser o mais alarmante de todos, não é difícil encontrar resquícios tradicionais no ensino regular, que podem ser combatidos através de discussões levantadas pelo Pibid.

O que não significa dizer que a escola é sempre um lugar em que se reproduzem discursos “atrasados” e a universidade viria para trazer a “verdade” - a presença do Pibid nas escolas é justamente para romper com essa estrutura hierarquizante e proporcionar um espaço de diálogo entre os diferentes saberes – a questão é mais complexa, deve-se refletir sobre como romper os paradigmas do discurso tradicional de uma forma que comungue com as múltiplas realidades da rede pública.

Ao estreitar os laços entre escola e universidade, o Pibid rompe com uma barreira construída historicamente, abre espaços para inovação capaz de transformar o contexto educacional brasileiro. A constante ameaça de extinção que o programa enfrenta, com incertezas sobre sua renovação, sobre o fim e até sobre o não avanço dessa política pública para um patamar de ampliação que cubra toda a rede de ensino, são acima de tudo uma constatação de que o Pibid dá certo e é revolucionário a ponto de despertar o interesse de controle dos governantes.

Moda e História

A escolha do tema a ser trabalhado no grupo de estudo do Pibid, passou intrinsecamente pelo dilema da inovação. Eu buscava por algo que me desse espaço para ensinar História utilizando os mais diversos recursos, mas que ainda assim fizesse parte do cotidiano dos alunos.

O tema “Moda e História” me proporciona isto. As roupas são algo intrínseco ao ser humano, mesmo que a moda seja um produto da modernidade, todas as temporariedades desde a Pré-História o ser humano criou padrões de vestimentas que são passivos de estudo a aqueles que queira saber da sua História.

Para melhor explicitar esses fatos aos alunos-parceiros do Pibid, dediquei um encontro para cada tempo cronológico. Apresentado didaticamente uma distribuição, a seguir:

Na Pré-História estudamos sobre as vestimentas através do filme de animação “Os Croods” (2013), ambientando neste período que levanta discussões sobre o uso de sapatos e roupas produzidos com peles de animais cujo objetivo era a proteção e adorno corporal.

Na Idade Antiga ministrei uma aula expositiva-dialogada com uso kit multimídia, abordando as diversas formas de vestimenta dos povos antigos, além de explanar sobre as características dos mesmos. Aqui se deu ênfase ao surgimento dos tecidos, e dos padrões de beleza, estimulados no período greco-romano, bem como, na diferenciação das classes sociais mediante o uso de cores das vestimentas.

Para o estudo da Idade Média foi feito uma aula expositiva-dialogada, com uso de slides, apresentando imagens das vestimentas e fomentando o debate sobre a influência da religião no modo de se vestir, ontem e hoje.

Na Idade Moderna dedicou-se um tempo mais longo. Dois encontros divididos em leitura compartilhada seguida de debate sobre textos do livro “Estudar a Moda - Corpos, Vestuários, Estratégias”, em que o autor Paolo Sorcinelli destaca o surgimento da moda:

Foi do século XIII ao século XVI que nasceu a moda como um fenômeno econômico relevante e como forma ordenada e consciente de comunicação, e também difusa que exige uma regulamentação, neste período que, “se reconhece o valor compensatório de um belo vestido para uma mulher, e é aí que se teoriza a capacidade das roupas e das cores de representar condição pessoal, proveniência regional, e até mesmo estado de ânimo. (SORCINELLI, 2008, p.20).

O estudo sobre a moda na Idade Contemporânea foi feita mediante uma dinâmica com fotografias antigas, em que os alunos foram estimulados a trazerem de casa fotos dos seus familiares, a partir dela analisamos qual nosso grau de aproximação e distanciamento dos estilos apresentados, além de enquadrá-los nas décadas do século XX e XIX.

O encontro conseguinte teve como finalidade a revisão dos períodos estudados, para isso fizemos uma dinâmica em que os alunos dispunham de uma linha do tempo e de cartões com imagens das roupas dos períodos (Figura 2), sua missão era identificar corretamente a imagem com o período e explicá-los.

Figura 2: Cartões com imagens das roupas dos períodos.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

Outro encontro que merece destaque foi o do dia 24 de outubro de 2019, em que os alunos foram levados a Ufac, Figura 3, no intuito de fazerem uma pesquisa de campo sobre o tema, através de entrevistas com a comunidade acadêmica. O objetivo dessa entrevista era analisar o jeito que nossa sociedade lida com a moda. Quais são as nossas motivações na hora de se vestir, para depois pensarmos em como isso influencia a história da humanidade, para isso aplicou-se questionário com dez perguntas que incluíam a opinião sobre o estilo do passado, presente e pretensões para o futuro. Após a visita os alunos foram incentivados a analisar os dados coletados em outros encontros.

Figura 3: Visita técnica na Ufac



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

Dentre todos os momentos do programa a visita a Ufac foi o mais marcante para minha trajetória. Pude estreitar os laços afetivos entre o grupo, além de fomentar nos alunos o apreço pela pesquisa e pelo espaço da universidade, que antes eram tabus.

Culminância do projeto na escola

Em 20 de novembro de 2019, dia da Consciência Negra, as diversas equipes das Licenciaturas nas Áreas de conhecimento integrantes do Pibid/Ufac apresentaram nas respectivas escolas uma diversidade de atividades desenvolvidas durante ações do Pibid/escolar. O resultando no envolvimento da gestão escolar e a socialização didático-pedagógicas os diversos subprojetos do Pibid/Ufac com um significativa aprendizagem a todos envolvidos com o programa Institucional.

No campo do subprojeto Pibid/História, a chamada “aula inovadora” representou o produto dos meses de estudos e ações teórico-metodológicas desenvolvidas nas sala de aula. No grupo “Moda e História” da escola Alcimar Nunes Leitão iniciou-se os preparativos com a escolha conjunta do que gostaríamos de apresentar, Figura 4, chegando à decisão de criar uma sala temática em que se discutisse a “Moda e História: uma abordagem sobre a representação pública dos sujeitos, na escola Alcimar Nunes Leitão”.

Figura 4: Encontro na escola: estudos e produção do material.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

O grupo optou pela divisão da sala em três segmentos: passado, presente e futuro. No passado fez-se a exposição de imagens com as vestimentas ao longo dos cinco períodos História; no presente colocamos um espelho para que os visitantes se enxergassem como sujeitos da história contemporânea e levantamos uma discussão sobre como a indústria dita a moda no presente; no futuro fizemos uma enquete para que os visitantes apontassem quais são as projeções para a moda do futuro, inspirados nas respostas para essa pergunta que fizemos na pesquisa de campo na

Ufac, disponibilizamos como alternativas para o futuro uma moda mais consciente e ecológica, que preze pela exibição do corpo (quase nudez), moda tecnológica ou outra opinião pessoal.

O processo de organização realizado em dois encontros, sendo que o primeiro dedicado a confecção dos cartazes e estudo, seguido da montagem do espaço na véspera. A problemática dessa etapa foi a falta de engajamento dos alunos, que dentre os cinco integrantes apenas duas se comprometeram de ajudar na construção, e nenhum contribuiu com os gastos financeiros, mesmo que eu tenha estipulado o valor irrisório de R\$ 4,00 por aluno para a compra de material.

O desgaste com a montagem da sala temática seria irrelevante se no momento da apresentação os alunos tivesse cumprido com o acordo de participar, mas não foi o que aconteceu.

Na manhã do dia 20 – VI Seminário Pibid/Ufac na escola, o espaço estava tomado por salas temáticas e apresentações culturais, aliadas aos projetos do dia da Consciência Negra e ao Pibid. Os alunos haviam me avisado que também precisam participar de uma apresentação de dança e que depois ficariam na sala temática do Pibid, Figura 5. Contudo, esse acordo foi descumprido e eles acharam mais interessante vivenciar as atrações da feira me deixando sozinha na sala durante quase toda a manhã.

Figura 5: VI Seminário Pibid/Ufac na escolar – Salas temáticas do Pibid/História.



Fonte: Acervo subprojeto Pibid/História, 2018/2019

Quando estava perto do horário do fim da feira, todos apareceram, com intenção de tomar seus postos, mas, já não havia sentido. O evento se encerrou e, eu só pude levar de resultado, o forte sentimento de frustração. Fazendo uma análise mais centrada do episódio, consigo identificar que a problemática da execução do projeto. Ao associar a aula inovadora com o projeto da Consciência Negra da escola as ações do Pibid/História ficou secundarizado, precisando competir com uma intensa disposição de atividades que estava acontecendo na escola.

Por mais que a falta de responsabilidade dos alunos para com o Pibid não seja justificável, consigo entender que devido a idade dos mesmos, assistir as apresentações de dança e “passear pela escola” era mais interessante que ficar dentro da sala da sala expondo a temática estuda e produzida por eles.

O resultado frustrante, não foi de todo desprezível, a partir dele pude adquirir experiência com dias de projetos na escola, para que futuramente venha atentar ao fator de dispersão dos alunos, compreendendo que esses dias são uma novidade de entretenimento dentro da estrutura escolar quase sempre fechada, que eu não preciso competir com eles e sim buscar formas saudáveis de desfrutá-lo.

Considerações Finais

O percurso trilhado no Pibid/História foi quase sempre agridoce repleto de encantamentos e frustrações, sendo cada um deles fundamentais para minha construção pessoal e profissional. É impossível mensurar o legado desse programa na vida dos estudantes de licenciatura, mas pode-se afirmar que de fato, o mesmo tem sido revolucionário para formação docente.

Ao propor o desafio da inovação, o programa incentiva mudança efetivas no quadro da Educação Brasileira, pois rompe com velhas práticas, apresentando como proposta uma nova formação docente, onde Escola e Universidade dialogam com seus saberes; em que a formação da identidade docente é ressignificada; bem como dá espaço para a que o Ensino de História cumpra com seu papel transformação da sociedade.

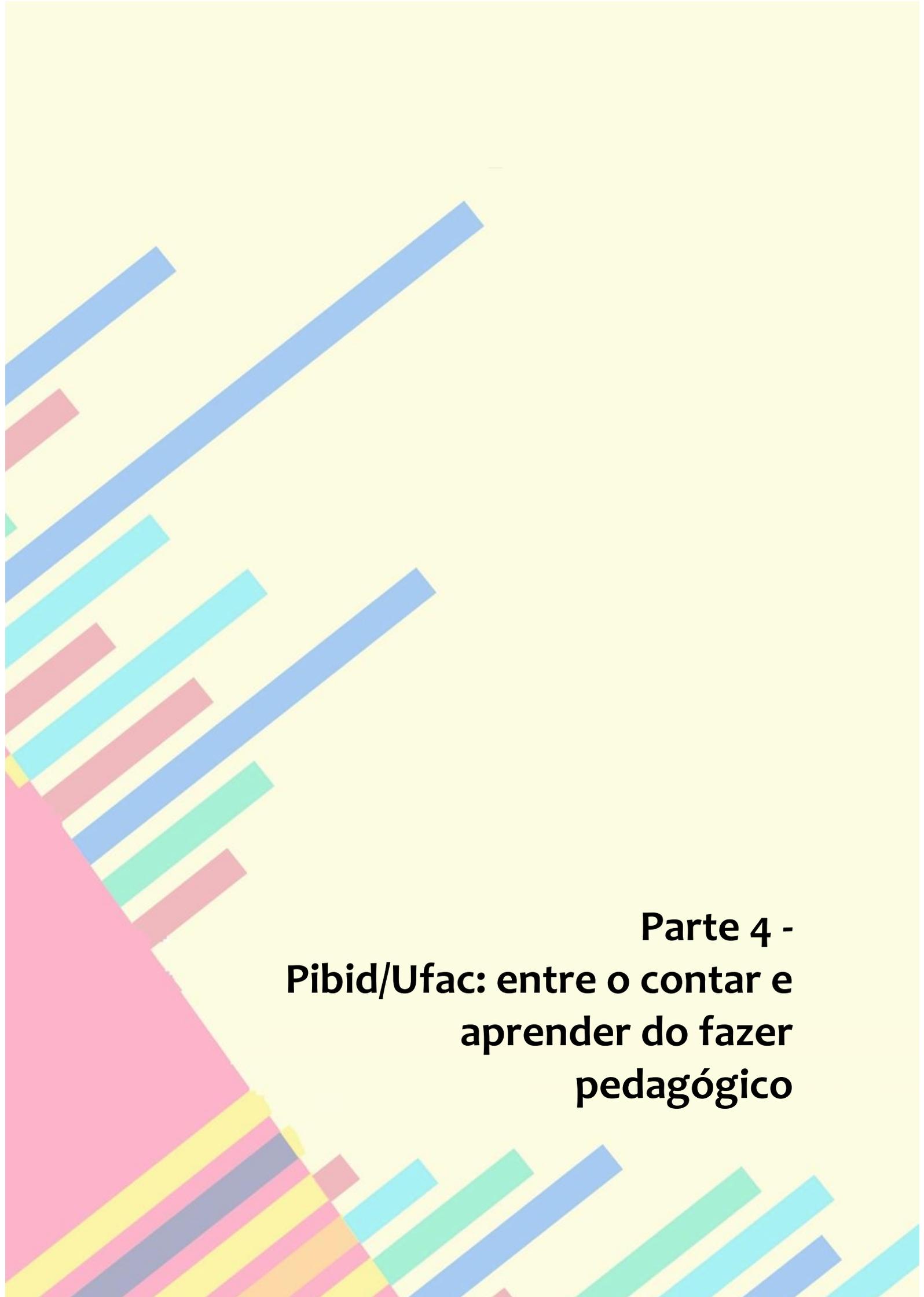
Referências

BRASIL. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **portaria nº 096, de 18 de julho de 2013**. Regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_096_18jul13_Aprov_aRegulamentoPibid.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

NÓVOA, A. O lugar a da licenciatura. **Ensino Superior**, [s. l.], nov. 2016. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/o-lugar-da-licenciatura/>>. Acesso em: 1 set. 2017.

SORCINELLI, P. (org.). **Estudar a Moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SCHIRMER, M. **A Pesquisa de Moda e as Ciências Sociais: um Diálogo Necessário**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Moda) – Programa de Graduação em Moda, UDESC, Florianópolis.



**Parte 4 -
Pibid/Ufac: entre o contar e
aprender do fazer
pedagógico**

Religiosidade e intolerância religiosa na cidade de Rio Branco

Elissandra Vieira da Silva¹
Alcilene Oliveira Alves²
Armstrong da Silva Santos³

Introdução

A execução desta pesquisa ocorreu conjuntamente com os alunos do Instituto Federal do Acre (Ifac), buscando trazer um olhar não só para dentro da sala de aula, mas pra dentro de cada um de nós, no tocante ao respeito às diferenças e diversidade cultural, abordando os acontecimentos históricos das tradições religiosas afro-brasileiras que buscam dimensionar a importância da identidade cultural negra e, principalmente discutir o estereótipo difundido sobre a demonização e perseguição dos rituais, vistos com intolerância pela sociedade.

A escolha do tema se deu após o convite para a realização de uma palestra enquanto praticante de religião de matriz africana, bolsista do Pibid e discente da Universidade Federal do Acre (Ufac), na participação das atividades do Novembro Negro, organizada pelo Campus do Instituto Federal do Acre (Ifac), através do Núcleo de Estudos afro-brasileiro e indígena, coordenado pela supervisora do Programa Professora Doutora Alcilene de Oliveira Alves nos dias 12 e 13 de novembro do ano de 2018, no qual fomos convidadas a participar das atividades que integravam o projeto cultural da Semana da Consciência Negra, devido a minha afinidade com a temática religiosa.

Abordar o tema Intolerância Religiosa em sala de aula ainda é um grande desafio devido ao preconceito e estigmas que foram construídos durante décadas com proibição de religiões de matriz africana. Os praticantes eram punidos com prisão. Este contexto, contribuiu para a intolerância, que aliás vem renascendo no atual período político-social que o país atualmente atravessa. Este cenário piora com

¹ Discente no curso de Licenciatura em História da Ufac- Universidade Federal do Acre e bolsista do Pibid lotada no Ifac - Instituto Federal do Acre;

² Professora da Rede Federal de Ensino, docente do Instituto Federal do Acre- Ifac. Supervisora Pibid/História.

³ Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Acre (Ufac). Coordenador do Pibid/História

a ameaça de exclusão de programas e investimentos essenciais para a Educação, como a extinção da Secretaria da Diversidade, SECADI, que atuava no campo educacional com políticas para educação das relações étnico raciais, favorecendo a elaboração de materiais escolares, fortalecendo as políticas afirmativas.

Dessa forma, um dos desafios para a discussão da temática reside justamente em agregar jovens que se dispusessem a trabalhar com o tema de religião de matriz africana. No início do trabalho eram 13 (treze) jovens alunos, dispostos a iniciar o estudo sobre a temática, para em seguida construir uma aula diferenciada.

Assim, ficou definido pelo grupo que se faria a elaboração de uma peça teatral. O roteiro traçado retrataria a evolução das religiões de matriz africana por uma “Linha do Tempo”, todavia, durante os ensaios, houve uma desistência maciça, todos os integrantes resolveram abandonar o trabalho alegando falta de tempo, e com isso voltamos ao início do projeto, tendo que recomeçar todo o processo de escolha de novos alunos que dispusessem a pesquisar e conhecer a fundo sobre o referido tema.

Contudo, nesta nova batalha tivemos a ajuda do Professor de História do Instituto Federal do Acre (Ifac) João Cabral, que identificou alguns alunos de diferentes crenças para aderirem à pesquisa, e então, foi traçada uma nova estratégia, em conversa com os voluntários, estes decidiram pela construção de um documentário sobre Intolerância Religiosa, rediscutindo formas de preconceito.

Com a nova turma de alunos, pude perceber que o objetivo finalmente foi alcançado, pois, a ideia é justamente contribuir com a discussão sobre as diferentes tradições religiosas em uma perspectiva compreensiva, pois é na escola que se reflete nossas ações perante a sociedade e que por isso fatalmente estaríamos reproduzindo a discriminação e preconceito por falta de conhecimento mesmo ao que se refere a Religião de Matriz Africana ainda não legitimada nos espaços públicos.

Desenvolvimento das atividades

Antes de irmos para o campo de pesquisa, tivemos algumas aulas teóricas para preparar os alunos com conhecimentos prévios sobre o que é religião relatando inclusive sobre o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que afirma,

todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião e que durante a aula foi enfatizado sobre o respeito à diversidade. Portanto, utilizamos o método de entrevistas semiestruturada, dando liberdade total para aos entrevistados para que pudesse desenvolver de forma natural, espontânea e menos mecânica com os entrevistadores. Esta metodologia contribuiu para que os entrevistados ficassem a vontade e levou os alunos maior clareza e percepção, produzindo um encantamento com a cultura da Religião Matriz Africana, como também, a admiração pelo conhecimento sobre os diversas cultos de fé.

Percurso do documentário

As pesquisas iniciais, resultantes de conversas com os professores de história, levaram a buscar o Instituto Fé e Política do Acre, um instituto ecumênico que há dez anos faz um trabalho envolvendo diversos credos religiosos na cidade de Rio Branco com extensão para todo o Estado do Acre.

Assim, junto com a Aluna Clara do Ifac, seguimos até à casa do senhor Manoel Pacifico, representante do instituto, para realizar nossa primeira entrevista para produção do documentário. Contudo, Esta aluna, era parte de um grupo de quatro estudantes envolvidos na pesquisa e no entanto, apenas ela compareceu para nossa primeira gravação com o primeiro entrevistado, implicando nas dificuldades em organizar e reunir. Neste caso, a questão residia na disposição dos alunos pesquisadores, não na metodologia de entrevista, ou no entrevistado.

O segundo passo, foi dado na busca de representantes de religião de matriz africana. Neste caso, ocorreram várias tentativas frustradas e sem sucesso para entrevistar e gravar com alguns expoentes religiosos em Rio Branco, visto que tanto Pai de Santo, como Mãe de Santo que sempre justificavam durante as ligações que não tinham tempo devido às demandas de seus terreiros ou que entraria em contato. Essa situação perdurou longo de seis meses e retrata a grande dificuldade de fazer com que os adeptos da Religião Matriz Africana falassem sobre o tema, pois existe um grande senso de preservação e proteção por parte desses religiosos, cansados de vivenciar preconceito e discriminação. Apesar de o Estado ser laico e do direito a

praticarem a fé naquele em que acreditam sabendo da importância de seus cultos, com o devido respeito que a prática religiosa exige.

Todavia, no dia 22 de outubro de 2019, conseguimos o primeiro contato, entrevistamos, Pai Célio de Logun , que mesmo com a demanda e correria do seu terreiro, devido aos preparativos para a festa de uma entidade da casa, se prontificou em nos atender e contribuir com a pesquisa sobre Intolerância Religiosa. Assim, marcamos a nossa entrevista (conversa) para o dia 23 de outubro de 2019 na quarta-feira em seu barracão.

Do mesmo modo, finalmente conseguimos entrevistar a Yaô Luana de Ogun, Ogan Arimateia ambos do candomblé e Luana ex-umbandista e atualmente cristã favorecendo a finalização do documentário que foi apresentado no seminário do Pibid na Ufac e Ifac, contemplando alunos, professores, coordenadores e supervisores. O documentário será utilizado pelos professores do Ifac, nas futuras aulas de História na instituição.

Diversidade religiosa

A pesquisa, demonstrou que no acre existem uma diversidade religiosa e uma multiplicidade de ritos, além da grande presença de católicos, protestantes, espíritas, temos muitos “adeptos de religiões de matriz africanas e comunidades tradicionais da ayahuasca. Estes dois últimos, também frequentam outros ritos, e incorporam muitos elementos oriundo do cristianismo, como orações, devoções que tem origem na igreja católica, retratando as formas sincréticas que formaram estas religiões.

Entretanto, apesar dos trânsitos culturais, do sincretismo, existe uma dificuldade de dialogar com as várias organizações religiosas. Este contexto, foi verificado quando buscou-se fazer o contato com as pessoas que representavam as religiões, também, observado por pesquisadores do assunto, Costa (2011, p. 11), ressalta que “Se o diálogo entre pessoas é difícil, ainda mais desafiador é o diálogo entre culturas e entre religiões”. Este fator é resultante da multiplicidade cultural e religiosa.

As perseguições vivenciadas pelas religiões de matriz africana na história do Brasil, acrescida do preconceito e da intolerância, favorece a resistência em abrir-se para a divulgação de seus rituais, mesmo porque existe uma mística sagrada que representa suas divindades. Dessa forma, as religiões assumem um interesse maior para o estudo da história e da cultura.

As religiões afro-brasileiras apesar de se manter como resistência da cultura negra, ainda buscam organizar seus terreiros em espaços mais distantes, buscam o contato com a natureza, sendo assim, os terreiros encontram-se localizados em periféricas e seus praticantes, são pessoas simples, na sua maioria pertencentes às classes menos favorecidas, desprovidos de bens materiais, embora existam frequentadores mais abastados.

As divindades estão relacionadas a diversos aspectos cosmológicos que explicam aspectos da realidade, realizando a troca de saberes não reconhecidos pela ciência convencional, mas que atendem a aspectos em saúde e equilíbrio. Atuam principalmente, nos vácuos deixados pelo Estado.

Considerações Finais

As atividades com foram desenvolvidas de uma forma acessível aos alunos, colaborando com a temática intolerância religiosa dentro do espaço escolar, já que os alunos submetidos ao projeto não tinham muito conhecimento sobre isso, dessa forma, puderam aprofundar os estudos, proporcionando assim, uma nova visão de suas histórias e perspectivas sobre a construção para as relações de igualdade no contexto da diversidade religiosa.

Assim sendo, a pesquisa permitiu uma reflexão sobre o comportamento agressivo quanto à manifestação da fé do próximo, observando, que o preconceito é como a falsa tolerância que está explícita nos olhares, gestos e discursos de muitos da nossa sociedade.

Assim, Instituto Federal do Acre (Ifac), pela receptividade e o total apoio pela realização deste ensino-pesquisa, que possibilitou aos alunos João Vitor Pereira Gomes e Maria Clara Queiroz de Lima Moreira, que mesmo com as dificuldades

enfrentadas no decorrer da metodologia do ensino-pesquisa não aceitaram os desafios se empenhando e dedicando ao longo desses meses. Vale ressaltar, a orientação da Professora Doutora Alcilene Oliveira Alves, Supervisora Pibid/Ufac e pertinência no processo de integrar ensino e a pesquisa com dedicação na realização das ações e, ainda, os professores João de Lima Cabral e Armstrong da Silva Santos sob outra ótica, acadêmica, orientaram as leituras e outras atividades durante o Pibid-Ufac.

Portanto, o Pibid enquanto Política Pública vem cumprindo de fato seu papel como agente moderador no quesito de debate Público dentro das Escolas ao dar oportunidade para nós futuros licenciados, pois a vivência da diversidade cultural na qual se consegue e permite enxergar a religião enquanto fenômeno histórico que poderá contribuir para a manutenção de um estado laico.

Referências

COSTA, M. P. **Muitos são os caminhos de Deus**: um pouco de nossa história e de nossas crenças. In: Costa M. P.; et al. Rio Branco: Instituto Ecumênico Fé e Política-Acre, Secretaria de Estado de Educação e Esporte, 2011.

Licenciatura da Ufac: relato de experiência sobre o Pibid de Física na escola Dr. Santiago Dantas

Bianca Martins Santos¹
Alemildo Cruz Pereira²
Alan Brito Pereira³
Juliana Cherolin Silva de Almeida³
Leilian Beatriz Dresch³
Marcos Vinicius Oliveira da Silva³
Mario Victor de Moraes Batalha³
Suziane Lima do Nascimento³
Tamires Aragão Oliveira Cavalcante³

Introdução

O Pibid – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (BRASIL, 2007) – representa uma política pública de formação de professores que disponibiliza aos alunos de licenciatura a oportunidade de terem o primeiro contato com a sala de aula, desempenhando o papel de professor ainda durante a sua formação inicial, através do desenvolvimento de projetos com objetivo de contribuir para melhorar o ensino. Entre os objetivos do programa destaca-se o de incentivar ao magistério na educação básica, no qual é conhecida a necessidade da demanda de professores formados em todas as áreas.

O Pibid proporciona aos alunos da licenciatura através do convívio no âmbito escolar, adquirir experiências pedagógicas e metodológicas que possam contribuir para uma formação pautada na prática da futura profissão, buscando estimular os graduandos bolsistas e voluntários do programa a refletirem sobre metodologias de ensino que possam fazer parte do processo de aprendizagem das escolas públicas, visando suprir as dificuldades enfrentadas pela instituição, com o intuito de melhorar o rendimento escolar e a qualidade da educação básica.

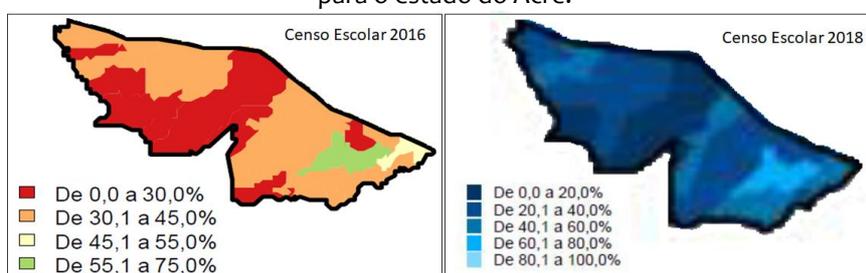
¹ Docente de Física Geral da Universidade Federal do Acre (Ufac), Coordenadora de área do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física.

² Docente pela Secretaria do Estado de Educação - Acre (SEE/AC), Professor Supervisor do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física.

³ Discentes do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Acre (Ufac), bolsista do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física

Em particular, o cenário de professores do Acre que atendem a educação básica ainda não é o ideal. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) nos anos de 2016 e 2018, conforme a Figura 1, o estado exibe a necessidade de formar professores para atuarem na educação básica já que a relação entre docentes em exercícios versus área de formação não chega aos 100%, não só para a componente curricular de Física, mas para todas as componentes curriculares do ensino médio.

Figura 1: Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação adequada no ensino médio por município em 2016 (esquerda) e em 2018 (direita). É apresentado apenas o recorte para o estado do Acre.



Fonte: (Esquerda) INEP, 2017, p. 28; (Direita) INEP, 2019, p. 5.

Na Figura 1 (esquerda) é possível verificar que apenas a parte do mapa em destaque na cor verde, a capital Rio Branco, apresenta o percentual médio entre 55,1% e 75% do total de professores em exercício que são formados na mesma área de atuação no ano de 2016. No censo de 2018 esta realidade não mudou muito, tal percentual ficou entre 60,1% e 80,0% para capital (Figura 1 – direita). Além disso, observa-se que a situação no interior do estado se agrava. Neste sentido, os cursos de licenciatura existentes no estado estabelecem papel fundamental para suprir tal carência. Fato que reforça a importância da permanência e ampliação dos programas de incentivo à docência.

Dada a importância do Pibid para a formação de professores no estado, o trabalho apresenta resumidamente o desenvolvimento do programa, durante sua execução entre agosto de 2018 e janeiro de 2020, especificamente no subprojeto de Física da Universidade Federal do Acre (Ufac) junto à escola parceira Dr. Santiago Dantas, Figura 2. Além disso, alguns depoimentos dos graduandos envolvidos são apresentados. Vale destacar que esta instituição escolar é considerada rural e atende

o público do entorno da mesma. Muitos alunos moram em “ramais” próximos, termo popularmente conhecido como locais mais afastados da rodovia onde é necessário percorrer uma estrada de terra para ter acesso, além disso, boa parte dos alunos ajudam os pais nos afazeres do campo. Esta particularidade da escola fornece alguns desafios para a realização de algumas atividades, uma delas é a dificuldade dos estudantes irem às aulas em dias chuvosos, pois fica inviável sair do ramal por causa dos buracos e da lama. O núcleo de trabalho do Pibid física que atuou nesta escola foi composto por: oito bolsistas remunerados, dois bolsistas voluntários, um professor supervisor e um coordenador de área.

Figura 2: Frente da Escola Estadual Dr. Santiago Dantas.



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física - rede social da escola (2018/2019)

O presente trabalho relata resumidamente as atividades realizadas durante a vigência do programa, bem como o relato dos bolsistas envolvidos. Breves discussões são realizadas com base nas falas dos alunos, ressaltando a importância do Pibid para formação dos professores de Física.

Atividades realizadas

Os licenciandos participantes foram divididos em três grupos para a realização de projetos distintos. A principal atividade desenvolvida na escola tratou-se do acompanhamento das aulas do professor supervisor, bem como a realização de ações de ensino no horário de contraturno para esclarecer as dúvidas e fixar os

assuntos trabalhados em sala. Tais ações foram realizadas nos últimos anos do Ensino Fundamental II e nas turmas de ensino médio. Aqui são apresentadas algumas ações que se destacaram ao longo do programa.

Durante o segundo semestre de 2019 realizou-se uma atividade com o objetivo de trabalhar a autonomia dos alunos do Ensino Médio (EM), Figura 3. A proposta era para os estudantes elaborarem seminários com temas de física de forma contextualizada com o dia a dia e ministrar para os discentes do 9º ano do Fundamental II da própria escola. Para este projeto, aplicado durante dois meses, teve três etapas: (a) separação dos grupos e discutir os temas; (b) estruturação das apresentações e fazê-las para os colegas de classe e os pibidianos responsáveis por acompanhar o projeto; (c) ministração dos seminários aos alunos do 9º ano da escola.

Figura 3: Momentos da atuação dos pibidianos e participação dos alunos da escola no projeto proposto.



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Os alunos das três turmas do 1º ano do EM, voluntários para participar do projeto, totalizando 14 alunos, foram divididos em 2 grupos para trabalhar os temas: “Queda Livre” e “Leis de Newtons”, respectivamente. Eles estudaram os respectivos temas, e desenvolveram esquemas de apresentação mais lúdica, como por exemplo: análise de forças em plano inclinado, no barco e na pista de carrinhos, indicado pelas setas que representam os vetores. Além de utilizarem experimentos com pêndulo simples coloridos e tubos com óleo para simular queda livre (Figura 4).

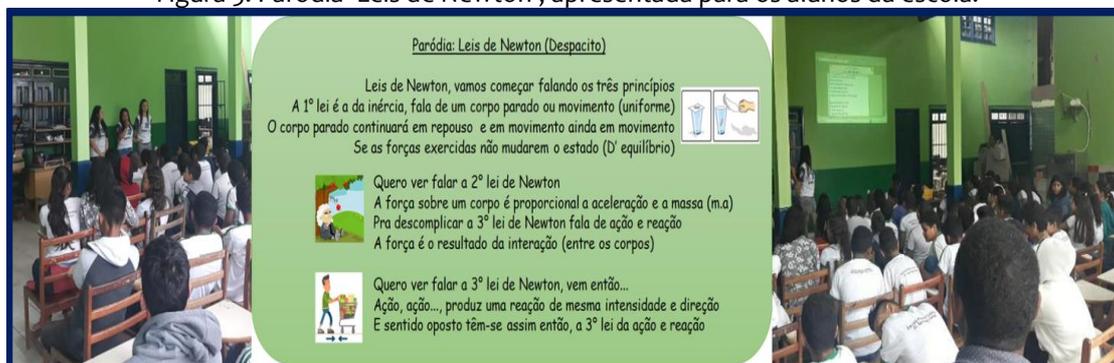
Figura 4: Momento do Seminário para os alunos do Fundamental II.



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Outra proposta de ensino desenvolvida ao longo do programa foi baseada na dificuldade dos professores, neste caso os pibidianos em formação inicial, de lecionar física de forma atrativa. A partir de uma reflexão sobre o conteúdo das Leis de Newton, os graduandos construíram uma paródia para ser utilizada como recurso para trabalhar o tema. Para isso, a prática foi subdividida da seguinte forma: (a) Aula com a exposição do conteúdo (conceitos e exemplos no cotidiano) por meio de slides; (b) Resolução de exercícios no quadro branco, referentes a cada lei de Newton; (c) Apresentação da paródia ‘Leis de Newton’, no qual foi distribuído um papel contendo a letra da paródia em questão para cada um dos 25 alunos da turma. Vale destacar que a atividade envolveu e necessitou da colaboração de toda a turma, apresentando um resultado positivo quanto ao seu uso. Num momento posterior, a paródia foi apresentada num seminário para os alunos da escola (Figura 5).

Figura 5: Paródia ‘Leis de Newton’, apresentada para os alunos da escola.



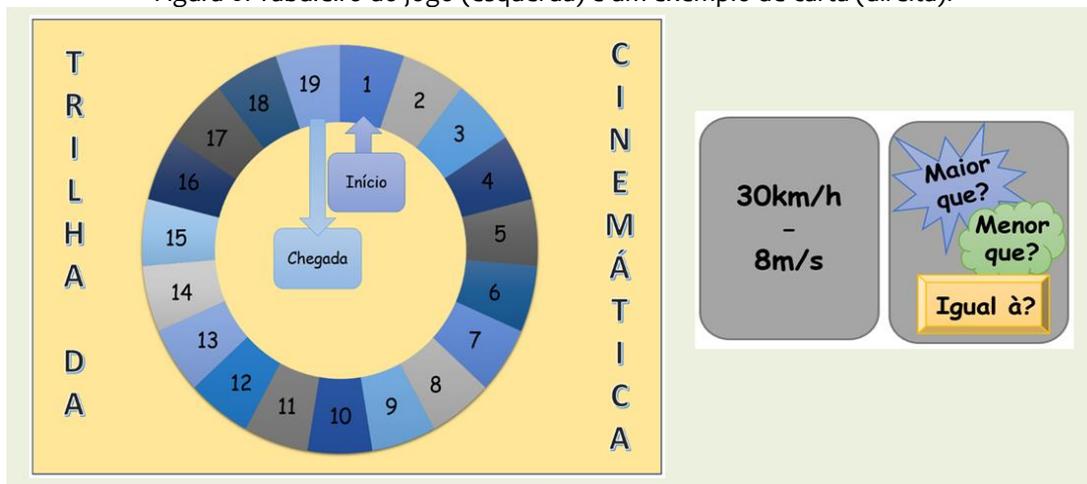
Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Por fim, destaca-se ainda a ação desenvolvida pelos acadêmicos, a saber, o desenvolvimento do Jogo “Trilha da cinemática: maior que, menor que ou igual a”. Este teve por objetivo relacionar a Física com a matemática, na realização de operações de multiplicação e divisão por meio dos desafios propostos no jogo, que envolvia as mudanças de unidades, de m/s para km/h ou vice e versa. Para isso, foi dada uma aula expondo o conteúdo e em seguida a aplicou-se jogo.

Quanto ao jogo “Trilha da Cinemática: Maior que, Menor que ou Igual a” (Figura 6), resumidamente trata-se de um jogo de tabuleiro, pensado para quatro jogadores ou quatro equipes, que são representados por quatro tampinhas de garrafa PET de cores distintas. Para aplicação do jogo, a turma foi dividida em quatro grupos. Segundo o critério dos participantes ou do professor, escolheu-se qual equipe iniciará a competição. Sobre as rodadas do jogo: cada equipe deveria retirar uma carta do montante disponível e responder se as velocidades apresentadas são iguais, ou diferentes. No caso de ser diferente, o jogador deve informar qual valor é: “maior que” ou “menor que”. A aplicação do jogo (Figura 7) que teve a participação de 21 alunos. Durante o jogo os alunos participaram, demonstrando entusiasmo e competitividade.

Vale destacar que em todas as atividades propostas a escola os discentes foram solícitos e contribuíram para o bom andamento das atividades (Figura 8), sem esta parceria os resultados alcançados seriam impossibilitados.

Figura 6: Tabuleiro do jogo (esquerda) e um exemplo de carta (direita).



Fonte: Elaborado pelos autores - Subprojeto de Física (2018/2019)

Figura 7: Momentos da aplicação do jogo “Trilha da Cinemática: Maior que, Menor que ou Igual a”



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Figura 8: Momentos da atuação dos alunos do Pibid na escola



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Além das atividades desenvolvidas na escola, o projeto ainda teve reuniões (Figura 9) para discussões de textos científicos sobre ensino de Física e da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Tais momentos objetivaram esclarecer os graduandos sobre os documentos que regem o futuro ambiente de trabalho e as tendências para área de atuação.

Figura 9: Reunião na Ufac para discussão de textos científicos da área.



Fonte: Acervo do Subprojeto de Física (2018/2019)

Relato dos pibidianos

Um dos principais objetivos do programa é incentivar a docência entre os graduandos da licenciatura, possibilitando uma melhor formação. Neste sentido, o Pibid proporciona uma melhor visão do que é ser um docente, dando uma oportunidade de conhecer os problemas enfrentados nos processos de ensino e de aprendizagem, para possibilitar uma noção prévia dos desafios a serem superados no exercício da futura profissão. A seguir serão apresentados os relatos sobre a experiência adquirida pelos participantes do programa.

“Com o Pibid pude perceber o quão importante é o primeiro contato em sala de aula antes da formação, o programa busca mostrar como realmente é a realidade em uma sala de aula de uma escola pública, ajudando o professor a adquirir uma melhor experiência em seu futuro ambiente de trabalho e contribuindo para o aprendizado dos alunos das escolas selecionadas, é simplesmente inexplicável a diferença que um professor faz quando está ao lado do aluno, dando apoio e ajudando no que for preciso, isso estimula o aluno a querer aprender mais e mais, já que a uma carência de professores na área da Física na rede pública de ensino.” (**Alan Brito Pereira** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“Através do programa eu pude ter a oportunidade de trabalhar em uma sala de aula e vivenciar de perto os desafios enfrentados pelos professores, em minhas análises percebi o quanto é importante o professor ter criatividade em suas metodologias para suprir as necessidades correspondentes do processo de ensino e sempre buscar ministrar as aulas visando à qualidade da educação que se deseja alcançar. Em relação aos projetos desenvolvidos pude adquirir boas experiências, pois concluí que se devem ter ideias inovadoras que agreguem nos conhecimentos que passamos em sala de aula. Ter contato com os alunos do ensino médio no início do curso de licenciatura em física me fez gostar da docência e me motivou a concluir o curso e contribuir da minha melhor forma para o ensino deles. Com a minha participação no pibid descobri a importância de se ter uma boa formação na área de licenciatura, pois os professores são a base para a construção de uma educação de qualidade principalmente nas escolas públicas.” (**Juliana Cherolin Silva de Almeida** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“O programa de institucional de bolsa de iniciação à docência (Pibid) me deu a oportunidade de conhecer a sala de aula e o meu primeiro contato com o ambiente. Ganhei experiência em sala de aula a convivência com os alunos só me mostrou o quanto que é importante o programa, é uma oportunidade incrível poder auxiliar os alunos em suas dificuldades. Foi possível perceber o quanto o programa de iniciação a docência vem ajudando os alunos mostrando o quanto que é importante a interação de alunos e professores. Estou amando participar desse programa pois para mim ele só veio acrescentar ainda mais sobre o ensino/aprendizagem do docente.” (**Leilian Beatriz Dresch** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“O programa pibid foi o meu primeiro contato com a sala de aula no papel de professor, e como primeiro contato logo de imediato tive um choque de realidade quanto ao ensino e aprendizagem dos alunos, por esse motivo me senti mais motivado a continuar no programa procurando absorver e aprender ao máximo com a experiência de ser um docente. Ao decorrer das semanas foi necessário buscar novas formas de ensino, com isso foi trabalhado outras metodologias a fim de se afastar das metodologias tradicionais, fazendo mudanças significativas na forma de como interagir mais com os alunos, tentar imaginar a Física fora da sala de aula, a partir daí que começamos a montar a própria metodologia de ensino com base nas experiências obtidas ao longo do programa.” (**Marcos Vinícius Oliveira da Silva** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“O programa de iniciação a docência está sendo uma ótima experiência para o meu desenvolvimento como docente, e não só para mim como para todos os participantes, o meu primeiro contato com a escola que está sendo desenvolvido o projeto, foi muito bom, tive contato com os alunos da escola e fui muito bem acolhido pela mesma.” (**Mário Víctor de Moraes Batalha** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“No meu ponto de vista o Pibid sempre foi um projeto de duas mãos, pois ao mesmo tempo em que estamos passando um determinado conhecimento, também estamos recebendo em conhecimento e experiência profissional, acredito que muitos professores que não tiveram a mesma oportunidade, passaram por dificuldades no início de suas carreiras profissionais. Sou agradecida por tal oportunidade e acredito que se o Pibid não acabar ele ajudará muitos futuros docentes.” (**Suziane Lima do Nascimento** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

“Eu considero o Programa de Iniciação à Docência (Pibid) um dos projetos mais conceituados nas universidades. A minha participação no mesmo, desde o início até agora, está cada vez se desenvolvendo mais, pois, é através dele que temos a oportunidade de ser um elo entre a teoria e a prática, foi através do Pibid que tive o primeiro contato com os alunos em sala de aula. Apesar da ansiedade e nervosismo, tem sido muito boa essa interação com a escola. Tenho aprendido muito com isso, e me descoberto na profissão que pretendo seguir. Há muitas barreiras, falta de estímulo na educação, dentre outros fatores no caminho. No entanto, tem sido muito gratificante essa experiência.” (**Tamires Aragão Oliveira Cavalcante** – bolsista Pibid, em dezembro de 2019).

Destacam-se nas falas dos pibidianos a importância de ter contato com a escola durante o programa para dar condições de uma melhor formação, entendendo de perto os desafios e problemas da profissão escolhida. Vale ressaltar que para o bom desempenho do professor não basta apenas saber o conteúdo a ser ensinado, ainda é necessário o saber fazer, neste caso, o como ensinar (CARVALHO e PÉREZ, 2009).

Em uma das falas dos graduandos foi utilizado o termo “choque de realidade” sobre o cenário atual dos estudantes do ensino médio, quanto a dificuldades de

aprendizagem. Acrescentado a isso, foi mencionado o fato de lecionar não ser tão simples e exigir do professor criatividade para preparar aulas (BARBOSA e BATISTA, 2016) que minimizem a distância entre os estudantes e o entendimento dos conteúdos.

Os acadêmicos também enfatizam o ganho de experiência viabilizado pela interação com os alunos e o professor. Percebeu-se ainda a preocupação de alguns bolsistas com aqueles graduandos que não tiveram a oportunidade de participar do Pibid, pois se consideram mais preparados em comparação com os que não passaram por esta experiência (DARROZ, ROSA e NETO, 2018). Além disso, a relação entre teoria e prática também foi destacada nas falas, confirmando o estreitamento entre os diferentes espaços de formação de professores: a universidade e a escola (SANTOS, et al, 2018).

Considerações finais

Os relatos de experiência dos acadêmicos mostram que a vivência na escola pode ser enriquecedora para a formação de um professor, pois possibilita o acesso ao espaço de formação real para desenvolver o papel de educador e desempenhar o olhar de perto sobre os desafios enfrentados pelos docentes. Assim, o programa representa uma oportunidade única de fazer o melhor possível como docente ainda durante a formação inicial, com intuito de se construir um profissional criativo e reflexivo sobre o ensino.

Com base nos resultados obtidos pelo programa, destaca-se aqui a importância do programa no desenvolvimento dos futuros docentes para uma formação inicial completa e com vivências reais de sala de aula. Além disso, os relatos dos pibidianos indicam que todos os bolsistas ganharam uma nova visão de ensino. Destacando-se como um programa que aproxima o graduando à docência, possibilitando o enfrentamento dos receios e medos de se portar frente às turmas da educação básica. Esta vivência torna-se valiosa pelo fato de permitir erros por parte dos graduandos, já que ele está sendo monitorado por um professor supervisor e um coordenador de área. Dessa forma, o programa permite aos alunos da licenciatura

um espaço extra de formação para exercer o papel de professor, com objetivo de formar melhores professores para atuar na educação básica.

Referências

BARBOSA, R. G.; BATISTA, I. L. Desenvolvendo a criatividade nas aulas de física. **Física na Escola**, v. 14, n. 1, p. 59-61, 2016.

BRASIL. **Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007**. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. Diário Oficial da União, n. 239, seção 1, p. 39, 2007. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_Normativa_38_Pibid.pdf. Acesso em: janeiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2º versão, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf; Acesso em: Janeiro de 2020.

CARVALHO, A. M. P.; PÉREZ, D. G.; **Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez Editora, 9. ed., 2009.

DARROZ, L. M.; ROSA, C. T. W.; NETO, A. F. Programa institucional de bolsas de iniciação à docência: o que apresentam os periódicos online. **Revista Formação@Docente**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 2018.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica – 2016 Notas Estatísticas**. Brasília-DF, Fevereiro de 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf. Acesso: janeiro de 2020.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica – 2018 Notas Estatísticas**. Brasília-DF, Fevereiro de 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf. Acesso: janeiro de 2020.

SANTOS, B. M.; SOUZA, G. A. P.; PEREIRA, A. C.; PARADA, E. M. S. Formação inicial de professores de física na Ufac: as contribuições e limitações do Pibid. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 5, p. 201-2014, 2018.

Pibid de Física na Escola Estadual Prof.^a Clícia Gadelha: atuação dos bolsistas no contexto do novo ensino médio

Bianca Martins Santos¹
Karla Leite Vilas Boas Nemer²
Acson dos Santos Ciriaco³
Antonio Carlos de Aguiar Silva³
Camargo Vieira do Nascimento³
Carpegiani Ferreira Chagas³
Isac Lima Barbosa³
Jacles Ian Costa Alves³
Jeferson Queiroz da Silva³
João Paulo dos Santos Nunes³
Lucas Freires da Silva³
Victor Roger Salles de Souza³

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid 2018, financiado com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, para o curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Acre – Ufac possui três núcleos de ação. Cada núcleo é composto de 8 bolsistas remunerados, 2 bolsistas voluntários e um professor supervisor que leciona na escola pública parceira do projeto. Em particular, o presente trabalho compartilha as experiências vivenciadas na Escola Estadual Prof.^a Clícia Gadelha (Figura 1), localizada na cidade de Rio Branco, Acre.

Figura 1: Frente da Escola Estadual Professora Clícia Gadelha.



Fonte: Acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

¹ Docente de Física Geral da Universidade Federal do Acre (Ufac), Coordenadora de área do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física.

² Docente pela Secretaria do Estado de Educação - Acre (SEE/AC), Professor Supervisor do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física.

³ Discentes do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Acre (Ufac), bolsista do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física

As atividades na Escola Clícia Gadelha ocorreram durante os 18 meses de vigência do projeto, entre agosto de 2018 e janeiro de 2020, porém com professores supervisores diferentes. Inicialmente as atividades desenvolvidas concentravam-se no acompanhamento das aulas do professor e atividades de resolução de exercícios do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) durante o contraturno para estudantes do segundo e terceiro ano. A proposta era trazer os temas cobrados no ENEM de forma mais contextualizada (BELANÇON, 2017), que fizesse sentido para o aluno. Neste período, até o final de 2018, a escola funcionava com o ensino médio regular. Em abril de 2019, seguindo as orientações do Governo Federal, a Secretaria de Educação do Acre (SEE/AC) começou a implementar as novas matrizes curriculares do Novo Ensino Médio para dialogarem com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, em dez escolas pilotos de Rio Branco. Assim, a partir de 2019, a referida escola passou a trabalhar com o novo ensino médio, regido pela BNCC (BRASIL, 2018).

Durante o ano letivo de 2019 foi necessário trocar o professor supervisor que acompanhava o projeto. A partir desse momento os bolsistas do Pibid passaram a atender os estudantes da escola na realização de orientação de atividades experimentais, reforços de conteúdos ministrados pela professora supervisora e o desenvolvimento de projetos. Além de auxiliar o grupo de estudos para ENEM da escola, durante o contraturno com alunos do segundo e terceiro do ensino médio.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar brevemente as ações realizadas pelos bolsistas durante a execução do projeto, porém com enfoque nas atividades que fizeram parte do novo ensino médio. Os relatos dos acadêmicos quanto às contribuições e limitações do Pibid são apresentados e discutidos, sobre o ponto de vista da formação inicial de professores. Acrescenta-se ainda a experiência da professora supervisora durante sua participação no programa.

Atuação dos bolsistas no contexto do novo ensino médio

Entre as escolas da rede estadual de Rio Branco, Acre, que em 2019 começaram a adotar a configuração do novo ensino médio, a Escola Professora Clícia

Gadelha fez parte desse grupo. Em tais escolas, além da ampliação da carga-horária anual para mil horas, houve a inserção de uma nova filosofia educacional centrada na disciplina Projeto de Vida e nas escolhas de formação dos estudantes através de disciplinas Eletivas que oferecem temas em diversas áreas de ensino.

Com isso, os estudantes contaram com opções de aulas diversificadas, que foram ministradas por meio de disciplinas pensadas para exercitar suas escolhas, sua autonomia e seus conhecimentos sobre assuntos de relevância, como escolhas profissionais, fotografia, ciências naturais, cultura e ideologia. Além de flexibilizar o currículo, abrindo aos estudantes um leque de opções em variadas áreas do conhecimento, as disciplinas eletivas visam aprofundar os estudos e permitir que os estudantes exercitem seu direito de escolha de forma inteligente, desde o Ensino Médio.

Dentro da proposta das Eletivas, a disciplina de Física desenvolveu, a cada bimestre, aulas em forma de oficinas com temáticas que envolveram conteúdos e práticas de ensino em que o aluno se torna protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Neste contexto, os alunos bolsistas do Pibid, na direção da professora supervisora, auxiliam em todo o desenvolvimento das oficinas com orientações teóricas e práticas no turno matutino e vespertino e, também, no atendimento aos alunos, com acompanhamento pedagógico para sanar as dúvidas dos alunos relacionadas ao conteúdo trabalhado em sala de aula pelo professor.

Ainda dentro dos atendimentos aos estudantes da escola, foi realizado um reforço escolar com a prática de resoluções de exercícios e explicações de experimentos físicos por meio de programas computacionais, como Phet⁴, para melhorar a contextualização dos conteúdos. Todo atendimento foi feito em horários organizados pela professora supervisora no contraturno e acompanhados pela Coordenação Pedagógica da Escola de todas as atividades desenvolvidas. A seguir são detalhadas a participação do Pibid em duas eletivas no formato de oficinas oferecidas no primeiro semestre de 2019: “A Ciência dos lançamentos de Foguetes – PRODUÇÃO EXPLOSIVA” e “A criação do Universo, sob diferentes pontos de vista”.

⁴ https://phet.colorado.edu/pt_BR/simulations/category/physics

Eletiva “A Ciência dos lançamentos de Foguetes – PRODUÇÃO EXPLOSIVA”

Nesta oficina exploraram-se os conhecimentos de astronáutica (envolvendo foguetes, satélites e estações espaciais) e aeronáutica (envolvendo estudos sobre aeromodelos e aeronaves). Tais temas direcionadores do programa de ensino, proposto nesta Eletiva, apoiaram a abordagem dos assuntos da mecânica clássica no primeiro ano do ensino médio. Para o desenvolvimento da eletiva, foram utilizadas nove aulas, cada uma com duração de 50 minutos. Inicialmente, foi solicitada aos alunos uma consulta às redes virtuais sobre o tema. Em seguida, nove aulas foram ministradas.

Na 1ª Aula foram listadas no quadro as possibilidades de materiais para a construção de foguete a partir das sugestões dos estudantes. Na 2ª Aula os estudantes trouxeram: garrafa PET, fita adesiva, balão, tesoura, pasta plástica, alfinete, régua, entre outros materiais. Na 3ª Aula foram introduzidas durante a aula as transformações físicas e químicas, reações químicas, leis de Newton e forma geométrica. Na 4ª Aula o professor-orientador discutiu com os discentes assuntos relacionados à inter-relação entre Ciência. Na 5ª Aula abordaram-se temas de Tecnologia e Sociedade, assuntos tais como: lixo nuclear, tecnologias de lançamento de foguetes, propulsores, possibilidades tecnológicas para a construção de projéteis.

Na 6ª e 7ª Aula os estudantes iniciaram, em grupo, a construção dos foguetes (SOUZA, 2007), de acordo com as orientações do docente/orientador e com as consultas às redes virtuais. Na oportunidade, entrou o recurso experimental da tecnologia artesanal de foguetes, envolvendo a construção, pelos alunos, de arquétipos da engenharia espacial (Figura 2). Na 8ª e 9ª Aula os educandos lançaram os foguetes a partir das reações químicas. Esse processo possibilitou que os alunos tornassem protagonistas tanto no quesito de novos conhecimentos, quanto de ações que envolvem tecnologias educacionais, como as multimídias que despertam o interesse dos jovens.

Figura 2 – Oficina: “A Ciência dos lançamentos de Foguetes – PRODUÇÃO EXPLOSIVA”.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

Como resultado, verificou-se que os alunos da escola que participaram da eletiva gostaram da atividade proposta, como destacado nas falas dos estudantes:

“A primeira eletiva foi a mais marcante da história. Eu e a minha equipe fizemos um foguete com recursos recicláveis, onde usamos garrafa pet e outros itens. O combustível era apenas bicarbonato de sódio e vinagre. Foi uma experiência espetacular. Eu e minha equipe ficamos muito felizes pelo resultado que deu no final. Nosso foguete se chamava “Gato a jato”. Esse foguete ultrapassou seus limites de lançamento e superou os outros concorrentes. Nunca pensei que aprender física podia, também, ser divertido.” (Aluno A – 1º Ano do ensino médio, em outubro de 2019)

“Eu gostei muito da eletiva sobre foguete e o melhor dela, foi como criar um foguete de maneira que ele funcionasse. O melhor momento foi vê-lo voar, achei impressionante e o conteúdo que eu mais aprendi, foi a reação do vinagre com o bicarbonato, os dois juntos formam gases que dentro do foguete de garrafa pet, fazem força para outro lado e empurra o foguete para frente com muita velocidade. Eu gostaria de ter mais eletivas como essa.” (Aluno B – 1º Ano do ensino médio, em outubro de 2019)

Nas falas é possível perceber que a forma como o assunto foi abordado, com o uso da aula prática, permitiu uma interação real do estudante com o conteúdo. Momentos como estes ficam marcados e podem promover situações de aprendizagem no ambiente escolar.

Eletiva “A criação do Universo, sob diferentes pontos de vista”

Considerando o fato de que desde a antiguidade, as teorias científicas e não científicas buscam entender a origem do Universo, este representa um tema que

chama a atenção e atrai a curiosidade de muitos, uma oficina nesta temática foi proposta. Dentro deste assunto, algumas perguntas podem ser enunciadas, por exemplo: “Como e onde tudo começou?”; “Podemos entender o passado?”; “Como prever o futuro do universo?”, entre outros. Durante a ação de ensino proposta, perguntas motivadoras como estas foram feitas para motivar os estudantes a pensarem sobre o tema. Na oportunidade foi apresentada a teoria mais aceita atualmente, a do Big Bang, a grande explosão cósmica que deu origem ao tempo e ao espaço tal como se conhece, há cerca de 15 bilhões de anos. Desse momento em diante, galáxias, estrelas e planetas se formaram a partir de elementos físico-químicos primordiais.

Partindo do estudo do modelo cósmico gerado pelo Big Bang, busca-se atualmente responder de onde veio a matéria que conhecemos e que forma o universo (estrelas, Sol etc.), nosso corpo e o de todos os seres vivos. Nesta perspectiva, durante a oficina proposta (Figura 3) foram utilizados vídeos sobre o tema mediados por debates.

Figura 3 – Oficina: “A criação do Universo, sob diferentes pontos de vista”



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

Ao final desta eletiva alguns os alunos participantes foram convidados a exporem um breve depoimento sobre o que acharam da mesma. A seguir estão destacadas algumas falas.

“Na segunda eletiva, também foi importante, onde vimos várias teorias da criação do universo, aprendemos sobre as estrelas e o nosso sistema solar e no final acompanhamos um eclipse solar, ao vivo, do Chile. É muito legal aprender sobre o espaço!!!” (Aluno A – 1º Ano do ensino médio, em outubro de 2019)

“Na segunda eletiva, o que eu mais gostei foi a Teoria do Big Bang, como tudo aconteceu de uma explosão, da explicação da formação da Lua e de todos os planetas.” (Aluno B – 1º Ano do ensino médio, em outubro de 2019)

Pode-se perceber que o despertar da curiosidade sobre o tema foi o ponto chave do posicionamento dos alunos. Vale ressaltar que durante o ensino médio a boa parte dos alunos, quando se identificam e se interessam por um assunto, persiste em conhecer mais sobre o tema. O interessante dos depoimentos é o foco dado pelos alunos ao apontarem o conhecimento sobre o tema como uma situação prazerosa.

Experiências do professor supervisor

O programa Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica promovendo a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas, sob a orientação de um professor supervisor da área. Neste contexto, o professor supervisor desempenha um papel fundamental de conformador (CHALUH, 2018) que possibilita o bom andamento do programa, pois o acadêmico da licenciatura vivencia de perto a rotina escolar deste docente. O depoimento da professora supervisora destaca a importância do programa para educação básica:

Diante do cenário atual, vivenciado por muitas das escolas públicas, onde não se dispõem ainda de todos os ingredientes para oferecer um ensino gratuito e de qualidade, precisamos buscar alternativas que possam ajudar no desenvolvimento de competências e habilidades que gerem ações efetivas para melhorar a qualidade do ensino nas escolas. Portanto, para mudar a concepção dos alunos sobre o ensino de física na escola, o Pibid/Física lançou mão de práticas pedagógicas voltadas para a experimentação com o intuito de fazer a junção teoria-prática. Através das atividades desenvolvidas pelos bolsistas sobre a supervisão do professor da disciplina, várias as apresentações de experimentos de física têm acontecido em sala de aula e vem se tornando rotineiras, contribuindo significativamente para o aprendizado dos alunos. O Subprojeto tem procurado através de suas ações, levar os alunos a desenvolver uma maior capacidade de pensar cientificamente, tornando-os assim cidadãos mais críticos. Um grande desafio encontrado pela equipe de alunos bolsistas, nos primeiros momentos do subprojeto dentro da escola, foi justamente a falta de interesse dos alunos pela disciplina. Com o passar do tempo e com os desenvolvimentos das atividades o quadro atualmente tornou-se mais

animador (Karla Leite Vilas Boas Nemer, professora supervisora do Pibid, em outubro de 2019).

Ao mesmo tempo, o professor supervisor ao participar do programa passa por um processo de formação continuada (BECKER, KELLER e SAWITZKI, 2017). Uma das situações que exemplifica isso se refere ao fato dos graduandos serem provocados durante as reuniões de discussões na universidade com a coordenadora de área a desenvolverem formas atrativas para ensinar física, e em contrapartida, os estudantes levam estas reflexões para o professor supervisor. Em conjunto, ações de ensino foram desenvolvidas, elaborados pelos acadêmicos e aplicados na escola com o acompanhamento do professor supervisor e coordenador de área. Dessas atividades, trabalhos científicos foram construídos e apresentados em eventos científicos (Figura 4).

Figura 4: Apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos pibidianos em eventos científicos.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

Reforça-se assim a ação de permanente formação por parte do professor da escola, já que ao pensar e fomentar novas práticas de ensino, como exemplo as propostas de oficinas relatadas anteriormente, este precisa se aprimorar e aperfeiçoar para garantir o bom andamento da atividade.

Experiências dos licenciandos: bolsistas voluntários e remunerados

O Pibid traz contribuições para todos os envolvidos a começar pela escola parceira que durante a vigência do programa recebe ações de ensino que colaboram para a aprendizagem dos alunos (SILVA, 2015). Bem como para a universidade, destacando-se o desenvolvimento profissional (DA SILVA, 2015) do coordenador de área que ao estar mais próximo da escola de educação básica repensa a sua prática e propõe novas situações de ensino no âmbito da licenciatura e da escola parceira. Além dos principais beneficiados pelo programa, os acadêmicos da licenciatura que dispõem de dois espaços de formação: a universidade e a escola. A presente seção está dedicada à fala dos graduandos participantes dos Pibid. Com base no posicionamento dos estudantes, algumas discussões são feitas na sequência.

“O Pibid nos dá a oportunidade de termos um contato maior não somente com a sala de aula, mas também com o ambiente escolar e professores, o que nos ajuda a ganhar certa experiência. Antes de ser inserido nesse programa não tinha a menor noção de como ocorria esse processo, com base nas orientações dos professores e com algumas das práticas que tive no programa criei certa experiência para que de certa forma depois de formado, a sala de aula e o ambiente escolar, a parte de planejamento e até mesmo o contato com o aluno não seja algo novo pra mim. (...) Durante o programa tive algumas surpresas acabei percebendo que não é tão fácil como eu pensava exercer o papel de professor você está ali com um propósito de levar o conhecimento para o aluno e nem sempre é correspondido. Tendo um contato maior com os alunos percebi que existe um desinteresse principalmente com a física, pois é uma disciplina que a maioria julga difícil e poucos são os que entendem a real importância dela na nossa vida. Com base nisso pude perceber que como futuro professor eu tenho que fazer com que meus alunos não somente entendam a física, mas achem uma razão pela qual a estudam para que futuramente eles possam inspirar alguém a gostar de física assim como um dia eu fui inspirado.” (Acson dos Santos Ciriaco, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“No Pibid, no qual tenho prazer de participar, pois julgo muito importante para a minha formação acadêmica, tenho a oportunidade de estar na sala de aula, no local onde vou estar após a conclusão do curso. Com o programa, temos a oportunidade de perder o “medo” e enfrentar uma turma com 40 alunos, além de entender como funciona a sala de aula, não como um simples aluno, mas sim na função de professor responsável pela sala de aula. Logo, considero o programa Pibid muito importante e nos oferece uma oportunidade de vermos as principais dificuldades enfrentadas por professores. Sem a existência de um programa como o Pibid não íamos ter isso tudo ao nosso favor. Provavelmente não íamos chegar numa sala de aula pela primeira vez, e proporcionar uma aula de qualidade sem os conhecimentos e experiências obtidas durante este

projeto. Assim, teríamos muitas dificuldades no momento que fossemos exercer a profissão de professor” (**Antônio Carlos de Aguiar Silva**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Por meio do programa Pibid de Física, realizado na Escola Prof.^a Clícia Gadelha, foi possível obter um primeiro contato com alunos e com o ambiente escolar, assim passamos a entender e compreender a relação professor-aluno, os modos de como lidar e tratar alunos na sala de aula de modo prático, aspectos burocráticos quanto professor e suas responsabilidades. Neste contexto desenvolvemos novos métodos de ensino, como uma ferramenta de atrair e despertar a atenção dos alunos aos conteúdos de Física, de tal maneira que pudéssemos tirar as dúvidas e proporcionar conhecimento aos diferentes níveis de alfabetização dos alunos. Com isso, o programa Pibid permite e possibilita exercermos a função quanto professor, além de oferecer uma preparação a nós alunos de graduação uma experiência e agregação de conhecimento e valores, preparando-nos para os aspectos de escolaridade, relações interpessoais professor-aluno/aluno-professor, aspectos burocráticas e diretrizes escolares, no qual este programa tem um papel fundamental na formação e na preparação de profissionais na área de física e outras áreas” (**Camargo Vieira do Nascimento**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Para o meu entendimento o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), tem contribuído de maneira grandiosa para a formação dos futuros docentes, uma vez que com essa experiência o futuro professor tem a possibilidade de vivenciar na prática, os desafios que a sala de aula que o universo escolar oferece. Essa experiência permite um universo de trocas. Ao aluno de licenciatura, pois este tem a possibilidade de encarar a realidade vivida por um profissional experiente e partir daí saber se realmente é este o caminho que deseja trilhar e em contrapartida o professor que tem a vantagem de poder se apropriar de novos conhecimentos e renovar as suas práticas. (...) O programa oferece como afirmado anteriormente uma gama de vantagens, para descrever algumas podemos citar a troca de experiências entre o professor regente e o aluno de iniciação a docência; A possibilidade do aluno de licenciatura aplicar as teorias estudadas na prática do ensino; a contribuição com a mão de obra para atuar na rede pública, que sabemos é sempre necessitada. (...) Mas no bem da verdade nem tudo são rosas como diria o poeta, podemos detectar algumas falhas na logística do programa como por exemplo a falta de monitoramento eficiente das ações dos Pibidianos (alunos bolsistas do programa), uma que muitas pessoas não utilizam com boa fé e acabam banalizando e não fazendo o que lhe é devido, executando um trabalho de má qualidade. Mas é preciso ressaltar que esta fatia do bolo representa uma porcentagem bem pequena, pois a grandes maiorias das pessoas envolvidas no programa seja de forma direta ou indiretamente, é composta por pessoas que amam o ensino e desejam cada vez aprimorar o sistema de ensino brasileiro.” (**Carpegiani Ferreira Chagas**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Entrei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em agosto de 2018, era aluno do quarto período no curso de licenciatura em física, desde então com o decorrer das atividades do projeto, indo na escola e tendo conversas informais com a professora supervisora, meu grupo e eu fomos expostos à informações tanto de como o professor deve ser dentro de uma sala de aula, como também como deve ser fora da sala. Com o Pibid

podemos ver o sentido do que estudamos na universidade, conseguimos enxergar que todas as disciplinas abordando assuntos que não iremos apresentar aos alunos de ensino médio servem de base para nós que, no futuro, sejamos os responsáveis para dar uma boa base para nossos alunos. Em relação à atualidade, só não concordo com o programa não ser aplicado em escolas de ensino integral, sendo ela algo recente, penso e que seria interessante o programa acompanhar já que é algo novo no estado do Acre.” (**Isac Lima Barbosa**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O Pibid possibilitou mais contato com a escola, com a relação entre aluno e professor, só que dessa vez, no papel do professor. O contato com os alunos, as experiências vividas e a troca de conhecimentos, tudo isso foi obtido através do programa. Iniciar a docência pareceria difícil sem o programa, pois o mesmo, com seus professores-coordenadores, buscam orientar sempre os alunos do projeto, tanto em seus métodos de ensinamentos, tanto em sua responsabilidade como professor. Tudo isso para que no futuro existam melhores professores na educação, e assim melhorar a educação do país.” (**Jacles Ian Costa Alves**, bolsista voluntário do Pibid, dezembro de 2019).

“Sou participante do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), desde agosto de 2018. No decorrer desse tempo participando do mesmo pude adquirir muitos conhecimentos, tanto no que se refere aos conteúdos como ao caráter profissional de um professor, pois sabemos em si que na universidade nos é passado à teoria, porém a prática só irá vivenciar na sala de aula. Por meio do programa podemos ter essa experiência de vivenciar a sala de aula com um olhar de docente. Outro lado positivo que podemos citar é que o programa possibilita ao professor que atua na devida escola ter uma maior flexibilidade para trabalhar por motivos de ter os universitários que atuam no programa para estarem lhe auxiliando no desenvolver do trabalho escolar. Com isto podemos falar sobre a importância do Pibid para os futuros docentes, onde ao participar do programa poderão ter uma maior experiência quando estiverem formados e chegarem a exercer a profissão, pois muitas das vezes o professor pega só a teoria na universidade e quando consegue se formar que vai pra uma sala de aula, tem muitas dificuldades, como já vi relatos de muitos professores que me deram aula, pois a realidade é muito diferente do que imaginava principalmente em escolas públicas. Dessa forma o programa nos oferece essa experiência que nos ajudará no futuro, pois já iremos ter uma base de como são os aspectos de um professor em sala de aula, no que se refere ao relacionamento professor-aluno e aluno-professor” (**Jeferson Queiroz da Silva**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Enquanto aluno de licenciatura em física tenho muitos pontos positivos a citar com respeito ao Pibid, pois este projeto abriu um leque de aprendizados, quando se diz respeito à prática docente, nos possibilitando o contato direto com os alunos, antes mesmo do estágio obrigatório, tornando possível compreendermos o tamanho da responsabilidade que iremos carregar enquanto professor, principalmente quando se fala de escola pública em bairros periféricos, onde a violência e o crime organizado tem se expandido consideravelmente, e tem afetado indiretamente e muitas vezes diretamente o cotidiano da escola e conseqüentemente dos docentes e alunos. Em virtude disso o Pibid vem nos trazendo experiências

que só tem agregado em nossa vida como aluno de graduação e principalmente como professor, além de permitir o desenvolvimento de novas metodologias, que visem promover o interesse do aluno e principalmente uma absorção maior dos conhecimentos relacionados à física. Como mediadores estamos conhecendo a fundo o ambiente escolar, o sistema pedagógico de ensino e a implantação do Novo ensino médio, tudo isso vem nos ajudando a evoluir como discente e como docente, visando proporcionar aos nossos futuros alunos uma educação de qualidade” (**João Paulo dos Santos Nunes**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O Pibid é uma experiência fundamental que precisamos ter, para que tenhamos uma melhor visão de sala de aula e chegar mais perto da convivência que um professor tem com seus alunos. O Pibid nos proporciona com as observações feitas em sala de aula, ver como deve se portar um professor mediante uma classe, como ele deve agir e não deve agir. Então, este Programa agrega muito conhecimento empírico, o conhecimento experiencial, para nós discentes, que é de suma importância. (...) Podemos perceber que o intuito do Pibid é nos preparar para o cargo de professor, e isso tem sido feito, pois aprendemos a nos comunicar da melhor maneira possível com cada aluno de acordo com sua dificuldade, para assim alcançar uma maior aprendizagem, extraindo o melhor de cada aluno. Antes do Pibid, não sabíamos na prática quais características que um professor precisa ter, e agora sabemos que a paciência, empatia, amor pela profissão devem existir neste cargo. Com isso, aprendemos as ferramentas necessárias para construirmos uma educação cada vez mais promissora para a nossa sociedade” (**Lucas Freires da Silva**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O programa Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) trouxe como resultado para mim, uma visão de escola, pois no curso de licenciatura em física abordamos alguns conteúdos e metodologia, mas não sabemos como a escola em si está, portando-me uma visão mais ampla e conteudista do que se passa na escola. Logo, foi de suma importância e me trouxe muitos benefícios com graduando, já que pude ver os resultados com os projetos, as pesquisas que eram desenvolvidas na sala de aula e assim aprendendo com os alunos. Claramente o Pibid foi e é um programa que abre as portas para o saber do futuro professor” (**Victor Roger Salles de Souza**, bolsista voluntário do Pibid, dezembro de 2019).

A oportunidade de estar frequentando o espaço real de uma escola é evidenciada nas falas, também é ressaltado que esta ação pode promover uma melhor formação no sentido de desenvolver durante a graduação uma experiência docente. O reconhecimento do acadêmico de que se não tivesse participado do Pibid, teria que enfrentar a sala de aula pela primeira vez somente depois de formado também é mencionado pelos bolsistas. Em uma das falas, o termo “muita dificuldade” foi utilizado para demonstrar a preocupação do aluno da licenciatura em enfrentar a sala de aula sem ter experiência durante a formação inicial. Tais

comentários reforçam a importância do programa para a licenciatura (SANTOS, 2018). Acrescenta-se ainda a fala do estudante que ressalta o privilégio de poder acompanhar a implementação do novo ensino médio, onde na visão deste isso contribuiu para uma melhor formação como docente.

Outra questão evidente nas falas foi o fato de com o Pibid foi possível identificar que o nível de conteúdo dado na graduação é superior ao do ensino médio (CARVALHO e PÉREZ, 2009); porém o grau de importância de que ocorra dessa forma foi percebido por alguns acadêmicos no sentido de que este conhecimento mais profundo sobre a física dá base para ministrar o assunto de forma mais segura.

Algumas qualidades características para o bom exercício do magistério foram percebido por alguns alunos, em uma das falas os termos “paciência, empatia, amor pela profissão” foram mencionados. Esta afirmação feita por um dos participantes permite reconhecer que a docência está sendo construída pouco a pouco entre os participantes do Pibid.

Embora o programa possua muitas contribuições, há de se mencionar que alguns alunos do Pibid não trabalham o que é exigido, principalmente os voluntários. Em uma das falas, este fato foi apontado, um fato difícil de ser remediado no caso de alunos voluntários, pois não há como pleitear que estes trabalhem o necessário de igual forma a dos remunerados.

Outra limitação indicada por um dos acadêmicos foi o fato de programa não poder ter acontecido em escolas de ensino integral do estado, onde tal restrição foi imposta pela Capes pelo fato do professor supervisor não poder acumular bolsa, já que na escola integral este já recebe uma. Com o olhar mais amplo sobre o programa, as diversificações de realidades educacionais só contribuem para fornecer uma formação mais completa para os futuros professores.

A violência que cerca os arredores das escolas também foram citados pelos participantes do Pibid com a preocupação de como isso afeta o ambiente escolar e a relação entre professores e alunos (ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010). De forma geral, foi possível notar que pelas falas dos acadêmicos participantes, o programa contribuiu para o desenvolvimento de um olhar mais sensível dos licenciandos para a docência.

Considerações finais

As principais conclusões do trabalho dialogam com os desafios e conquistas dos acadêmicos da licenciatura sobre o papel do professor, que por meio do programa foram inseridos no dia a dia da escola proporcionando a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar mais de perto. Tais práticas, ainda no período de formação inicial de professores promove a elevação na qualidade dos docentes formados que adquirem ferramentas para fomentar um ensino articulado entre prática e teoria.

Além disso, no trabalho foi destacado o posicionamento dos participantes do programa: os alunos bolsistas remunerados e voluntários, bem como a professora supervisora. Todas as falas indicam pontos positivos quanto à própria participação no Pibid, principalmente aquelas relacionadas a aprender sobre as práticas exigidas ao docente e, com o fato de com essa experiência prévia, desenvolver no graduando a capacidade de criar uma aula inovadora e atrativa para seus futuros alunos após o término do curso.

Referências

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. (org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010.

BECKER, E. P.; KELLER, R. V.; SAWITZKI, R. L. As contribuições e implicações do Pibid na formação continuada em serviço de professores(as) supervisores(as). **Revista Kínesis**, Santa Maria, v.35, n.2, p. 36-42, 2017.

BELANÇON, M. P. O ensino de física contextualizado ao século XXI. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 39, n. 4, e4001, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2º versão, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf; Acesso em: janeiro de 2020.

CARVALHO, A. M. P.; PÉREZ, D. G.; **Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez Editora, 9. ed., 2009.

CHALUH, L. N. Professor supervisor do Pibid: ser docente com capa de gestor. **Periódico Horizontes**, USF – Itatiba, SP-Brasil, e019003, p. 1-17, 2018.

DA SILVA, L. F. **Coordenador de área do pibid: um olhar sobre o desenvolvimento profissional**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências. São Paulo, 2015.

SANTOS, B. M.; SOUZA, G. A. P.; PEREIRA, A. C.; PARADA, E. M. S. Formação inicial de professores de física na Ufac: as contribuições e limitações do Pibid. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 5, p. 201-2014, 2018.

SILVA, Cristina Aparecida Da. As contribuições do Pibid para o aprendizado dos alunos. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 2, n. 2, p. 250-259, 2015.

SOUZA, James Alves de. Um foguete de garrafas PET. **Física Nova na Escola**, v. 8, n. 2, p. 4-11, 2007

Relato de experiência: núcleo do subprojeto de Física do Pibid/Ufac no Instituto Federal do Acre, campus Rio Branco

Bianca Martins Santos¹
Cleyton Assis Loureiro de Souza²
Alysson Luis Farias da Silva³
Ana Beatriz Leite Silva³
Andressa Campos de Almeida³
Bruce Willys da Silva Moreira³
Esau da Silva Bandeira³
Henrique Lima da Costa³

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid iniciou-se no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Acre (Ifac), campus Rio Branco (Figura 1), em fevereiro de 2019. O referido projeto visa, por meio da orientação de um coordenador de área e um professor supervisor, aos alunos da licenciatura em física da Universidade Federal do Acre (Ufac), proporcionar experiências cotidianas pertinentes à formação docente dentro e fora da sala de aula, integrar a formação docente superior à prática docente na educação básica e contribuir com metodologias que possam superar dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 1: Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Acre (Ifac), campus Rio Branco.



Fonte: acervo do subprojeto de Física - <https://portal.ifac.edu.br/crb.html> (2018/2019)

¹ Docente de Física Geral da Universidade Federal do Acre (Ufac), Coordenadora de área do Pibid/Ufac – Subprojeto de Física.

² Docente do Instituto Federal do Acre (Ifac), campus Rio Branco, Professor Supervisor do Pibid/Ufac – Subprojeto de Física.

³ Discentes do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Acre (Ufac), bolsista do Pibid/Ufac - Subprojeto de Física

De forma geral, a licenciatura em física dar o enfoque no conteúdo da área de conhecimento em particular. Saber o que será ensinado é de suma importância para o exercício do magistério, entretanto o saber fazer (CARVALHO e PÉREZ, 2009), neste caso a formação profissional como docente, também necessita de uma atenção especial. Assim, ampliar os espaços para prática e ter contato com o futuro ambiente de trabalho tornam-se essencial para uma boa formação. Neste contexto, o Pibid representa um programa que estabelece a parceria entre escola e universidade na construção de dois espaços de formação de professores.

No presente trabalho são descritas brevemente as atividades que um dos núcleos de ação do Pibid de Física da Ufac. A vigência do programa foi de 18 meses, entre agosto de 2018 e janeiro de 2019. Contou com a participação de 30 alunos, 24 bolsistas e 6 voluntários, divididos entre três escolas públicas de Rio Branco / AC. O núcleo de trabalho descrito no presente artigo iniciou as atividades no Instituto São José. Entretanto, no início do ano de 2019, o grupo foi realocado de escola, e a partir de fevereiro de 2019, o núcleo de trabalho foi recebido no Ifac. Vale mencionar que o núcleo de trabalho que atuou no Ifac começou com a participação de 10 graduandos, sendo dois voluntários; mas finalizou com apenas 8 bolsistas. Houve muita dificuldade em manter os voluntários trabalhando de igual forma quanto os bolsistas, representando um problema observado de difícil solução.

Atividades realizadas

No Instituto São José as atividades (Figura 2) concentravam-se na ministração de aulas durante o contraturno com objetivo de revisar os conteúdos já estudados, resolver exercícios e trazer formas diferenciadas e dinâmicas para apresentar o conteúdo. Como se tratava de alunos do primeiro ano do ensino médio foi abordado os temas de: vetores, leis de Newton e força. Todas as aulas ministradas pelos acadêmicos foram acompanhadas pelo professor supervisor, para auxiliar nas dificuldades que pudessem surgir.

Figura 2 – Momentos das atividades realizadas no Instituto São José.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

No Ifac entre as atividades realizadas, destacam-se o planejamento de atividades laboratoriais para as turmas do ensino médio; a participação dos pibidianos em minicurso de iniciação à pesquisa e estudos em astronomia. Tais estudos teve o objetivo de preparar os pibidianos para atuarem diretamente com o planetário itinerante.

Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2019 foram realizadas atividades de planejamentos de aulas e temas experimentais de laboratório para as disciplinas de Física I, II e III (Figura 3), palestra sobre o Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), minicurso de iniciação à pesquisa (FEJOLO, ARRUDA e PASSOS, 2013) e estudo em tema transversal sobre a Astronomia.

Figura 3: Curso de iniciação à pesquisa (esquerda) e acompanhamento das aulas do professor supervisor (direita).



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

As atividades de planejamento das aulas e temas experimentais (SILVA, NUNES e MERCADO, 2016) foram realizadas e aplicadas nos Cursos Técnicos

Integrado de Ensino Médio de Edificações e Informática para Internet. Pode-se considerar como resultado importante o envolvimento dos bolsistas na execução das práticas de laboratório, onde eles observaram como os alunos se comportavam, diante da comprovação experimental dos fenômenos estudados.

Neste aspecto, sobre a experiência de exercer o papel de professor na prática de laboratório, os pibidianos descreveram que a docência é deslumbrante ao mesmo tempo em que é um campo de coisas incertas, mas, cabe ao professor minimizar as incertezas. Ao desenvolver a atividade de laboratório, por exemplo, na aula prática sobre capacitores diversos problemas ocorreram: itens com defeitos, capacitores que funcionavam em uma tentativa e na seguinte falharam. Esses pequenos impasses consumiram tempo, e neste caso, a identificação prévia dos possíveis problemas que podem surgir durante a aula, poderiam garantir o aproveitamento maior do tempo de aula.

Além disso, com a experiência docente os acadêmicos perceberam que uma grande parte da função de professor é precipitar os possíveis problemas durante a aula, bem como de zelar por sua postura, oratória, além de trazer a interdisciplinaridade para a sala de aula garantindo contextualização e visualização de possíveis aplicações do conhecimento.

Figura 4: (Esquerda) Práticas de robótica. (Direita) Cartazes da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e Olimpíada Brasileira de Física (OBF).



Fonte: (Esquerda): acervo do subprojeto de Física (2018/2019); (Meio): https://impa.br/wp-content/uploads/2019/02/OBMEP_2019_cartaz_web.jpg; (Direita): https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/NOTICIAS/PAGINA_PRINCIPAL/2019/07_JULHO/carta22019_fechado.jpg

Além disso, houve o desenvolvimento de projetos com robótica (Figura 4 - esquerda); e a participação dos pibidianos no acompanhamento da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e Olimpíada Brasileira de Física (OBF), realizadas durante o ano de 2019 (Figura 4 - direita). Os pibidianos acompanharam a prova da primeira fase das duas olimpíadas citadas, onde as provas eram constituídas de questões de múltipla escolha. Os graduandos ajudaram na aplicação das provas na função de apoio, corrigiram as provas e lançaram a nota no site. Depois de concluído esta etapa, os pibidianos incentivaram os alunos que passaram para a próxima fase, a estudarem e se dedicarem. Neste momento, os bolsistas do Pibid disponibilizam horários para auxiliar tais estudantes na preparação para a prova e esclarecimento de dúvidas.

Outra ação marcante durante o desenvolvimento do programa foi à realização de sessões do Planetário. A organização da atividade no planetário foi planejada de forma a apresentar ao público a possibilidade de compreender os conteúdos sem necessariamente gerar expectativas de avaliação. Dentre os objetivos esteve presente o ato de educar para diferentes áreas do conhecimento a partir da astronomia, como ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem dentro das escolas onde foram expostas as sessões (Figura 5). Uma sessão em especial reuniu os alunos do Ifac, realizada na quadra da própria escola (Figura 6).

Figura 5: Imagens das primeiras sessões durante a feira de engenharia na Uninorte, em Rio Branco, nos dias 23 e 26 de abril de 2019.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

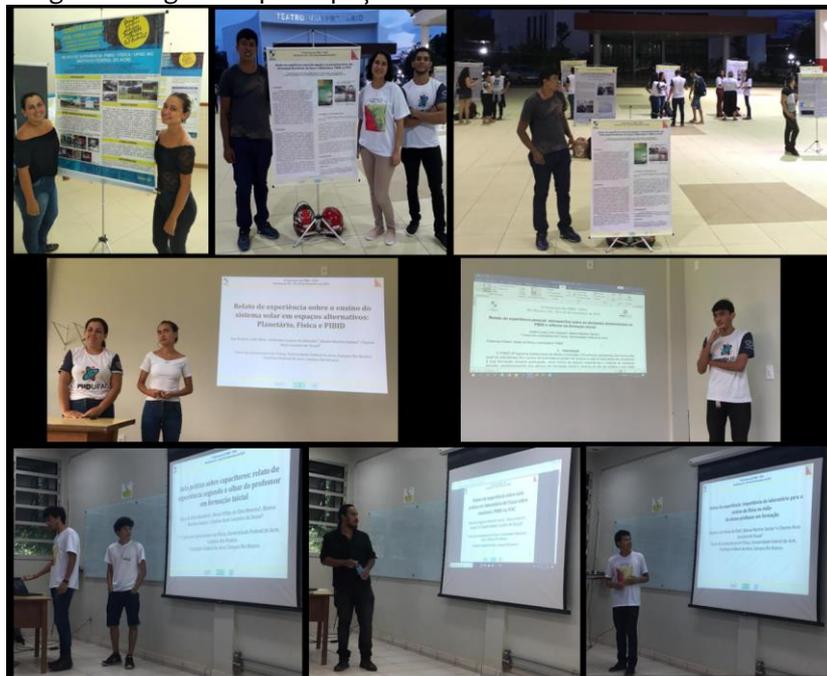
Figura 6: Sessão do Planetário na quadra do Ifac para os alunos da própria escola.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

Os bolsistas também participaram de eventos científicos (Figura 6) com a apresentação de trabalhos no formato de pôsteres e exposições orais. Vale ressaltar que a participação dos graduandos em eventos desta natureza contribui para o desenvolvimento acadêmico e profissional destes alunos, uma vez que a troca de experiências com docentes e outros licenciandos é fomentada nos eventos.

Figura 6: Registro da participação dos bolsistas em eventos científicos.



Fonte: acervo do subprojeto de Física (2018/2019)

Experiências do professor supervisor

Um agente importante para o bom funcionamento do programa e da parceria entre a universidade e a escola é o professor supervisor. Como os estudantes estão semanalmente na escola acompanhando as atividades do professor, o andamento das atividades e a atuação dos bolsistas no programa são regidos segundo o desenvolvimento profissional do docente e as ações que este está envolvido. A seguir é apresentado o depoimento do professor sobre o programa.

Como professor supervisor do Pibid, vejo o programa como inúmeras experiências importantes e excepcionais para os orientandos, que estão vivenciando o dia-a-dia do contexto de uma escola e a execução do trabalho do professor na sala de aula. Além, observo uma ferramenta de profissionalização imprescindível na formação docente.

Inúmeras variáveis são abordadas no decorrer do processo, como: postura profissional dentro e fora da sala de aula, comportamento ético com os alunos, responsabilidade com os conteúdos, linguagem científica abordadas nos temas, entre outros.

Diante dessas variáveis os supervisionados são postos em avaliação quanto a desenvolver interesse pela ciência e a docência, compreender melhor o conhecimento científico e assim explicar melhor os fenômenos da natureza, identificar-se melhor com a ciência e a prática científica visando ser o desenvolvedor de seu conhecimento. **(Cleyton Assis Loureiro de Souza, professor supervisor do Pibid, em outubro de 2019).**

Observa-se na fala do professor supervisor a identificação com o papel de conformador (CHALUH, 2018) dos futuros docentes. Ele ressalta ainda a importância do programa para formação de professores de física (DARROZ e ROSA, 2018). E ao final o educando menciona o identificar-se com a ciência e a docência como benefícios do Pibid aos acadêmicos (PIRATELO, PASSOS e ARRUDA, 2014), ressaltando a importância do programa para a licenciatura.

Experiências dos bolsistas

A presente seção está reservada para o depoimento dos bolsistas participantes do Pibid. Ao final, breves discussões são feitas relacionando as falas dos estudantes com a literatura.

“O Pibid se tornou o alicerce para a minha carreira profissional, a base de todo o conhecimento sobre a vida docente. Universidade pode fornecer o conhecimento para ministrar as aulas, mas a experiência dentro de uma sala de aula é tão importante quanto. Quebrar a expectativa antes de uma responsabilidade consolidada como docente confirma ou recusa a vontade de ser professor. Todos esses motivos e muitos outros fazem do Pibid um excelente programa para a iniciação.” (**Alysson Luis Farias da Silva**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O Pibid é um ótimo programa de licenciatura, pois nos mostra a realidade da sala de aula. Com o Pibid ganhamos mais experiência em relação a dar aula. Um ponto positivo do programa é justamente nos proporcionar a experiência da sala de aula, nos mostra como é ser um professor. Um ponto negativo é com relação às presenças. Alguns alunos não comparecem e nem justificam a falta nos dias de Pibid, isso desmotiva os colegas que também participam (...).” (**Ana Beatriz Leite Silva**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O Pibid é a oportunidade para o estudante de graduação em licenciatura vivenciar experiências que podem o conduzir a descobertas acerca da sua formação acadêmica. Na sala de aula, na interação aluno/bolsista, bolsista/professor, aluno/conhecimento, se torna possível o aluno em licenciatura compreender o espaço escolar e as oportunidades de experiências. Um dos pontos positivos do programa é que ao compartilharmos decisões e desenvolvermos ações conjuntas, promovemos avanços individuais significativos e aumenta-se a qualidade do trabalho realizado.” (**Andressa Campos de Almeida**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“O Pibid tem sido uma ferramenta fundamental para a construção com um profissional na carreira de docência, proporcionando experiências dentro de sala. Tive a oportunidade de lecionar algumas aulas de laboratório, corrigir algumas provas, trabalhos e ajudei alguns alunos a projetar um robô para olimpíada brasileira de robótica. Tive algumas aulas para elaborar meu artigo e palestras sobre o acelerador de partículas.” (**Bruce Willys da Silva Moreira**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Com o programa de iniciação a docência, o projeto trouxe uma experiência que acredito que não seria vivenciado na sala de aula da universidade, o que aprendi em minha experiência como um aluno em postura de professor é de suma importância para a minha formação como professor. O ambiente escolar nem sempre é tão ideal como tratado durante a graduação, há diversos imprevistos e situações particulares. O que agregamos ao nosso desenvolvimento através do programa do Pibid é fundido a noção construção profissional, tornando-nos distintos daqueles que seguem em uma graduação tradicional.” (**Esau da Silva Bandeira**, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

“Pibid é um programa, que tem acrescentado muito na minha vida acadêmica, pois tenho apreendido muito com o professor supervisor, quanto com os alunos com quem trabalhamos, tanto na sala de aula, como no laboratório, onde transferimos nossos conhecimentos para os alunos, ajudando eles nas excursões das atividades laboratoriais, procurando adquirir o máximo de experiência para quando me forma e poder passa

para os meus futuros alunos.” (Henrique Lima da Costa, bolsista remunerado do Pibid, dezembro de 2019).

A fala inicial destaca a prática vivenciada na escola como ponto fundamental para sua formação. A importância do Pibid para a formação do professor de física (DARROZ e ROSA, 2018) também é mencionado em outras falas. Outro fato relatado indica que as orientações sobre escrita de artigo científico e a presença em palestras contribuíram para o desenvolvimento acadêmico (CABRAL e CASTRO, 2018). É ressaltado ainda o diferencial que o programa concede para quem tem a oportunidade de participar em comparação com aqueles que apenas cursam a graduação.

Considerações finais

O programa Pibid propicia aos estudantes, experiências em situações reais de sala de aula junto ao professor orientador, novas no contexto da formação pessoal e profissional. Ao longo do processo é preciso que os estudantes em formação possam consolidar suas expectativas e preparar-se para encarar as demandas em constantes transformações nas escolas.

Inserir o discente desde o início da sua formação no futuro local de trabalho, ou seja, na escola, fortalece o seu desenvolvimento como profissional ao ponto que articula, desde cedo, a relação entre a teoria e prática no processo de ensino e aprendizagem.

A formação docente é um processo que não se encerra ao fim do curso de licenciatura, contínua ao longo da vida profissional do professor, demandado pelas transformações que acontecem na sociedade, por meio da ciência, tecnologia e informação, assim provocam atualizações constantes de seu conhecimento, não ficando preso somente a sua formação universitária.

Ademais, as principais conclusões indicam como o programa tem contribuído para formação profissional dos acadêmicos, de forma a proporcionar uma real articulação entre os conhecimentos acadêmicos e a prática no ambiente

escolar. Neste sentido, o Pibid representa uma ação para confirmação ou não pelos graduandos sobre a carreira escolhida.

Referências

CABRAL, W. A.; CASTRO, B. M. L. A importância da escrita na formação inicial de professores de química: um olhar a partir da revisão de literatura e da vivência de uma bolsista do Pibid. **Revista Pesquisa e Debate em Educação**, v. 8, n. 1, p. 670-687, 2018.

CARVALHO, A. M. P.; PÉREZ, D. G. **Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

CHALUH, Laura Noemi. Professor supervisor do Pibid: ser docente com capa de gestor. **Periódico Horizontes**, USF – Itatiba, SP-Brasil, e019003, p. 1-17, 2018.

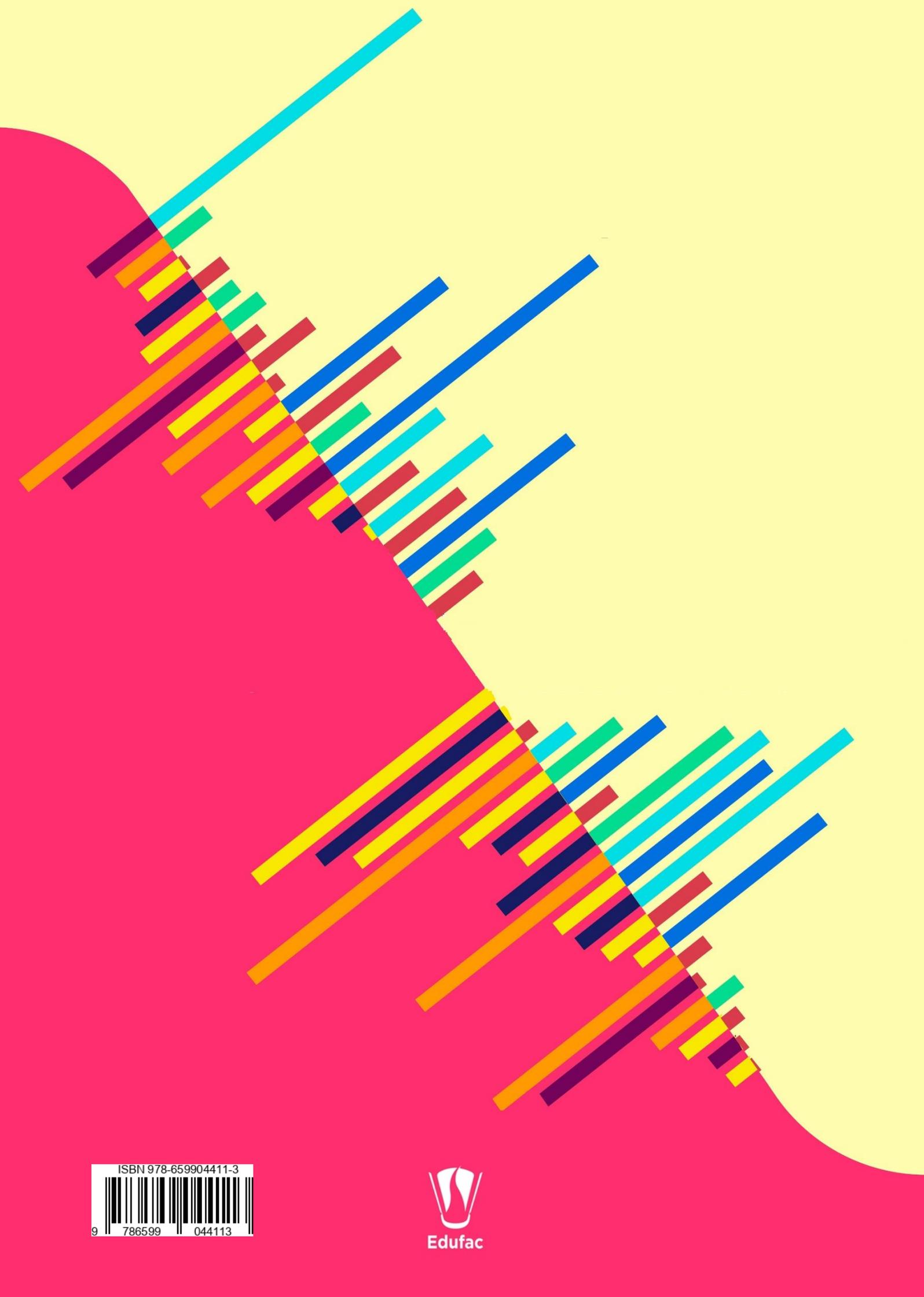
DARROZ, L, M.; ROSA, C. T. W.. Contribuições de um programa de iniciação à docência para o desenvolvimento profissional do professor de Física. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 35, n. 1, p. 21, 2018.

FEJOLO, T. B.; ARRUDA, S. M.; PASSOS, M. M. Aprendizagem científica informal no Pibid: identificando e interpretando os focos da aprendizagem científica. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 30, n. 3, p. 22, 2013.

PIRATELO, M. V. M.; PASSOS, M. M.; ARRUDA, S. M. Um estudo a respeito das evidências de aprendizado docente no Pibid da Licenciatura em Física. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 31, n. 3, p. 25, 2014.

SILVA, I. P.; NUNES, E. T.; MERCADO, L. P. L. Experimentos virtuais no estágio supervisionado de Física. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 33, n. 3, p. 30, 2016.

Universidade Federal do Acre
Editora da Universidade Federal do Acre
E-book disponível em: www.ufac.br/editora



ISBN 978-659904411-3



9

786599

044113



Edufac